

O Que Esperar da Europa?

O Que esperar da Europa

Uma Análise Geopolítica

Luís Mira Pereira

Título: O Que Esperar da Europa – Uma Análise Geopolítica

Autor: Luís Mira Pereira

Edição: Causa das Regras

Capa: David José Monteiro

Fotografia da Capa: Marco Oliveira

ISBN: 978-989-96364-4-6

Depósito Legal nº:

Índice

Prefácio	11
1. Introdução	15
1.1. Relevância e atualidade do estudo	20
1.2. Metodologia	20
1.3. Enquadramento	23
2. Estado da Arte, conceitos e teorias	27
2.1. Estado da Arte	27
2.2. Discussão das hipóteses	29
2.2.1. Hipótese Económica	29
2.2.2. Hipótese da influência Islâmica	31
2.3. Conceitos Chave	32
2.3.1. Geopolítica	32
2.3.2. Estratégia	35
2.3.3. Guerra Económica	36
2.3.4. UE	38
2.3.5. Estados Membros	38
2.3.6. Política Externa	39
2.3.7. <i>Soft Power, Hard Power e Smart Power</i>	40
2.3.8. Interesses nacionais <i>versus</i> interesses da UE	41
2.3.9. Islão	41
3. As <i>Europas</i> da História	43

3.1. O Império Romano	43
3.2. O Império de Carlos Magno	44
3.3. Napoleão Bonaparte e o seu Império	46
3.4. Bismarck e o Imperio Prussiano	49
3.5. Adolf Hitler e o Império de 1000 anos	51
3.6. Estaline e o Império Russo	52
4. As teorias geopolíticas sobre a Europa	55
4.1. Ratzel – Espaço Alemão	55
4.2. Haushofer a visão do mundo	58
4.3. Mackinder, os <i>poderes</i> da terra e do mar	59
4.4. Brzezinski- “A Tríade Geopolítica: América, China, Europa”	60
4.5. Alfred Mahan- “A Geopolítica e o Mar”	61
4.6. Aymeric Chauprade	62
4.7. Alexander Dugin	63
5. Os Desafios ao projeto europeu	65
5.1. A geopolítica ajudaria a pensar a Europa?	65
5.2. Globalização	67
5.3. Economia	68
5.4. Inteligência Económica	72
5.5. Os “novos” Meios	78
5.5.1. Sociedade do Conhecimento	78
5.5.2. Revolução 2.0	81
5.5.3. O Caso “Otpor”	86

O Que Esperar da Europa?

5.6. Governação Europeia	89
5.7. O Declínio do Ocidente	95
5.8. Laicismo, Cristianismo ou Islamismo	96
6. O Ventre Mole da Europa	99
6.1 Primavera Árabe	103
6.2. Ligações controversas	105
6.3. As Interações Espaciais	107
6.4. A Eurásia	109
7. Respostas da União Europeia	113
7.1. Política Europeia de Segurança e Defesa, PESD	113
7.2. Os atores Táticos da União europeia	117
7.3. Europa na <i>Cena</i> Internacional	119
Conclusões	125
Questões centrais	125
Bibliografia	130

Luís Mira Pereira

Nota de edição

Gostaria de agradecer a todos aqueles que leram a primeira edição, cujo *feedback* me tem dado grande ânimo e vontade de continuar no estudo desta matéria. Reconheço ainda o caráter temporal deste estudo pelo fato de se focar na atualidade e por esta se encontrar em constante mudança. Daí a necessidade de uma segunda edição com novos elementos e introdução do pensamento de novos autores nomeadamente o russo Alexander Dugin.

Luís Mira Pereira

O Que Esperar da Europa?

Deus esteve com este menino.

Ele cresceu, habitou no deserto e tornou-se um hábil arqueiro¹...

Os meus agradecimentos à minha família, por toda a atenção merecida que não lhes dei; em especial para a minha mulher e meus filhos.

A todos os que me apoiaram no deserto...

Aos meus professores, pelo conhecimento que me transmitiram, sem o qual não teria desenvolvido um sentido apurado na análise das ciências sociais; em especial ao meu orientador Professor Doutor António Marques Bessa.

O meu obrigado e um Bem-haja.

¹ Bíblia Genesis 21,20.

Luís Mira Pereira

Prefácio

Que Europa se discute ainda hoje: o Princípio ou Federação?

A Europa é uma designação vaga para um espaço ainda mais vago. Preenchido por povos que foram chegando dos mais diversos lugares no Continente Asiático tem mais de 25 línguas correntemente falados por povos graís e mais de 200 por etnias com tradição, sem falar dos imigrantes principais da *Índia que com o nome* de ciganos, gitanos, zíngaros, *gypsies*, percorrem as suas terras numa levada de povos do vento, que nunca foi bem entendida por todos nós.

O investigador limitou-se a verificar que a diversidade não assegura a unidade de fins. E isso viu-se para o pretense Exército Europeu, e este problema verificar-se-á para tudo, mesmo para a manutenção da moeda, porque projeto algum começa na moeda, embora seja onde tudo acaba. Na verdade, a Europa como situação está posta em causa nos Estados Unidos, na China e nas Rússias, mesmo no Brasil. Tantas teses e nenhuma tiveram a coragem da falar sobre a debilidade do projeto franco-alemão. Os países pequenos e dirigidos por classes dirigentes “saloias” viram aqui uma árvore das patacas. Também ela secou nas raízes e não se viram grandes protestos por o sonho ser arrancado da mão dos anões. É que os anões não tinham lido história e não percebiam qual era o seu lugar. Agora acordaram tarde, com a sua estrutura financeira minada e o seu secundário destruído. O terciário, os serviços do Estado, avançam para se afundar e isso ver-se-á dentro de pouco tempo, infelizmente para o povo.

Mas o povo não terá aprendido que paga todos os erros, que paga até ao último cêntimo o que aceitou com um mugido de vaca levada ao matadouro pelos ricos detentores do poder, que se marimbam para o bom povo que dizem governar, segundo estatísticas que a Historia condena e relativiza. Será que o Povo estará condenado a enriquecer os espertos na Europa toda como na Grécia antiga?

Luís Mira Pereira

Na verdade o livro debate este problema e creio que o debate se encontra dentro das marcas em que pode ser aceite para uma prova académica, que se impusera, e na sequência de temas que são de discutir.

A temática é tão só uma mensagem de atenção do que se pode vir a ocorrer. Já se está a passar o que nunca houve: países falidos a recorrer ao FMI, países que são autênticos protetorados como Portugal, países em dificuldades extremas com a Islândia e a Irlanda. Como sempre de fora, a Libra, as *pound* inglesas, porque os ingleses não são estúpidos dentro da sua “Ilha Coroada”. A coroa norueguesa resiste, contra tudo o que puder vier, não admira que a coroa suba no mercado das moedas.

O que importa é cultivar a distância e apreciar sempre o que eu disse nos livros que escrevi: a política externa é muito fácil de fazer, mas as consequências dela são pagas pelo país enquanto os governantes são presos e enforcados ou se põem em fuga. Vejam-se os casos de Hussein no Iraque, de Mubarak no Egipto, de El Assad na Síria, do rei de Marrocos, mais outro Mohamed Aluita entre dois fogos, do presidente do Afeganistão que é Presidente da Cidade Kabul e se considera chefe das tribos selvagens que infestam toda a zona, que se convencionou entre as potências dominantes dar esse nome funesto.

Pois é: Portugal caminha aceleradamente para situações ainda mais degradantes, que pavimentam o caminho para beijarmos os pés aos novos dominadores. Ninguém disse que os “lusitanos”, celtas vindos das montanhas helvéticas, eram cobardes e maus. O que é certo é que a organização de Roma acabou com o seu domínio, tirou os celtas dos pontos altos (os castros) e colocou-os nas quintas romanas como escravos e colocou outros nos vales e nas planícies a trabalhar para eles. E aconteceu assim a ponto da Província da Ibéria ser descrita como *provincia innermis*, ou seja, desarmada, que não oferece perigo. É como estamos novamente e eu sou muito otimista.

O Que Esperar da Europa?

O livro é não só um compêndio para os que não pensam na Europa do lado de lá do arame farpado que lhes construíram no cérebro, mas um convite a explorar um novo filão: A Europa, entre agonias, vai entrar em colapso total e o dinheiro já está a procurar novos destinos, como os ratos antes das naves se afundarem. E isso não é, já por si, um sinal?

António Marques Bessa
Doutor, Agregado, Professor Catedrático Efetivo

Luís Mira Pereira

1. Introdução

A União Europeia enfrenta desafios crescentes, numa *arena* cada vez mais competitiva, dividida pelos interesses nacionais e transnacionais e a sua inaptidão pode levar ao seu desmembramento, podendo trazer consigo os “antigos” *cavaleiros do Apocalipse*...

Este livro teve como base uma dissertação de mestrado do mesmo autor designada por: *Uma Análise Geopolítica da União Europeia do Século XXI* pretendendo dar o seu contributo para o entendimento da Geopolítica no espaço europeu, onde o estudo dos seus actores e linhas vectoriais assumem uma vital importância, para o esboço deste espaço geográfico, com suas “gentes”, suas capacidades e vontades.

O conceito de *conflito* assume importância nesta dissertação uma vez que se direcciona para a estratégia, cujo estudo pode antever e levar à “correção de trajetórias”, que no seu culminar poderiam levar à guerra. O estudo polemológico permite, desta forma, a contribuição de um encaminhamento da tão desejada *Paz Perpétua*², nas relações entre os Estados-Nação.

Para Clausewitz, a guerra seria a continuação da política por outros meios, trazendo ainda o conceito de Guerra Total (através do envolvimento coletivo e com todos os meios disponíveis).

O estudo dos fenómenos políticos passa por uma abordagem Trinitária ou uma Trilogia das sociedades políticas, descrevendo o primeiro como *Forma do Poder* que está relacionado com o Direito Constitucional, o segundo como *Sede do Poder*, onde os interesses dos Grupos e Partidos são abordados e desenvolvidos, tal como o domínio da Sociedade Civil, cuja área de análise passa pela sociologia política, tal

² Kant, Immanuel

como pela Geopolítica, e por fim a Ideologia, que consiste na forma como esta interage com as duas outras³.

A *ideologia* passa desta forma a motor impulsionador de toda uma dinâmica que são as regras, os interesses e as vontades expressas em ideias ou através de um Ideal, em que temos um determinado grupo, que para manter o poder tem de criar regras, de forma a mantê-lo. Daqui chegamos ao conceito de poder dominante e respetivo grupo de dominados. Esta relação existe desde sempre: um determinado grupo dominador, seguido por uma luta pelo poder por um determinado grupo e o respetivo resultante deste confronto. Embora atualmente as ideologias tenham perdido alguma importância, espaço este onde os interesses económicos por vezes se possam sobrepor.

Os conflitos sempre existiram desde tempos imemoráveis, entre elementos da mesma espécie ou de espécies diferentes, ou entre indivíduos ou grupos da mesma espécie, são disso o exemplo os irmãos Abel e Caim⁴. A evolução dá-se neste confronto numa dinâmica Hegeliana em que temos a Tese, a Antítese e a Síntese.

O conflito, segundo algumas escolas sociológicas, é visto como o ponto de desequilíbrio entre as várias forças, tal como “Leviathan”⁵, que deve estar em repouso, equilibrado, tal como as forças que o compõem. Pode ser, em bem da verdade, designado este processo como o confronto ou luta entre vontades antagónicas.

Para estudarmos o conflito temos de aprofundar o antagonismo, tal como uma oposição, que procura assumir uma determinada superioridade em relação à outra parte. Podendo ser doravante designado por contrário ou inimigo aqueles que se digladiam, independentemente das arenas ou armas escolhidas, a visão referente

³ Lara, António Sousa, *Ciência Política*, ed. ISCSP 2005, pp. 54.

⁴ Bíblia, Génesis 4,8

⁵ Bessa, António Marques, *O Olhar de Leviathan. Uma Introdução à Política Externa dos Estados Modernos*, ed. ISCSP Lisboa

ao outro funciona como parte ativa e reativa, sempre com o objetivo de o suplantar, “vencer a contenda”.

A metodologia utilizada no processo de aniquilamento poderá passar pela Coação Militar, Coação diplomática, Guerra Psicológica, Coação Económica/Financeira e por fim a Coação Política clandestina, porque subversiva, no “interior” do adversário⁶.

A sobrevivência das nações é defendida através de uma linha de *Intelligence* que antecipa os ataques *Smart Power*⁷, prepara a defesa *Hard Power* e define as estratégias nacionais, tomando as medidas necessárias para a implementação das medidas eficazes à criação de condições para o sucesso e respetiva sobrevivência do grupo como dos indivíduos. Quando esta sobrevivência é colocada em causa, os grupos redirecionam as suas vontades e respetivamente desenvolvem novas ideologias ou adaptam às existentes, partindo desta para o conflito de interesses, que poderá ou não passar para um outro nível.

Como as relações de forças são muitas vezes desproporcionais, os grupos subjugados tendem a partir para o confronto encoberto, devido à assimetria de forças, recorrendo a estratégias subversivas, podendo fazer recurso do Hard Power ou mesmo utilizado um Mix de Poderes; Militar (guerrilha com recurso ao terrorismo), Diplomático (propagandístico) e Económico (recorrendo a formas de financiamento para manter a ação armada e ataque ao tecido económico do grupo dominador), podendo levar ao conceito de Guerra Total⁸.

⁶ Vicente, João, *A relevância estratégica do Poder Aéreo numa Aproximação às Operações Baseada em Efeitos*, RCAAP, http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/1077/1/Vicente_Poder%20Aereo.pdf 17-11-2011

⁷ Nye, Joseph.

⁸ Duarte, António Paulo, *A Visão da “Guerra Total” no Pensamento Militar*, Revista Nação e Defesa, 2005, nº 112, pp. 33. http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/1150/1/NeD112_AntonioPauloDuarte.pdf 13-12-2011

Segundo o general Beaufre⁹ a estratégia não deve ser uma doutrina única, mas um método de pensamento sinalizando o processo das escolhas que deveriam orientar a busca eficiente das soluções possíveis no campo militar. Recorrendo ao conceito de estratégia Total, as partes antagonicas fazem recurso de todos os meios e cenários.

Nesta dissertação vamos utilizar a Geopolítica como ferramenta de análise estratégica, para entendermos a União Europeia no século XXI. O seu estudo de caso possibilita o entendimento das suas dinâmicas, como dos seus desafios, pois sem uma análise de meios internos e externos torna-se impossível traçar linhas estratégicas, colocando-se o projeto em risco.

As variáveis que escolhemos para estudar e que influenciam a atitude geopolítica são: 1) a guerra económica e 2) a religiosa/cultural, concretamente a influência do Islão.

O Projecto Europeu passa atualmente por inúmeras dificuldades. A sua indefinição, acontece em todos os desafios que o esperam nos inúmeros planos, a saber: o económico, o político, o estratégico e o social. Este “esboço” apesar de ter “uma bandeira comum” encontra-se dividido por quatro “mundos” com as suas próprias culturas e história: a Europa do Norte, a Europa Ocidental, a Europa Sudoeste e a Europa de leste¹⁰, sem contar a mítica *Mitteleuropa*¹¹.

Com a presente crise, podemos verificar o nível de adaptação dos “mundos” e a forma como estes suportam a mesma pressão para a unidade. Este tema, que diz respeito a todos os europeus e cujas

⁹ Maltez, Adelino, *Biografia de André Beaufre* (1902-1975), <http://maltez.info/biografia/beaufre.pdf> 07-12-2011.

¹⁰ De acordo com a composição macro geográfica da Organização das Nações Unidas (ONU), pode se dividir a Europa Ocidental, do Norte, do Sul e do Leste, disponível na internet no endereço:

<http://millenniumindicators.un.org/unsd/methods/m49/m49regin.htm#europe>; 25-11-2010.

¹¹ Sobre a concepção da *Mitteleuropa*, consultar Jörg Brechtefeld, *Mitteleuropa and German Politics*, St. Martins Press, New York, 1996.

O Que Esperar da Europa?

dúvidas podem avassalar todo o projeto Europeu, como também a comunidade internacional, faz com que certos núcleos de pensamento¹² possam temer a possibilidade da criação do poder do *Heartland* de Sir Harold Mackinder¹³, o que daria à Rússia uma forte projeção na Eurásia.

Com a evolução da conjuntura internacional, surge uma nova Ordem Mundial, cujos intervenientes deixam de ser dois blocos, para caminharmos para uma realidade aleatória, ainda em construção. Surgem os novos poderes emergentes, os BRIC¹⁴, e a relação entre estes com a Europa e os Estados Unidos é de interesse preponderante no equilíbrio internacional, não podendo deixarmos de falar nos acessos aos recursos naturais, bens tão necessários à sobrevivência dos Estados e que os antigos e novos colonizadores passam a disputar.

A evolução económica mundial poderá precipitar a União Europeia, “UE”, numa avalanche enquanto a sua posição de *player Internacional* possa estar eminente. Desta forma, os Estados membros, com a queda desta *União*, poderão perder a sua relevância no cenário internacional atual, onde as suas reputações iriam sofrer o peso das frustrações causadas pelo fracasso.

Os Estados mais fracos sofreriam maiores influências dos mais fortes, daí que o fracasso da UE possa levar os seus Membros a uma maior exposição à influência de terceiros. A atual guerra económica, meio este disruptivo, pode levar uma Europa que ao querer voar por si¹⁵ mesma, e ter um papel próprio no equilíbrio de poderes internacionais possa ter *asas de cera*.

¹² Estados Nação ou outros atores geopolíticos que pensem a Europa.

¹³ Mackinder, H.J., “*The Geographical Pivot of History*”, *The Geographical Journal*, Vol. 23, nº4, Abril 1904

¹⁴ Brasil, Rússia, Índia e China.

¹⁵ Ver mito de Ícaro que ao querer subir aos céus com as suas asas de cera acabou por ser precipitado no solo pelo derretimento das mesmas, acabando por perder a vida.

1.1. Relevância e atualidade do estudo

Da Geopolítica no atual espaço da União Europeia

O estudo da evolução dos comportamentos dos grupos no espaço geográfico acaba por traçar cenários de desenvolvimento possíveis, ao nível da expansão ou retração dos povos no espaço.

Os Estados, ou organizações, para poderem traçar uma determinada estratégia, têm a necessidade de conhecer as diferentes variáveis, face ao conhecimento destas e poder-se-á aí passar ao planeamento estratégico, sendo as pessoas a variável mais complexa, o estudo geopolítico é da mais pertinente aplicação, pois permite o entendimento desta mesma variável.

A União Europeia, como unidade política atual no espaço europeu, pode beneficiar deste tipo de estudo, tal como os Estados que a integram, na medida em que a racionalização das dinâmicas humanas poderá levar à correção dos comportamentos ou posições, por parte das elites dirigentes. Alerta Chauprade acerca da possibilidade da inferência cultural no processo geopolítico, nos diversos países¹⁶, sendo ainda cada país espelho dos geopolíticos que formou.

1.2. Metodologia

Pela vasta extensão do tema em si, optou-se por estudar os desenvolvimentos na área geográfica do espaço “europeu” cuja atualidade refere uma União de Estados Nação, a “UE”, através do estudo histórico, tentando ainda extrapolar alguns caminhos possíveis, através de uma visão prospetiva, da evolução dos comportamentos dos

¹⁶ Bessa, António Marques e Dias, Carlos Manuel Mendes, *O Salto do Tigre, Geopolítica Aplicada, Ed. Prefacio, 2007, Pag. 21*

O Que Esperar da Europa?

povos no espaço (Raum), sendo a componente geopolítica a ferramenta de estudo e respetivo ensaio, focando as convergências e respetivas divergências.

Sendo a Geopolítica uma disciplina no âmbito dos estudos estratégicos, mais concretamente do estudo do Estado situado, esta dissertação é o resultado da aplicação dos conhecimentos resultantes de um mestrado em Estratégia.

Utilizando uma metodologia qualitativa, analítica, de base realista¹⁷, formulamos as seguintes perguntas que decorrem de interesses pessoais e curiosidades sentidas durante o Curso. Porém, este trabalho reveste-se de um carácter multidisciplinar devido à área em questão, em que a Geopolítica surge como estudo do Estado “situado”¹⁸, no seu sentido histórico, político, social e geográfico.

Terá algumas limitações, tendo em conta a vastidão das questões em si, procurando descortinar as várias linhas de evolução da ideia de Europa, já anunciada por João Ameal com algum idealismo. No fundo retratará inescrutavelmente uma reflexão sobre parte de uma extensa bibliografia, que grande parte dos estudantes não conhece e é avesso à sua pesquisa, sendo esta primordial hoje em dia, como ninguém duvida.

A União Europeia tem uma geopolítica?

Decorrente do anterior, concebemos três questões derivadas:

Estará o poder político europeu à altura do desafio geopolítico da UE?

Será que os interesses geopolíticos nacionais dos Estados Membros se sobrepõem aos interesses geopolíticos comunitários?

¹⁷ Será esse o enquadramento teórico, *Teoria Realista* das Relações Internacionais

¹⁸Bessa, António Marques, *Fogo Amigo*, Jornal o Diabo,

http://jornalodiabo.blogspot.com/2010/02/fogo-amigo-por-antonio-marques-bessa_09.html

07-12-2011

Estará a União Europeia ciente da existência de uma geopolítica do Islão para o espaço europeu e da necessidade de a conter?

Para responder a estas questões derivadas formulamos as seguintes hipóteses:

Hipótese-1: A política Comum na UE é condicionada pela competição entre os seus Estados Membros, em termos económicos e políticos.

Hipótese-2: A classe política europeia reconhece a necessidade de uma geopolítica para a UE.

Hipótese-3: O aumento da População de islâmicos em território dos Estados Membros, especialmente nos territórios “Chave” (Alemanha, França e Reino Unido),¹⁹ tem condicionado a política externa da UE.

No segundo capítulo iremos descrever alguns conceitos chave sem os quais nos parece impossível descrever os fenómenos. No terceiro capítulo iremos abordar historicamente as várias Europas, tal como os seus impérios desde o Império Romano a Estaline e o Império Russo. No capítulo quatro iremos apresentar o pensamento de vários geopolíticos, cujo pensamento influenciou e continua a influenciar, o *Pensamento Estratégico*, no meio geopolítico.

No quinto capítulo iremos abordar o desafio europeu, tal como uma análise conjuntural, onde a mudança de paradigmas, de uma mudança de Era (*Pós Industrial* para *Technetronic*²⁰), onde a “Europa” tem que se reposicionar.

A nova Era, com o impacto da Sociedade da Informação, trouxe uma nova sociedade civil, mais atenta e com ferramentas de comunicação, capazes de subverterem a ordem política de Estados Nação. A

¹⁹ Ben-David, Esther, *Europe's Shifting Immigration Dynamic*, Middle East Quarterly Spring 2009, pp. 15-24.

²⁰ Para Brzezinski estamos perante uma mudança de Eras, onde no seu livro “Between Two Ages” descreve a nova sociedade do conhecimento como *Technetronic*.

O Que Esperar da Europa?

economia também mudou, com a entrada de novos *Players*, os BRIC, que trouxeram consigo mais competitividade á “arena Internacional”. A conquista da soberania dos Estados dá se pela economia, a sua defesa assume um papel preponderante.

Tal como iniciar a aplicação da pergunta de partida:

Estará o poder político europeu à altura do desafio geopolítico da UE?

Esta é uma questão que se colocará até ao *términus* desta dissertação.

No sexto capítulo estudaremos o *Ventre Mole da Europa*, espaço propício à comunicação entre três civilizações, a importância geopolítica deste espaço para o controlo da *Ilha do Mundo*, onde colocaremos a questão. No sétimo e último capítulo iremos focar as respostas da UE, tal como seus atores táticos, numa *arena* internacional.

Por fim extrairemos conclusões do trabalho.

1.3. Enquadramento

Os tempos que correm carecem de certezas. A ordem Mundial que surgiu depois da Segunda Guerra foi mudando, a conjuntura trouxe a Guerra Fria, tendo esta perdido tensão com a queda do Muro de Berlim. Criou-se como uma nova realidade a Alemanha do centro da Europa. Surgiu a China como a grande fábrica do mundo e por fim o ataque às Torres Gémeas a 11 de Setembro de 2001 acontecimento que veio trazer a ideia de uma nova Ordem Mundial, ainda em construção.

O desastre levou os Estados Unidos da America (EUA) a iniciarem um processo de *Defesa Avançada*, com o objetivo de desarticulação do

*Eixo do Mal*²¹, em que George Bush inclui o Irão, o Iraque, a Coreia do Norte. John R. Bolton vai mais longe e adiciona ao rol: Cuba, a Líbia e a Síria. O Iraque é invadido a 20 de Março de 2003 com o pretexto de que estes detinham armas de Destruição Maciça, os EUA com apoio de alguns aliados invadiram o mesmo país, sem que as provas de tais armas aparecessem.

Inicia-se a Primavera Árabe apoiada e aplaudida pelo Ocidente, onde caem os governos da Tunísia do Egipto e da Líbia. A Síria atualmente encontra-se *sob fogo* “interno” e “externo”, um processo de insurreição marcada pela reação do governo sírio *Aluita* de *Assad*, onde os tumultos são contidos pela força militar e através de milícias pró governamentais. Aquele espaço geográfico detém um interesse geoestratégico para as grandes potências: os EUA, a Federação Russa e a China, tal como a potência regional, o Irão, que a poderão disputar. Israel também joga pelo “apaziguamento” da região ao lado dos EUA.

Esta obra pretende mostrar as novas ameaças, e os desafios ao espaço Europeu, pela sua excessiva dependência da política externa norte-americana, que aos olhos de Samuel Huntington, parece excessiva, recomendando que “... o debate sobre o interesse nacional americano na idade da informação deveria prestar mais atenção à peculiar natureza do poder americano atual; deveria estabelecer prioridades estratégicas adequadas; e deveria desenvolver regras prudenciais que deixassem os Estados Unidos combinar os interesses estratégicos, económicos e humanitários numa efetiva política externa.”²². Se tivermos em conta que a inexistência de uma Geopolítica e Política Externa *Comum* na União Europeia, tem sido aproveitada pelos EUA, que a tomam como um protetorado, conduzindo-a em sintonia com os seus interesses nacionais e isso parece claro.

²¹ O termo *Eixo do Mal* foi proferido num discurso do presidente norte-americano George Bush, após o incidente do 11 de Setembro.

²² Huntington, Samuel, *The Erosion of American National Interests*, Foreign Affairs, Vol 76, nº5 Setembro/Outubro 1997, PP 49.

O Que Esperar da Europa?

Este livro pretende iniciar os cidadãos mais críticos e interessados, numa procura das suas próprias respostas, através de uma investigação que tem o objetivo de entender a Europa contemporânea, com a sua crise económica, que poderá levar ao conflito interno e externo, pelas posições que os seus Estados Membros podem tomar para defender os seus interesses nacionais.

Luís Mira Pereira

2. Estado da Arte, conceitos e teorias

2.1. Estado da Arte

Políbio Valente de Almeida refere a Europa como *Casa Comum Europeia* e, ao referir-se à mesma, considera-a uma *comunidade de famílias espirituais com uma morada terrena*²³, espaço marcado por etnias que este refere como minorias nacionais, que se relacionam numa forma original. As suas diferenças, causadas pelo próprio espaço em si, fomentam um dado pluralismo, próprio europeu, onde com estes povos a unidade é possível sem que se esqueçam as diversidades.

Para este geopolítico, a *Europa* não se refere a um dado espaço geográfico, mas a uma dada expansão do pensamento, no tempo e no espaço, onde a sua origem começa na Grécia na Antiguidade, a uma Roma e seu Império até à atualidade, tendo-se expandido para outros continentes, como uma verdadeira *pátria espiritual, onde a sua morada é cósmica*.

A Europa, mais do que um espaço geográfico, é uma ideia, com um conjunto de crenças e tradições próprias, onde povos pelo mundo fora, possam assumir a sua “europeidade” sem que a cor da pele os diferencie, espaço próprio de um multiculturalismo, onde o Bem Comum se centra. *Espaço* caracterizado pela sua religião, o Cristianismo possibilitou a união entre os Latinos, os Eslavos e os Germânicos. Podemos afirmar que sem esta religião a Europa não teria encontrado elementos agregantes²⁴.

Este autor divide a Europa em duas, a Mediterrânica como um povo *sonhador ativo*, em contraponto com uma do Norte *mais escura* pela dureza do seu clima considerando-a *angustiada*. A relação com o

²³ Políbio, F. A. Valente de Almeida, *Ensaios de Geopolítica*, ISCSP, Lisboa 1994, pp. 207 a 220.

²⁴ Idem

mediterrâneo teria estado sempre na génese da Europa, espaço onde se situou o seu nascimento, a “Grécia”, e onde os seus mares interiores sempre facilitaram a comunicação.

As dinâmicas dos povos europeus variam entre si, onde os germânicos, ao contrário dos latinos e dos eslavos, não têm um sentido geográfico definido, cujas fronteiras para este povo estão na presença dos seus povos, que terão a função de assegurar o contacto e a união entre os outros: *Checos Eslavos do Sul, Húngaros e Polacos*.

Andreia Mendes Soares estudou a problemática da União Europeia, quanto ao seu modelo político²⁵ focando a indefinição política da UE, seus problemas, e aponta soluções. Estudo focado na integração do pós-guerra até à atualidade²⁶.

Maria João Militão, no seu livro *A Política Externa Europeia*²⁷, teve como objetivo descobrir o impacto da Política Externa da União Europeia, enquanto ator estratégico regional, tal como o estudo da UE, enquanto novo fenómeno social e político.

Isabel David, no seu estudo conducente ao livro, *Do Federalismo à Federação ou a Inconciliabilidade entre Pensamento e Ação*²⁸, onde estuda a UE enquanto organismo político, tal como sua possível evolução, se para federação ou confederação.

A editora francesa Nathan, no seu livro *Géopolitique de l'Europe*²⁹, estuda a Europa no seu todo, a questão geográfica e sua delimitação, as suas gentes, a sua historia e fundamentos, os alicerces modernos da Europa, a sua cultura e comércio, o estudo dos seus Estados

²⁵ Soares, Andreia Mendes, *União Europeia, que modelo politico?*, ISCSP; Lisboa ,2005.

²⁶ 2005, ano em que o livro foi escrito.

²⁷ Militão, Maria João, *A Política Externa Europeia*, ISCSP; Lisboa ,2005.

²⁸ David, Isabel, *Do Federalismo à Federação ou a Inconciliabilidade entre Pensamento e Ação*, ISCSP; Lisboa, 2008.

²⁹ Elissalde, Bernard e outros, *Géopolitique de l'Europe* 2º ed., ed. Nathan, 2009.

Nação, a identidade, as diferenças entre os seus actores, as linhas centrípetas e centrífugas.

2.2. Discussão das hipóteses

2.2.1. Hipótese Económica

A Integração num mercado regional, como a União Europeia, por um lado conduz a um aumento da pressão concorrencial, devido a uma pressão imposta às economias locais, que terão de se reformular, de forma a acompanharem as economias concorrentes, na mesma região.

Tal como retira aos Estados Nação a capacidade de cunharem e gerirem as suas moedas, o que até aqui permitiria o controlo da economia nacional. Numa primeira fase, as economias mais ineficientes como dos países menos desenvolvidos, na União Europeia, os atuais Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha (PIGS), que num mercado de maior competição e respetiva escassez, acabam por sofrer mais danos ao nível económico e financeiro, podem sair refortalecidos pela reafecção dos seus recursos, pois podem descobrir outras áreas onde possam ser mais competitivos.

O processo da *Doutrina do Choque* económico³⁰, funcionou no Chile com Pinochet, tendo no início contribuindo para aumentar o desemprego e respetivas assimetrias económicas e sociais, mas posteriormente conseguiram estabilizar as contas públicas daquele país, este exemplo acabou por influenciar países e organizações, levando à atribuição do prémio Nobel a George Stigler e Milton Friedman.

³⁰ Perspectiva neoliberal, do pensamento de Milton Friedman e Hayek, comumente aplicada pela “Escola de Chicago”, no Chile, Argentina, posteriormente por Margaret Thatcher e por Ronald Reagan, atualmente a sua visão ultra liberal está a ser aplicada pelo FMI e departamento de tesouro norte-americano.

Estes países, numa dinâmica regional, acabam por se tornar mais competitivos, mas atualmente os países da periferia europeia, Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha, devido à dificuldade que estão a passar, para receberem fundos do Fundo Monetário Internacional, a título de empréstimo, são sujeitos a um conjunto de medidas de puro choque económico, privatizações, despedimentos, incremento da concorrência, aumento do preço dos transportes, aumento dos impostos.

Na Grécia, as medidas de austeridade não estão a produzir os efeitos desejados, tendo sido noticiado no *Der Spiegel* a possível saída da Grécia da zona Euro³¹; ainda segundo a notícia, os ministros das finanças dos vários estados, reuniram-se em segredo com o seu congénere grego, com o propósito de o convencerem a continuar com o conjunto de medidas do plano de austeridade do FMI.

A Alemanha apresenta uma dívida pública em 2011 que pode situar-se nos cerca de 7 biliões de euros, 185% do Produto Interno Bruto e não os 83% anunciados, superando em muito os 120% do PIB da dívida italiana ³².

Para agudizar o problema, temos uma “União” Europeia cujo modelo se baseia na competição inter Estados membros, onde não existe uma entidade reguladora comunitária, caso contrário, não encontraríamos a dita “Guerra Económica” entre estes mesmos estados, espaço próprio da *Inteligência Competitiva* onde entra a espionagem comercial e económica.

³¹ <http://aeiou.expresso.pt/grecia-ameaca-sair-da-zona-euro=f647407> 22-09-2011

³² <http://aeiou.expresso.pt/alemanha-oculta-5-bilhoes-de-divida=f675957#ixzz1Yns8VBna>
23-09-2011

2.2.2. Hipótese da influência Islâmica

As perspetivas multiculturais têm vindo a defraudar a relação entre a Europa e o cristianismo, como premissa de integração aos povos islâmicos neste espaço geográfico. Com esta situação de enfraquecimento ideológico, estaremos a expor as populações a uma possível islamização.

O Islamismo, pela sua génese expansiva, baseada no poder religioso militar e político, pode configurar uma ameaça para a UE, na Europa nas suas diferentes dimensões:

1. Pelo aumento da população islâmica em território europeu pelo aumento demográfico, pela falta de controlo fronteiriço, situação possível pela “desunião” alfandegária³³ entre os Estados-membros.

2. Pela possível criação de um Califado, fenómeno este praticável pela grande mudança política nos países islâmicos, onde a questão do acompanhamento da *Primavera Árabe* assume um especial interesse. No passado, o poder do *Islão* unido sempre ameaçou a Europa, situação que exigiu uma pronta resposta de toda a cristandade, conduzindo às cruzadas. Basta que algum fator facilite a união das duas fações do Islão, o Xiismo e o Sunismo.

Com o enfraquecimento económico da Europa, o *Islão* pode tornar-se uma ameaça, pois ao nível interno existirão condições para insurreições. Com a falta de visão estratégica por parte da classe política europeia, tal como falta de uma visão geopolítica comum, a UE pode estar exposta a estas ameaças. Onde o poder económico condiciona de forma direta o poder militar.

Não podemos deixar de falar da Turquia como um Estado islâmico, membro da Organização do tratado do Atlântico Norte (OTAN), até agora aliados do Ocidente, na antiga contenção da *ameaça do Leste*.

³³ <http://www.portugues.rfi.fr/node/61355> 27-12-2011

Beneficiados estes com o *Estado da Arte* militar do Ocidente. O que com uma possível radicalização das suas elites, ou substituição da mesma, possa colocar em risco a *cristandade* como a própria UE.

2.3. Conceitos Chave

2.3.1. Geopolítica

A Geopolítica surge no final do século XIX, devido à competição entre as potências imperiais europeias pela definição do Espaço, bem necessário para a definição das fronteiras, e seus mercados³⁴. Para falarmos de Geopolítica temos de referir o seu fundador, o sueco Rudolph Kjellen (1864-1922), que a define como *a ciência do Estado enquanto organismo geográfico, tal como se manifesta no espaço*³⁵. Defarges caracteriza a geopolítica como a ciência³⁶ que gere a simples relação entre o homem no espaço e a sua política³⁷. Levantam se questões acerca da geopolítica em si: esta coloca-se como estudo geográfico ou político?

Marques Bessa coloca esta disciplina nas ciências políticas pelo estudo do espaço situado como aconselhou Ratzel. Através do comportamento humano e das suas relações de poder, ao longo da História. Nós poderemos extrair inferências possíveis sobre o comportamento futuro, tendo como dados as capacidades reais do Estado nos domínios do território, da sua população, da economia, do *Estado da Arte* ou elemento tecnológico, nível de coesão social e capacidades militares.

O estudo do espaço acaba por ser secundarizado pela sua permanência; o homem “vai e vem” mas a geografia fica, exceptuando

³⁴ O'Tuathail, Gearóid, “Thinking critically about geopolitics”, em “The geopolitics reader”, Ed. Routledge, London, 1998, pp. 9, 15.

³⁵ Bessa, António Marques e Dias, Carlos Manuel Mendes, *O Salto do Tigre, Geopolítica Aplicada*, Ed. Prefacio, 2007 pp. 46.

³⁶ Op. Cit., pp. 67.

³⁷ Op. Cit., pp. 13.

O Que Esperar da Europa?

possíveis alterações causadas pelos fenómenos naturais, com as suas alterações geográficas, onde a erosão, como os terremotos ou mesmo os efeitos dos vulcões ou outros, podem alterar a morfologia terrestre.

O caso do derretimento das calotes glaciares³⁸ pelas alterações climáticas poderá levar a um problema geopolítico nos próximos tempos. O nível das águas tenderá a subir, reduzindo desta forma, o espaço terrestre habitável. À parte destas considerações anteriores, cujo espaço poderia sofrer alterações ao longo dos milénios, as grandes mudanças dão-se ao nível das pessoas, das suas necessidades e percepções em relação ao espaço.

Os grupos têm uma relação com o espaço, ditada tanto pela História como pelos costumes, cujo entendimento condiciona os seus objectivos, “espaço” este onde as elites acabam por ter um papel influenciador, alterando tanto a História como a imagem cartográfica através da criação dos mapas. Veja-se o *mapa cor-de-rosa* que traçava o interesse de Portugal na conquista de África, para o território que iria entre Angola e Moçambique, do oceano Atlântico até ao Índico, pretensão esta bloqueada pelos interesses britânicos, no ultimato em 1890.

A fronteira assume assim, nesta disciplina, um papel fundamental, cuja conservação ou alargamento podem ser condicionadas pela capacidade e vontade dos intervenientes.

O estudo do homem no espaço, as suas interações, movidas pelas antigas disputas causadas pela competição, ou corrida aos “melhores prados”, a respectiva sobrevivência do grupo é posta em causa, ressaltando nestes casos a evidência do comportamento primário do homem que, tal como outros animais, se serve dos mais primitivos

³⁸ Bharat, R. Sharma and Devesh Sharma, *Impact of Climate Change on Water Resources and Glacier Melt and Potential Adaptations for Indian Agriculture*, International Water Management Institute, New Delhi office, India http://cpwfbfp.pbworks.com/f/Keynote-Climatchange_BRSHARMA_.pdf 05-12-2011.

instintos, destruindo³⁹ o seu semelhante, através de ferramentas cada vez mais apuradas, fazendo recurso à própria ciência, cujo estado da arte militar, beneficiou de armamentos de Destrução Maciça, cuja Bomba Atômica foi capaz de acelerar os resultados da II Guerra Mundial, onde as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki foram destruídas com somente duas bombas⁴⁰.

O estudo de outros animais e seus comportamentos podem ser primordiais na análise do comportamento humano⁴¹, podendo ser extrapolado do comportamento dos primatas para o comportamento do homem, onde se destaca a hierarquia e a defesa do território.

Philippe Moreau Defarges afirma que: *A geopolítica está na moda na França do último quartel do século XX. O termo geopolítica faz hoje parte daquelas palavras mágicas que explicam – ou melhor, parecem explicar - o inexplicável: será geopolítica toda a questão situada para além da racionalidade clara e que ponha em jogo interesses imensos, por isso infundáveis. Ora ainda há meio século a geopolítica era maldita: a seguir à Segunda Guerra Mundial era olhada como uma ciência alemã, nazi, que tinha fornecido a Hitler e às suas ambições delirantes justificações «objectivas»*.⁴²

A definição do espaço varia então, para o nómada: o espaço é limitado pela acessibilidade do seu “cavalo ou camelo”, enquanto um sedentário se fica pelas suas terras. Esta relação também pode ser extrapolada para o poder marítimo e sua área de influência “marítima”, tal como para os poderes continentais a criação ou manutenção de um Espaço Vital, cujas projeções de forças poderão estar condicionadas tanto pela geografia, como pelos meios empregues, condicionando a Guerra ou a Paz entre os Estados

³⁹ Bessa, António Marques, *Introdução á Etologia*, Ed. Templo Lisboa, S.D.

⁴⁰ <http://www.aasc.ucla.edu/cab/200708230009.html> 05-11-2011

⁴¹ Op. Cit., *O Salto do Tigre, Geopolítica Aplicada*, pp.70 e 71.

⁴² Defarges, Philippe Moreau, *Introdução à Geopolítica*, Ed. Gradiva, 1994, pp. 13.

2.3.2. Estratégia

A palavra Estratégia vem do grego *strategia* que significava *direção de uma expedição armada*⁴³.

Para Silva Ribeiro⁴⁴ esta disciplina pode ser considerada enquanto arte e ciência, arte pela sua aplicação e ciência pelo estudo de um objeto preciso, passível de uma análise e respectiva investigação, onde ferramentas práticas e teóricas podem ser aqui integradas. Para este autor, a Estratégia é a *arte de edificar, dispor e empregar meios de coação num dado meio e tempo, para se materializarem objectivos fixados pela política superando problemas e explorando eventualidades em ambiente de desacordo*⁴⁵.

O estudo desta área foca-se no estudo da Guerra e sua *arte*, cujas conflitualidades ou modalidades de ação assumem um papel fulcral. Esta disciplina assume um papel direcionador, com uma ênfase no processo, sua criação, e respetiva gestão. Podendo ser empregue nas mais variadas áreas, o seu estudo passa pela análise das envolventes, ou análise *SWOT*, onde o auto conhecimento é imprescindível, através da análise interna, levando-nos aos pontos fortes (*Strengths*) e pontos a melhorar as Fraquezas (*Weaknesses*) na própria organização, para passarmos à envolvente externa com uma caracterização das oportunidades (*Opportunities*) e respetivas ameaças (*Threats*).

O seu emprego na atualidade passa pela utilização de ferramentas sofisticadas com recurso à *Intelligence, A doutrina da guerra é seguir a situação do inimigo e decidir sobre a batalha*⁴⁶ através das modernas e suas variadas áreas⁴⁷: (*HUMINT*) - Inteligência Humana, (*GEOINT*) - Inteligência Geográfica, (*MASINT*) Análise do Espectro Electro

⁴³ Correia, Pedro Pezarat, *Manual de Geopolítica*, Vol1, ed. Quarteto, Coimbra 2004, pp. 20

⁴⁴ Op. Cit, Ribeiro, António Silva, pp. 22 e 23.

⁴⁵ Idem

⁴⁶ Griffith, Samuel B., *A Arte da Guerra*, ed. Taschen, 2007 pp. 223.

⁴⁷ Áreas específicas no processo de aquisição de informações.

Magnético, (*SIGINT*) Inteligência de Sinais, (*TECHINT*) Inteligência tecnológica, direcionada ao estudo da tecnologia “militar” dos *Contrários*, (*OSINT*) Inteligência em fontes abertas que, pelas suas especificidades, não as aprofundaremos neste trabalho.

Para falarmos em Estratégia, temos de referir a *Arte da Guerra* de Sun Tzu, pela sua teorização no século IV A.C., considerado por Samuel B. Griffith o primeiro “clássico marcial”⁴⁸. Aquele autor é encarado como precursor das atuais correntes de pensamento estratégico, onde o culminar das *Operações Baseadas em Efeitos*, assumem um papel fundamental no atual *estado da arte* militar.

2.3.3. Guerra Económica

A operacionalização do conceito “Guerra Económica” pelo seu recente aparecimento, tal como pelo desconhecimento quase total, torna-se um desafio que pretendemos executar a pesquisa acerca do tema na Internet tornou-se quase infrutífera, ao nível de doutrina esta pode ser encontrada na Academia francesa onde a *École de Guerre Économique*⁴⁹, de Paris desempenha um papel fundamental no seu estudo.

Na pesquisa do termo guerra económica na *internet* surgiram como uma atividade relacionada com a de gestão económica, de um estado num dado processo de guerra, onde o esforço da sociedade e seu direcionamento pudessem contribuir para o sucesso da componente militar, na produção de recursos e armamentos.

⁴⁸ Op Cit, *A Arte da Guerra*, pp 10.

⁴⁹ <http://www.ege.fr/> 18-12-2011

O Que Esperar da Europa?

*O equilíbrio natural dos mercados tende a dar lugar á realização da suprema vontade demonstrada pelos Estados-dominantes; onde a padronização se deve a uma influência estratégica*⁵⁰

Referindo os meios estratégicos de coação, Silva Ribeiro⁵¹ caracteriza-os como: *todos aqueles, de qualquer natureza que podem ser aplicados em esforços estratégicos substanciais e prolongados, de forma a influenciar as ações do contrario com previsibilidade*, ainda em relação aos meios, este aponta os na interação com: *a geografia, a história, a natureza do regime política, a economia e a tecnologia*.

*Para o departamento de defesa (DoD) norte-americano, a guerra económica é uma estratégia agressiva fundada na alocação económica com o objetivo de atingir os objetivos nacionais*⁵². Onde o seu estudo passa a ser debatido, nos ⁵³ centros de debate da Segurança Nacional⁵⁴.

Pelo que, analisando as várias perspectivas, poderemos chegar a uma modalidade de ação onde; *em lugar de abordar o inimigo de maneira frontal, a manobra visa agir sobre os pontos fracos, ultrapassá-lo, envolvê-lo, cortar as suas bases de reabastecimento, desorganizá-lo e desagregá-lo, de tal forma que perca as suas capacidades combatentes*⁵⁵.

⁵⁰ Lucas, Didier e Harbulot Christian, *La Guerre Economique est elle Un Paradigme des Rivalité Internationales?*, École de Guerre Économique, 2004, <http://www.egc.fr/download/querreeconomique2004.pdf> 18-12-2011

⁵¹ Op. Cit. Silva Ribeiro, pp. 34 a 37.

⁵² Op. Cit. Didier Lucas e Christian Harbulot, pp. 5.

⁵³ <http://globaleconomicwarfare.com/2011/05/13/progress-in-washington.aspx> 27-11-2011

⁵⁴ Nos últimos dois anos, temos vindo a alertar sobre a ameaça representada pelo terrorismo e guerra econômica financeira. Agrada-nos reconhecer um bom trabalho por parte do Comitê de Serviços Armados, que foi mencionado na CNBC, *interview with Congressman Mac Thornberry of Texas that aired on May 6, 2011*.

A House panel wants the Pentagon to prepare a study on economic warfare threats to the nation, expressing concern about the long-term vulnerability of the military to attacks designed to erode the economic health of the nation and sap investments required for the armed forces to sustain technological superiority

⁵⁵ Couteau-Bégarie, Hervé, *Traité de Strategie*, Paris Économica, 1999, pp. 352

Então a Guerra Económica será um meio e modalidade de ação com o objetivo disruptivo, preliminar ou final.

2.3.4. UE

A União Europeia é uma união de Estados Nação, com uma união monetária cuja moeda se designa por *Euro* (€), que não é partilhada por todos os Estados-membros.⁵⁶ O processo de tomadas de decisão passa pelo "procedimento de co-decisão" em que participam todos os Estados-membros⁵⁷. As suas principais instituições são: o Parlamento Europeu, o Conselho Europeu, o Conselho da União Europeia, a Comissão Europeia, e o Tribunal de Justiça da União Europeia.

2.3.5. Estados Membros

A UE, à data atual, é composta pelos 27 Estados-membros abaixo designados:

Alemanha (1952), Áustria (1995), Bélgica (1952), Bulgária (2007), Chipre (2004), Dinamarca (1973), Eslováquia (2004), Estónia (2004), Finlândia (1995), França (1952), Grécia (1981), Hungria (2004), Irlanda (1973), Itália (1952), Letónia (2004), Lituânia (2004), Luxemburgo (1952), Malta (2004), Países Baixos (1952), Polónia (2004), Portugal

⁵⁶Alemanha, Áustria, Bélgica, Chipre, Finlândia, França, Eslováquia, Eslovénia, Estónia, Espanha, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Malta, Países Baixos e Portugal, estes adotaram o Euro como sua moeda. Pelo que os países com moeda própria serão: Bulgária, Dinamarca, Hungria, Letónia, Lituânia, Polónia, Republica Checa, Roménia, Suécia, e Reino Unido.

⁵⁷Europa.eu, *Como são tomadas as decisões* http://europa.eu/about-eu/basic-information/decision-making/procedures/index_pt.htm 14-12-2011

(1986), República Checa (2004), Roménia (2004), Espanha (1986), Suécia (1995), Reino Unido (1973).⁵⁸

Este projecto, que apesar dos atuais problemas económicos e monetários que o poderão abalar, prende-se com questões de expansão futura tendo ainda como candidatos a Croácia, a Antiga República Jugoslava da Macedónia, a Islândia, Montenegro e a Turquia.

2.3.6. Política Externa

A política externa é a arte de gerir a relação entre vários atores, num ambiente externo à Organização ou ao Estado Nação. Esta pode ser estudada através da aplicação de metodologias, usadas nas ciências Sociais e Humanas, designadamente na observação documental, na observação directa: a técnica de comparação e a técnica da sistematização⁵⁹. Neste trabalho vamos aplicar uma análise realista das Relações Internacionais. Os atores externos são os elementos que participam nas ações internacionais, com objetivos concretos ou interesses comuns, na dada ação⁶⁰.

⁵⁸ http://europa.eu/about-eu/countries/index_pt.htm 14-12-2011

⁵⁹ Ribeiro, António Silva, *O essencial do Processo Estratégico, Teoria Geral da Estratégia*, Ed. Almedina, Coimbra, 2009, pp. 25.

⁶⁰ Maltez, Adelino, *Curso de Relações Internacionais*, Lisboa, ed. Principia, 2002, pp. 160.

2.3.7. Soft Power, Hard Power e Smart Power

Para podermos definir *Soft* e *Hard Power* temos que inicialmente caracterizar o Power ou Poder, que poderemos definir como a capacidade de fazer ou de impor a sua vontade a outros. Joseph Nye Jr⁶¹ associa o *Soft Power* a uma habilidade ao nível da liderança, a capacidade de levar o outro a colaborar através do envolvimento.

A comunicação tem um espaço efectivo nestes processos de dominação, onde as mensagens, através do discurso direto ou indireto, assumem um papel preponderante através dos mais variados canais; o cinema, a televisão, a rádio, os jornais, onde a comunicação interpessoal do dia-a-dia, através dos líderes de opinião, mantém um papel importantíssimo. A indotrinação nesta forma de controlo é de vital importância, pela criação de um sentido de pertença, “apanhar os corpos e as almas”.

O *Hard Power* assenta numa “ameaça” física, espaço este reservado às forças armadas dos Estados ou ao recurso a ações de Guerrilha ou de Terrorismo, por parte de grupos organizados ou poderes erráticos⁶². O peso do poder coercivo pode ser um elemento influenciador nas relações, aqui a ameaça latente joga em favor do mais forte, a coação num limite final pode levar à extinção, veja-se o caso do armamento nuclear, das Armas Químicas e Biológicas capazes de levarem à destruição ou “extermínio” de cidades inteiras.

Smartpower será o *Mix* do *Hardpower* com o *Softpower*.

⁶¹

http://www.hks.harvard.edu/netgov/files/talks/docs/11_06_06_seminar_Nye_HP_SP_Lead_ership.pdf 14-12-2011

⁶² Moreira, Adriano, *Estudos da Conjuntura Internacional n°35*, Publicações D. Quixote Lda., Lisboa, 1999, pp. 55 a 68.

2.3.8. Interesses nacionais *versus* interesses da UE

Os atores estratégicos, como são o caso dos Estados Nação, têm como objetivo a defesa dos seus interesses estratégicos. Caso não o fizessem estariam a desempenhar um “mau serviço” para com os seus representados, pois estes delegaram-lhes as respetivas defesas dos interesses nacionais.

Os interesses da União Europeia passam pela vontade dos atores mais influentes⁶³, sejam eles estados nação ou outras organizações, com agendas próprias, através de uma dinâmica de poder supranacional. Há o aparecimento de uma classe de Euroburocratas, cujos interesses corporativos podem condicionar os interesses coletivos, dos povos tal com dos próprios Estados Nação. Por vezes, existem conflitos de interesses entre a UE e os seus estados membros⁶⁴.

2.3.9. Islão

O Islão para Rachid Benzine, académico árabe, será um conjunto de valores e dogmas recolhidos no Corão, uma fé e espiritualidades vividas em formas individuais e sociais onde a sua prática se foi desenvolvendo ao longo da história. Atualmente possui a função de consolidador social dos seus membros⁶⁵.

Para entendermos o Islão temos de regressar ao tempo do profeta Maomé, árabe descendente da tribo Haxemita, mas pertencente à tribo Coraixita, que desempenhou funções de chefe militar e legislador; aos 40 anos de idade, segundo a história, terá tido visões de Deus trazidas

⁶³ Temos o caso da união entre a Alemanha e a França, <http://www.presseurop.eu/pt/content/press-review/1255131-quem-quer-seguir-merkel-e-sarkozy> 15-12-2011

⁶⁴ O caso do Reino Unido que pode vir a sair da EU http://sol.sapo.pt/inicio/Economia/Interior.aspx?content_id=35883 15-12-2011

⁶⁵ Benzine, Rachid, *Os Novos Pensadores do Islão*, Ed. Tribuna da Historia, Lisboa, 2005, pp.21 e 22.

pelo Anjo Gabriel, altura em que inicia a sua vida religiosa no ano de 622⁶⁶ da era cristã; o Corão foi publicado em 650. Esta religião adota as características do seu fundador Maomé, um profeta, um combatente e um legislador. *A religião islâmica impôs-se, desde a sua génese, pela força, tendo a tribo de Maomé submetido as outras tribos e destruído o local de culto em Meca onde todas as tribos guardavam os respetivos deuses. Este factor é, para nós, relevante pois o uso da força esteve, desde sempre, na base do Islão. Duas correntes importantes do Islão, o xiismo e o sunismo, apareceram logo após a morte do profeta*⁶⁷.

⁶⁶ <http://www.colegioweb.com.br/historia/maome-e-o-islamismo.html> 24-12-2011

⁶⁷ Nuno Miguel Pascoal Dias Pereira da Silva, *Iraque – Breve reflexão prospectiva* Revista Militar, Publicado em 26 Feb 2010, <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=513>, 24-12-2011

3. As *Europas* da História

3.1. O Império Romano

Há uma ideia de um *Grande Império Romano*: a sua importância foi tal que traçou uma nova Europa com uma cultura comum, um direito e mais importante que tudo, uma memória de grandeza, de força.

Roma colonizou e foi tão bem sucedida nessa tarefa que conseguiu apagar o passado, impondo linhas mestras que viriam a imperar mesmo após a sua queda. Mesmos os Bárbaros que a invadiram não conseguiram deixar de ser seduzidos pela sua ideia de civilização.

A realidade europeia, ou seja, a de uma civilização que tem a noção de um espaço comum em que trocas comerciais e culturais são uma constante que está aqui já bem presente.

Roma, o império, foi uma realidade unificadora e agregante. Se, como já vimos, a ideia de Europa não era nova antes do Império Romano, este veio moldá-la e dar-lhe forma.

Por outro lado, não convêm esquecer que esta realidade é longa e foi-se alterando ao longo dos séculos em que o poderio romano se conservou. A Roma do início não é a Roma do final. Mas é esta Roma final, o Império Romano do Ocidente, para sermos mais concretos, que procuramos alcançar e replicar.⁶⁸

Se a ideia que temos do Mundo Antigo tem vindo a ser alterada a pouco e pouco, de tribos isoladas e em grande conhecimento do que se passava à sua volta, para a ideia de que existiam realmente vias de comunicação e contactos, a ideia que temos de Roma sempre foi a de uma grande unidade e também a de estabilidade.

⁶⁸ Stobart, J. C. A Grandeza que Foi Roma,

“Todos os Caminhos vão dar a Roma”, um centro que comandava e detinha o poder, com uma lógica de expansão e de colonização que sabemos não ter sido pacífica. No entanto, apesar disso, apesar da força e da imposição, foi a ideia que vingou. Antes do Império Romano temos a Europa como uma ideia, depois, temos a Europa efetivamente como o centro da decisão e como uma realidade.⁶⁹

Se a queda do Império Romano, e todas as conflagrações que assistimos levaram à génese dos Estados que temos hoje, é então aqui que vamos ter também a raiz de muitos nacionalismos.

Este Império, esta palavra e ideia de força e união, caíram enquanto realidade política, militar, económica, mas nunca caíram enquanto ideia. Veremos que nos séculos seguintes, e até aos dias de hoje a tentativa de alcançar esta glória antiga vai sendo a meta de muitos homens, governantes e estrategas.

3.2. O Império de Carlos Magno

Depois da queda de Roma e da conturbada sucessão de poderes, fronteiras e mentalidades, a grande tentativa de reunificação aparece na pessoa de Carlos Magno, ou Charle Magne com o seu Império Carolíngio.

O longo período que medeia estes dois acontecimentos é forte e bastante interessante do ponto de vista de formação da própria Europa e essencial para perceber a importância das políticas de Carlos Magno.

Através de reformas da ordem política, cultural, económicas e monetárias esta política forjou uma nova ordem europeia. Coroado Imperador Romano pelo Papa, foi nele depositado o sonho de uma

⁶⁹ Staniforth Maxwell, *Marco Aurélio, Meditações* Edição da Penguin Books, <http://www.psbnacional.org.br/bib/b34.pdf> 15-2-2011

O Que Esperar da Europa?

nova ordem europeia, cristã, tal como tinha sido o Império Romano antes da sua queda no Ocidente em 476.

Este renascimento romano traduziu-se numa Europa central dominada pelo mesmo Imperador. Não só o Papa pede ajuda para conter os Bizantinos⁷⁰ mas também pede ajuda para salvar toda a Europa católica à altura. A degradação dos costumes, o facto de uma grande porção do Norte do Continente ainda ser pagão eram, não só para o Papa, mas também para o próprio Carlos Magno, motivos de preocupação.

Se militarmente o seu grande poder vinha de uma cavalaria potente, de uma logística organizada de modo a servir uma lógica da expansão imperial, foram as suas reformas económicas, monetárias e culturais que deixaram uma herança duradoura no futuro da Europa. E não nos devemos esquecer que foi Carlos Magno que converteu ao cristianismo muitos dos povos ainda pagãos, unificando a Europa sob uma religião e lei de Deus mas também sob o mesmo chefe religioso, o Papa.

As suas políticas económicas e monetárias foram bem sucedidas, com a defesa da participação do Estado na tabulação dos preços de alguns bens e serviços, bem como uma reforma monetária em que a prata era o metal padrão em vez do ouro que na altura era escasso devido em grande parte da guerra com Bizâncio.

Carlos Magno conseguiu não só um ressurgimento de uma realidade unidade geopolítica próxima àquela que tinha sido o Império Romano na Europa, mas tinha também um plano para essa mesma Europa. Um sonho de uma unificação de Estados Cristãos sob um mesmo imperador e sob a égide papal.

⁷⁰ Paulo, Alexandre Ribas de, *A cultura jurídico-penal no início da Idade Média*, Âmbito Jurídico.com.br http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6231 17-12-2011

Pavimentada a estrada para a Europa Medieval que todos conhecemos, com uma cultura em comum e unida, que mesmo que com guerras intestinas, foi sempre entendida como uma entidade coesa, Carlos Magno deixou-nos uma herança comum.

A cultura cavaleiresca, lendas e mitos em comum bem como o início de relações de poder entre reinos vinhos, alianças e guerras, este reinado de Carlos Magno, um renascimento da glória da velha Roma, esteve na génese de todo um futuro em comum.

Se atentarmos bem ao mapa, o Império de Carlos Magno tem bastantes semelhanças com o Mapa da Europa comum no seu início.

3.3. Napoleão Bonaparte e o seu Império

“Napoleão Bonaparte não se limitou a modelar a França. A sua influência directa ou indireta na Europa foi considerável. O Imperador teve ou não um projecto europeu?”⁷¹

Napoleão Bonaparte é uma figura incontornável quando pensamos e investigamos a ideia de Europa. De facto, muitos dos acontecimentos que vivemos têm origem no seu Império e na reacção que a sua passagem teve nas terras e nas gentes.

Se a ideia de Europa e a ideia que os europeus tinham de si próprios começa a mudar no final do século XVIII, Napoleão veio a protagonizar o último golpe com uma ordem do passado e com um novo sistema para o futuro.

Relembremos pois, brevemente a situação. Carlos Magno deixou abertas as portas para uma sociedade de ordens, uma Europa centro do Mundo conhecido, uma posição que nem os descobrimentos

⁷¹ Dreyfus, François, *História Universal - O tempo das Revoluções 1787-1870*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1981, pp.131 e seguintes.

O Que Esperar da Europa?

conseguiram alterar. O Velho Continente continuou a ser o centro, de onde partiam as decisões, para onde tudo confluía. Para além do extremo Oriente que ainda vivia fechado sobre si próprio, a Europa assumia-se como senhora do planeta.

No século XVIII a situação começa a mudar. Na América, Norte e Sul, os movimentos nacionalistas ameaçam o poder estabelecido e clamam independência. As ideias que suportam estes movimentos vêm do Velho Continente e este não tarda também a ver as mudanças a ocorrerem.

A Revolução Francesa foi um ponto de viragem não só para a França mas para toda a Europa. A conturbada e nova realidade que se seguiu, o delinear de uma nova sociedade e a queda de uma ordem social que imperava há séculos, forçou a alteração de políticas em todo o Continente.

Napoleão surge pois neste contexto e tem um plano para a Europa. Um novo Império e uma nova ordem. E parte assim à conquista da sua visão.

Não se irá estudar a estratégia de Napoleão nem as suas campanhas pois não é este o objeto de estudo deste trabalho, mas deve-se atentar a toda a herança que foi deixada. Com as suas campanhas Napoleão acordou nacionalismos e rivalidades antigas.

Se é verdade que a paz na Europa nunca era duradoura, com conflitos entre nações a acontecerem com frequência, também é verdade que a lógica imperial de Napoleão de avançar e conquistar territórios em toda a Europa (e fora dela), não era o habitual. A ordem foi alterada e a Europa que emerge posteriormente é diferente, não só o mapa político mas também o mapa ideológico.

Neste contexto, a herança de Napoleão interessa mais neste trabalho do que propriamente a sua estratégia. Se a ideia sonhada é mais uma vez a visão de um grande Império, uno e forte, e se isso também é

importante referir aqui, mais importante ainda foi o delinear de uma nova ordem europeia que iria moldar não só os anos seguintes mas cuja herança chega até hoje.

Da Europa saída do conflito com Napoleão vamos ter novos Estados, novas forças políticas em ascensão, o reacender de velhos nacionalismos e velhas rivalidades, bem como o nascimento de novas.

Do mesmo modo, do ponto de vista político vão existir grandes alterações. A Revolução Francesa e conseqüente terror ameaçaram não só a nobreza francesa, mas também toda a nobreza e casas reais da Europa. A ideia de Revolução passou a ser algo de real e foi algo que teve de ser tido em conta, por todas as ordens.

Como refere François Dreyfus, deparamo-nos com uma “Europa napoleónica em 1810, imperial e revolucionária”⁷². Se dentro do Império há uma abolição do regime feudal e a implementação de um novo sistema de governo, fora do império surgem também novas constituições mais liberais e em que existe uma separação dos poderes. O modelo é o francês e essa circunstância vai ditar em grande parte o ressurgimento dos nacionalismos e a maneira como estes renascem.⁷³

Herda-se de Napoleão uma nova ordem social, na medida em que “assiste-se um pouco por toda a Europa ao desenvolvimento da igualdade civil, da liberdade religiosa, à abolição da dízima e dos direitos feudais, à venda da parte dos bens eclesiásticos, à supressão das corporações”.⁷⁴

⁷² Dreyfus, François; *O Tempo das Revoluções 1787-1870*, ed. Dom Quixote, pp.131.

⁷³ Op. Cit., pp.133.

⁷⁴ Op. Cit., pp.134.

3.4. Bismarck e o Imperio Prussiano

Para que melhor possamos compreender o pensamento político de Otto Von Bismarck, temos que necessariamente analisarmos a conjuntura Alemã nas décadas de 1830 e 1840. No que diz respeito à primeira (1830), a Europa sofria uma onda de nacionalismo articulado com os valores liberais trazidos pela Revolução Francesa, no que acabou por gerar grandes convulsões sociais, políticas e económicas.

Nesta altura, Bismarck tinha 15 anos de idade, que acabou por presenciar toda a evolução dos conflitos sociopolíticos da então Confederação Germânica, bem como de todo o continente europeu. Nos fins da década de 1840, mais especificamente em 1848, eclode o movimento sindical (influenciado pelas ideias socialistas de Karl Marx e Friedrich Engels) os quais propunham a redução das horas de trabalho, a melhoria das condições de vida dos operários, a garantia do direito de greve aos trabalhadores, entre outras reivindicações.

Ou seja, a sociedade europeia pressionava por mudanças substanciais do trabalho e qualidade de vida, ou, em outras palavras, queriam mudanças na estrutura social e do sistema político vigente. Sua insatisfação consistia no abrupto desenvolvimento da atividade económica industrial, acompanhado por péssimas condições de vida da classe trabalhadora, em especial, os operários.

No contexto alemão, as convulsões sociais não se distanciaram muito do contexto europeu; ao contrário, deu-se de forma mais intensa e persistente, no que pôde ser visto pela tomada de Berlim pelos operários e burgueses alemães em 1848. Estes últimos, partidários da unificação alemã, constituem um Parlamento em Março de 1848 com o objetivo de preparar uma Assembleia Nacional Constituinte. Um ano após a formação do referido parlamento, a Assembleia aprovou a Constituição Imperial Alemã, estabelecendo a divisão do poder entre o Imperador e um parlamento bicameral, além de entregar o trono a Frederico Guilherme IV, Rei da Prússia.

Luís Mira Pereira

No entanto, diante dos protestos austríacos contra a instauração do Império Alemão, Guilherme IV recusou se a aceitar a Coroa, acabando por dissolver a Assembleia Constituinte sem esta alcançar nenhum resultado positivo. No entanto, em Março de 1850, Frederico Guilherme tenta, com o desagravo austríaco, a unificação dos Estados alemães. Sabotado pela Áustria, ao conseguir o boicote da Saxónia e Hanôver à Prússia, Guilherme IV da Prússia viu a sua tentativa de unificação alemã fracassar e ver a restauração da Confederação Germânica, cair novamente, sob o controle dos Habsburgos de Viena.

Após todas essas investidas quanto ao futuro dos Estados alemães, Guilherme I (1861-1888) assume o trono da Prússia e renova as investidas políticas pela unificação alemã. No ano seguinte (1862), Guilherme I nomeia Otto Von Bismarck como primeiro-ministro da Prússia, dando podendo finalmente por em prática os seus planos de integração de todas as regiões alemãs.

Tendo crescido intelectualmente sob os tempos de grande turbulência política e de intenso desenvolvimento económico nos Estados alemães, Bismarck põe então os seus planos para uma maior integração de todos os Estados germânicos. Uma das suas primeiras estratégias de integração alemã fora a elaboração de uma extensa rede ferroviária que pudesse interligar todas as regiões alemãs, propiciando assim, uma maior aproximação e mobilidade da população.

No âmbito da estratégia de carácter externo, Bismarck adotou uma política de exploração dos conflitos europeus em favor da construção de uma “unidade nacional germânica”. Valendo-se da morte do Rei da Dinamarca, Bismarck inicia uma campanha militar conjuntamente com a Áustria para tentar reaver os ducados de Holstein e Schleswig, até então pertencente ao Reino da Dinamarca.

Apesar de estarem sob domínio nórdico, as regiões eram compostas por população maioritariamente germânica, o que motivou a incursão expansionista de Bismarck. Após a vitória da aliança Austro-Prussiana,

estabeleceu-se que, no Tratado de Viena de 1864, Holstein ficaria com a Áustria e Shleswig com a Prússia.

3.5. Adolf Hitler e o Império de 1000 anos

Já tivemos aqui oportunidade de nos referir ao primeiro e segundo *Reich*. O primeiro quando falámos de Carlos Magno e com Napoleão e o segundo quando falámos de Bismark.

A realidade do *Reich* esteve implantada na Europa durante quase 1000 anos⁷⁵, após a queda do primeiro com as guerras napoleónicas e com o traçar de um novo mapa e a ascensão dos nacionalismos, o segundo Reich pretendia-se a confirmação do poder anteriormente detido e que tinha estado em declínio durante já algum tempo.

Como longa realidade é natural que tenha sido nesta continuidade e na afetividade que o tema emanava que Hitler tenha ido buscar a sua inspiração para um novo futuro para a Europa.

É inegável a herança que Hitler deixou na Europa e no Mundo. Depois de 1945 nada voltou a ser como era e o mapa Europeu, a ideia de Europa foram profundamente alteradas.

Hitler é, antes de mais, um herdeiro da I Grande Guerra e de tudo o que ela trouxe. O grande cisma entre o antes e o depois europeu começa em 1914 e o seu grande desfecho só vai ser em 1945, num Mundo que acorda com a balança de poderes totalmente alterada e com uma visão geoestratégica do Mundo diferente.

Será possível afirmar que Hitler tinha uma ideia de Europa? Tinha certamente uma ideia concreta do que queria conquistar, da sua ideia de espaço vital e de herança. O Império Ariano europeu iria dar à raça

⁷⁵<http://www.historyfiles.co.uk/KingListsEurope/GermanyHRE.htm> 13-12-2011

pura, aos germânicos, o território que os levaria a alcançar todas as suas potencialidades.

Na sua obra, *Mein Kampf*, Hitler expõe as suas ideias e dá o molde ao que vai acontecer na Europa e no Mundo nos anos seguintes. A sua exortação ao novo Reich que “teria de se pôr novamente em marcha”⁷⁶, a questão da raça pura e das alianças a conseguir, tudo é analisado em dois volumes escritos na prisão.

Antes de mais é necessário perceber que Hitler queria também o retorno a uma época mítica e de ouro para o povo alemão. Toda a sua propaganda e doutrina assentam no facto de este povo ser o herdeiro natural de um papel de potência na Europa.

3.6. Estaline e o Império Russo

Nascido na Geórgia em 1879, Iossif Vissarionovitch Djugatchvilli, mais tarde conhecido por Estaline, é ele próprio paradigmático da História da União Soviética. Com as suas origens na classe trabalhadora, desde cedo aderiu ao marxismo e combateu por este. Conheceu Lenine em 1905 e sucedeu-lhe após a sua morte.⁷⁷

Estaline foi o nome por si adoptado e pelo qual ficou conhecido, deriva do alemão “Stahl” e significa “Homem de Aço”. Assim era verdadeiramente este georgiano que liderou a URSS e se tornou conhecido como um dos maiores ditadores.

Se referimos Estaline neste trabalho é porque não nos esquecemos que a Oriente existe também uma ideia para a Europa. E a Europa tem também uma ideia do que existe na Europa Oriental, ideia esta que foi

⁷⁶Hitler, Adolf, *Mein Kampf*, ed. Europa América, 2011.

⁷⁷ Service, Robert, *Stalin a Biography*, ed. Macmilan Publishers LTD. , United Kingdom 2004, pp. 3 a 13.

O Que Esperar da Europa?

moldada de forma inequívoca após a II Guerra Mundial por Estaline e os seus sucessores.

É com Estaline também que vemos o começo da Guerra Fria, facto que vai não só dividir o Mundo, mas como vai deixar, pela primeira vez, a Europa fora do papel de protagonista na cena internacional, “o século de 1914”.

Relembremos que a Rússia tinha saído da I Grande Guerra por motivos de política interna e devido à Revolução de 1917, relembremos também que nos pós I Guerra, enquanto no resto da Europa se vai delineando o cenário para a II Guerra Mundial, a Rússia atravessa uma Guerra Civil (1918-1921) e é fundada a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas).

A ruptura entre Estaline e os restantes países Aliados após a II Guerra Mundial e a recusa deste em aceitar eleições livres nos Países da Europa Central e Oriental são no fundo o culminar de vários desacordos e de divergências ideológicas que já durante a guerra se faziam sentir mas que, pela necessidade de união contra o Inimigo Comum foram sendo postos de parte.

Quem era então o desejo de Estaline? “Em primeiro lugar, a vontade de cobrir as fronteiras da URSS com um escudo protector (...), em seguida o desejo de implantar o comunismo nesses territórios de acordo com a vocação profunda do país fundador da III Internacional.”⁷⁸

Assim, para Estaline, a Europa seria a seu tempo, uma extensão da grande “família soviética” e quanto mais cedo essa tarefa iniciasse, melhor.

⁷⁸ Thibault, Pierre; *O Período das Ditaduras 1918-1947*, Publicações Dom Quixote; pp.284 e 285.

Luís Mira Pereira

4. As teorias geopolíticas sobre a Europa

A Geopolítica tem sido estudada e com perspectivas diversas. A escolha dos seguintes autores que iremos aprofundar, deve-se ao facto de tentarmos entender as várias perspectivas dos geopolíticos que pensaram o espaço europeu e que são mais pertinentes para a perspectiva da nossa dissertação. Não sem assinalarmos que cada um dos autores referenciados teve sempre como influência a sua envolvimento cultural e nacional, tal como a defesa dos interesses dos Estados onde desenvolveram o seu pensamento.

É agora altura de olhar de um modo breve para alguns dos geopolíticos que, pelo seu trabalho pioneiro, ou pelas suas ideias controversas, marcaram a forma como hoje a geopolítica é estudada. Focamos alguns dos pioneiros, que conjugando a geografia e a política souberam ver e analisar a problemática do que é o território e da sua importância para um povo. Por outro lado não podiam ficar esquecidos outros, que achamos que eram pertinentes para o tópico deste trabalho.

4.1. Ratzel – Espaço Alemão

Friedrich Ratzel foi essencial na Geografia Moderna e também na Geografia Política. Positivista, via o Homem como um ser natural que tinha como suporte a Terra⁷⁹. Assim sendo as condições físicas a que estava sujeito também o moldavam. No entanto o Ser Humano não era passivo neste processo e embora estivesse condicionado física e psicologicamente as condições naturais seriam também um fator determinante no motor da História.⁸⁰ Ratzel foi também o precursor da Geografia Política.

⁷⁹ Op. Cit, Defruges, *Introdução à Geopolítica*, pp. 28.

⁸⁰ <http://www1.univap.br/~sandra/ratzel.pdf> 07-11-2011

Luís Mira Pereira

Ratzel foi o criador do termo *Lebensraum*⁸¹ ou espaço vital e de território na geografia política.

Para bem entendermos Ratzel, devemos contextualizar as suas ideias e a sua era. Nasceu em 1844 em Ammerland e vivenciou a criação real do Estado Nacional Alemão, as suas obras foram escritas durante as acções de Bismarck para a formação do Estado moderno.

Por outro lado o crescimento industrial da Alemanha e a sua nova posição na Europa levam a que a balança de poderes tenha necessidade de se realinhar, tudo na mesma conjuntura das mudanças sociais e culturais que pautaram a última metade do século XIX.

Vive numa época rica em alterações sociais, culturais e políticas, bem como do ponto de vista da Geografia Política e tem como trabalhos temas como a Etnografia, a História e a Política. É sua preocupação central a questão da difusão dos povos sobre a Terra e também a influência das condições físicas sobre o Homem.

Ratzel é assim um autor interdisciplinar que deixou por isso uma contribuição rica e importantíssima.

Vejamos então a sua bibliografia para que melhor possamos compreender o percurso do seu pensamento:

- Antropogeografia – 1882
- As Raças Humanas – 3 volumes – 1885/1888
- O Estado e o seu Solo Estudados Geograficamente – 1896
- Geografia Política – 1897

⁸¹ Woodruff, D. Smith, *Friedrich Ratzel and the Origins of Lebensraum*, German Studies Review, University of Texas at San Antonio, <http://www.jstor.org/pss/1429483> 07-11-2011

O Que Esperar da Europa?

Este último livro é o mais polêmico, mas podemos notar uma aproximação e uma preocupação cada vez mais política e estratégica nas obras de Ratzel.

Ratzel foi também, como já referimos, o criador dos conceitos de Espaço Vital e Território na Geografia Política, e se toda a sua obra e visão têm interesse no decorrer deste trabalho, estes conceitos são os mais importantes no nosso contexto de análise.

O território seria uma determinada porção de superfície terrestre controlada por um determinado grupo humano. A posse do território confere identidade a essa porção de terra. O Homem não habita apenas a terra, mas possui e confere identidade a essa mesma terra.

O Espaço Vital é a necessidade de espaço territorial de determinada sociedade tendo em conta a sua demografia, o seu nível de desenvolvimento tecnológico e os recursos naturais disponíveis. O Espaço Vital teria de ter em conta a necessidade de reprodução e evolução de determinada sociedade e seria pois uma relação de equilíbrio entre população e recursos naturais, sintetizando todo o pensamento de Ratzel em relação à natureza e ao Homem.

Um outro conceito importante na teoria de Ratzel é a legitimação da guerra, da violência e da conquista como meio de obtenção de espaço vital por um povo e sociedade.

Ratzel apoiava a expansão e a política de Bismark, era assim um apoiante do II Reich e o III Reich vai buscar as teorias de Ratzel na sua política imperialista e de conquista bem como a sua justificação de Território e Espaço Vital.

4.2. Haushofer a visão do mundo

Karl Haushofer obteve a sua formação na escola militar bávara, em 1908 foi enviado para Tóquio para estudar o exército imperial japonês bem como para dar formação na área da artilharia.

Esta sua viagem ao Oriente foi decisiva na sua visão do Mundo, principalmente na perspetiva da Geografia Política. Aprendeu várias línguas orientais e viajou várias vezes, em 1913 completou os seus estudos em Geografia, Geologia e História na Universidade de Munique. Serviu na I Grande Guerra Mundial e em 1919 reformou-se do serviço militar.

Em 1919 começou a ensinar Geografia e Geopolítica na Universidade de Munique onde baseado em outros autores (entre eles Ratzel) cunhou a teoria de que o Estado é semelhante a um organismo vivo que se expande e contrai e que nesta luta países fortes ganham terra a países fracos.⁸²

Celebre elemento da *Escola de Munique*, defende as ideias de que o Mundo deveria de ser dividido em quatro *Pan-regiões*, e geridas por um estado diretor em cada região, em que estas deveriam de ser unidas por um princípio comum. O *Pangermanismo*, em que a Alemanha se ocuparia da Europa e da África como estado diretor, o *Pan-eslavismo*, dirigido pela Rússia, incluiria a Índia e o Afeganistão, o *Pan-asiatismo*, com o Japão enquanto estado diretor e o *Pan-americanismo*, dirigido pelos Estados Unidos. Esta visão seria um contraponto ao *Liberalismo mundialista dos Estados Unidos*⁸³.

⁸² *Op. Cit, Introdução à Geopolítica*, pp. 67 a 78.

⁸³ *Idem*, pp. 84 e 85.

4.3. Mackinder, os poderes da terra e do mar

Defendendo que a Geografia deveria ser a ponte entre as ciências sociais e humanas Halford Mackinder⁸⁴ foi dos mais importantes geógrafos britânicos, consolidou a geografia como uma disciplina independente no Reino Unido, mas é também considerado um dos pais da Geopolítica.

O seu contributo é essencial para a Geopolítica moderna e para as grandes linhas de estratégia e para a teorização da Geopolítica enquanto ciência.

Nascido em Inglaterra em 1861 a sua teoria mais conhecida é da Heartland, não se esgotando a sua contribuição nessa teoria.

Para Mackinder a Heartland correspondia à massa continental situada no coração da Eurásia e correspondendo à Rússia, com o seu papel central entre a Europa e a Ásia. Esta massa continental rica em recursos e delimitada por fronteiras naturais detinha o fator estratégico mundial. Quem a controlasse controlaria a Ilha Mundial, que corresponde à Europa e África e quem comandasse estes comandava o Mundo. Esta teoria foi aceite e adotada pela escola alemã de geopolítica.

Após a Segunda Grande Guerra Mundial e com o crescente poder dos Estados Unidos da América, foi acrescentado o conceito de *Midland Ocean*, em que o Oceano Atlântico Norte era também tido em conta. A crescente força dos Estados Unidos da América e a rivalidade de poder com a Europa fizeram com que o Poder dos Mares fosse então tido em conta na equação.

A Guerra fria assentava então num equilíbrio de poderes terrestres a leste e marítimo a Oeste, e a OTAN é a concretização das teorias de Mackinder.

⁸⁴ *Idem.*, pp. 45 a 51.

4.4. Brzezinski- “A Tríade Geopolítica: América, China, Europa”

Desde cedo toma voz activa nas decisões políticas que afectavam o cenário internacional, primeiro como Professor e depois como político, sendo Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos durante a Presidência de Jimmy Carter, de 1977 a 1981, deixando o seu cunho em várias áreas da política externa americana, designadamente a China, o Irão e o Camboja.

Não sendo aqui o espaço para analisar as suas políticas, vamo-nos centrar nas suas teorias e no modo como via a Geopolítica e o mundo.

Para Brzezinski existe uma grande tríade geopolítica: a América, a Europa e a China. No seu livro “The Grand Chessboard”⁸⁵ expõe a importância dos Estados Unidos para o equilíbrio político do Mundo.

De facto, até há bem pouco tempo, o centro do poder sempre tinha estado na Europa e na Eurásia. Os Estados Unidos teriam aparecido como o único poder dominante no Mundo, como o modelo a seguir durante a última década do século XX, e esta situação alterou toda a dinâmica de poderes.

Para manter o equilíbrio os Estados Unidos têm de continuar a deter o poder na Eurásia e a dominá-la. Um Mundo em que o poder americano deixe de ser o poder efetivo será um Mundo desequilibrado e levaria à anarquia.

⁸⁵ Zbigniew, Brzezinski, *The Grand Chessboard: American Primacy And Its Geostrategic Imperatives*, Ed. Basic Books, New York 1997.

4.5. Alfred Mahan- “A Geopolítica e o Mar”

Alfred Mahan ainda hoje influencia o pensamento da Marinha de Guerra dos Estados Unidos da América. De facto o seu contributo foi fundamental e se pensarmos que este geopolítico morreu em Dezembro de 1914, pouco depois da I Grande Guerra Mundial ter começado e muitos anos antes de os Estados Unidos da América terem entrado na Guerra, podemos ver como ainda mais visionário foi o seu contributo.

Para Mahan, quanto maior o poderio marítimo de um país, maior seria o seu poder efetivo e o seu impacto no Mundo.

Grande estudioso da História, procurava nesta resposta a origem do grande poderio dos povos, e foi sob a sua influência que os Estados Unidos investiram e se tornaram um poder marítimo.

As suas teorias foram, em parte, confirmadas para muitos, pela I Guerra Mundial e pela forma como os países com maior marinha venceram a Guerra.

Para alcançar este poderio, Mahan estabeleceu linhas de planeamento para os governos, tanto em paz, como em guerra.

Em caso de paz um bom investimento numa marinha mercante, numa boa rede de trocas comerciais marítimas iria estabelecer uma marinha e uma esfera de influência forte e alargada.⁸⁶

Para a guerra, e como preparação para ela, o Governo teria todo o interesse em ter e manter não só uma boa Marinha, diversificada para todas as ocasiões, bem como um bom número de homens prontos a entrar em combate. Mahan afirma também que colónias geograficamente posicionadas em sítios estratégicos são uma enorme

⁸⁶ *Op. Cit, Introdução à Geopolítica*, pp.40 a 44

mais-valia, se bem que para ele seria pouco provável que os Estados Unidos viessem a ter tais colónias.⁸⁷

4.6. Aymeric Chauprade

Este geopolítico, politólogo, doutor em ciências políticas e também com formação em Direito Internacional, define-se a si próprio como pertencendo à corrente realista.

É considerado um dos mentores da chamada nova geopolítica francesa, que aposta na francofonia, numa Europa com fronteiras bem definidas e num Mundo em equilíbrio entre a China e os Estados Unidos são a realidade a seguir.

Acusado de dar demasiada atenção e ser influenciado pelas teorias da conspiração, Aymeric Chauprade tem tido, desde o 11 de Setembro de 2001, não só mais notoriedade mas também sido alvo de várias críticas, que chegaram a colocar em causa o seu lugar de Professor.

A questão geopolítica tem sido desde sempre central nos escritos e nos estudos de Aymeric Chauprade. Com o seu mentor, François Thual, publica o Dicionário de Geopolítica, que se virá a tornar numa referência a nível Mundial, tendo continuado a publicar sobre o tema.

“Defensor da independência nacional e do equilíbrio multipolar”⁸⁸, este geopolítico considerava ser necessária à França uma aliança com a Rússia bem, como interessaria que o povo árabe estivesse forte.

“Defensor dos povos do Sul, face à inferência Ocidental”⁸⁹, é um crítico quanto ao papel desempenhado pelos povos Europeus no que concerne às suas políticas para os povos do Sul. Sendo um autor

⁸⁷ *Idem.*

⁸⁸ <http://www.realpolitik.tv/aymeric-chauprade/> 09-10-2011

⁸⁹ <http://www.realpolitik.tv/aymeric-chauprade/> 09-11-2011

bastante atual, a sua teoria está em constante alteração e reencaminhamento. Chauprade está atento às mudanças do Mundo, e tem uma visão dos acontecimentos própria de quem se inscreve na escola realista de política e geopolítica.

As suas últimas linhas geopolíticas alertam para o perigo dos extremistas islâmicos nos Estados Unidos e para uma possível aliança entre a Rússia e a China.

4.7. Aleksandr Dugin

Este geopolítico de origem russa, filho de um oficial de topo do KGB trabalhou nos arquivos desta organização, onde se deparou com uma serie de obras censuradas pelo regime na altura vigente, o comunismo. Não tendo ficado indiferente a estes documentos de direita e nacionalistas torna-se conservador. Este pensador acaba por direccionar e simultaneamente acompanhar grande franja da sociedade russa pós-comunista, num processo de transição cultural. Assumindo uma nova direção para a Federação Russa. Contesta o modernismo ocidental pelo seu afastamento dos valores conservadores, da família, da Pátria e de Deus. Acusando o pósmodernismo do ocidente de satanismo, pelo divisionismo e pelas prevaricações praticadas; ao nível da engenharia genética, futuras criações de seres mutantes e clones entre outros factos.

Pelo que o povo russo pode iniciar uma revolução conservadora e aceitar que tanto o Iluminismo como o Pós Modernismo Ocidental são um erro. Dugin em 2002 fundou o Partido da Eurásia, passando mais tarde este a movimento Eurásia, atualmente este é conselheiro de Medvedev. Este geopolítico encontra-se perante um processo de revivalismo cultural e religioso tão referido por Samuel Huntinton. Podendo trazer um objetivo aglutinador para o grande espaço geografico que atualmente se rege pela Federação Russa.

Luís Mira Pereira

5. Os Desafios ao projeto europeu

5.1. A geopolítica ajudaria a pensar a Europa?

A Europa sem uma definição Geopolítica tem os dias contados, pois sem uma análise de tal teor não é possível definir os objetivos estratégicos a implementar. *Um barco sem rumo navega à deriva*, os tempos de facilidade já passaram, a Europa começa a perder o seu antigo *Status Quo* na economia mundial. A sua estrutura burocrática cresce separadamente da vontade popular, “ganhou vida própria”, para a manter será necessário continuar a aumentar os impostos, o que a determinada altura estes se tornarão in comportáveis, levando ao desajustamento do tecido empresarial que deixará de ser competitivo, num mercado global. Perdendo o poder económico, perde a capacidade de reter recursos humanos qualificados, tal como de atrair outros.

Entra desta forma numa espécie de naufrágio ou hecatombe já anunciado com o grande Declínio do Ocidente. Para estudar a Europa temos obrigatoriamente de refletir acerca do "Euromundo" ou a herança cultural do Imperio Romano. Esta civilização marcada por Roma, através das suas culturas viveiro que irão gerar uma contínua expansão ao longo do tempo e do espaço. Também conhecido por mundo Ocidental, reflete uma expansão dos Europeus após os descobrimentos iniciados pelos portugueses, posteriormente pelos espanhóis, pelos holandeses e ingleses, numa fase posterior pelos franceses e italianos na Etiópia, pelos cinco continentes.

Embora este espaço civilizacional se encontre essencialmente na área geográfica do Atlântico Norte, Islândia, Europa Ocidental, Europa Central e América do Norte com Canadá e Estados Unidos da América, e embora a Oceânia também lhe pertença devido ao facto de ter mantido até à atualidade a ligação com o Reino Unido tal como o processo de colonização ter sido racionalizado, a população de origem europeia não só ainda predomina em número, como detém o poder.

Outros locais do globo cujo processo de colonização tenha levado consigo uma população europeia em maior número que os autóctones e as culturas nativas foram absorvidas na cultura dominante, e a Europa do Leste apesar de terem a mesma *matriz Europeia*⁹⁰ também são Cristãos (embora Ortodoxos) não tendo vivenciado no entanto o Renascimento⁹¹. Na América Latina o processo de miscigenação criou uma cultura própria.

*A indigenização e o renascimento da religião são fenómenos globais. No entanto, têm sido mais evidentes na firmeza cultural e nos desafios ao Ocidente que têm vindo da Ásia e do Islão. Estas têm sido as civilizações mais dinâmicas do último quartel do século XX. O desafio islâmico é manifesto no ressurgimento cultural, social e político do Islão no mundo muçulmano e na concomitante rejeição dos valores e instituições ocidentais. O desafio asiático, manifesto em todas as civilizações do Extremo Oriente - cínica, japonesa, budista e muçulmana - acentua as suas diferenças culturais em relação ao Ocidente e, por vezes, as suas afinidades, que frequentemente são identificadas com o confucionismo.*⁹²

Com este declínio anunciado e vivido nos últimos tempos, carece repensar esta civilização marcada pela defesa dos valores universais dos Direitos Humanos sem o qual o seu fim pode estar á vista.

⁹⁰ A matriz cultural Europeia; Cultura Helénica, direito Romano e religião Judaico-Cristã Cristianismo.

⁹¹ Huntington Samuel, *O Choque das Civilizações*, Gradiva.

⁹² Op. Cit, *O Choque das Civilizações*, pag. 119.

5.2. Globalização

...As armas e os Barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana...⁹³

A Globalização que vivemos atualmente inicia-se com os descobrimentos portugueses no século XV, onde se compravam especiarias num dado ponto do globo para serem vendidas num outro, beneficiando das trocas comerciais em si, tendo posteriormente evoluído para a troca de outros produtos⁹⁴.

Este fluxo de mercadorias e pessoas com suas culturas, veio a ser intensificada com a revolução industrial e, posteriormente, com a produção em série imposta pelo Taylorismo e Fordismo, em que os países mais evoluídos, devido à necessidade de escoarem os seus produtos pelo excesso de produção para os mercados internos, tiveram que exportar os produtos por si manufaturados.

Atualmente neste período de mudança de era “Pós Industrial”, temos vindo a assistir a uma disputa pelos mercados globais. Onde o modelo económico carece de alguns acertos e reformas, tanto pela escassez de matérias-primas, como pelo excesso de competição global. A Europa e os Estados Unidos deixam de ser as fábricas do mundo competindo agora com os baixos salários e quase ausência de impostos na Ásia. Temos então numa crise económica e financeira no Euromundo, em países cujas economias se deslocalizaram; numa primeira fase, os consumidores beneficiam, pela baixa de custo (deflação) dos produtos, passando a haver mais oferta do que procura,

⁹³ Camões, Luiz Vaz de, *Lusíadas*.

⁹⁴ Mão-de-obra escrava, ouro do Brasil entre outros.

numa ótica da lei da oferta e da procura, diminuindo a concorrência pelo encerramento do tecido produtivo, invertendo a tendência aumenta a procura em relação à oferta, o que acaba por levar a um aumento dos preços de mercado; invertem-se assim as posições da oferta e da procura, acabando nós por verificar *á posteriori*, um aumento dos preços, o que representa uma inflação. Tendo ainda estes mercados perdido poder de compra pelo aumento do desemprego resultante das deslocalizações.

... continuar...!!!!!!!!!!!!!!

5.3. Economia

Na Alemanha de Bismarck, aplicam-se na política os princípios da Subsidiariedade e da Descentralização⁹⁵, de forma a antecipar as reivindicações sociais democratas este também criou condições, para uma integração económica e política, através de uma política de união aduaneira.

O mundo que nos surge após a Guerra Fria é marcado por uma convergência económica ao nível de blocos regionais, de onde emergem. Henri Bourguinat⁹⁶ salienta a mudança da integração mais focada na economia, com o objetivo de aprimorar os espaços reais em detrimento dos espaços financeiros. A integração espacial vista assim numa linha idealista, como perspectiva integracionista, é marcada pela maximização das oportunidades no acesso comum ao bem-estar,

⁹⁵ Bismarck, Otto Von

⁹⁶ Medeiros, Eduardo Raposo de, *Blocos Regionais de Integração no Mundo*, ISCS, 1998 pp. 14

“através da unificação dos mercados tal como dos espaços de forma a longo prazo estabelecer a igualdade de tratamento dos produtos, serviços ou fatores, qualquer que seja a sua proveniência ou a sua origem”⁹⁷.

Kindleberger vai mais longe, colocando a integração económica a par e passo com a política. Segundo a teoria Estática e teoria Dinâmica das Uniões Aduaneiras, ao nível da distribuição de rendimentos, a integração de mercados geralmente conduz ao aumento das assimetrias sócio económicas⁹⁸, beneficiando a União em si embora aumentando as assimetrias, havendo a necessidade de introdução de políticas sociais.

Na Europa, existem quatro grandes centros industriais; Alemanha França, Itália e Reino Unido; estes pertencem ao G7 devido ao seu elevado nível industrial. Embora no leste da Europa também existam indústrias, mas essencialmente do setor pesado. A Europa que conhecemos é caracterizada por uma grande heterogeneidade económica, entre os seus vinte e sete estados membros, fruto de uma dada evolução histórica⁹⁹ tal como de diferentes condições geográficas, culturais e climatéricas.

Tal se explica com a atual crise económica que abrangeu Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha, tendo sido apelidados pela comunidade internacional por PIGS. Ficaram demonstradas desta forma as diferenças entre os vários países com o eclodir desta crise económica internacional. Fruto de uma globalização que veio retirar aos países ocidentais a produção económica mundial, uma vez que atualmente 60% da produção mundial está na Ásia.¹⁰⁰

⁹⁷ Op. Cit. pp. 15

⁹⁸ Op. Cit. pp. 21

⁹⁹ Com o surgimento da Reforma protestante, aumentou o fosso a diferença de pensamento entre os países Protestantes e Católicos.

¹⁰⁰ <http://www.ers.usda.gov/data/macroeconomics/> 01-06-2012

Walter Marques refere que a política monetária, será o conjunto de orientações levadas a cabo pelo banco central, sob indicação do Governo, com os agentes económicos como elementos de ação destinados a conseguir regularizar a economia por meio de ferramentas adequadas em que a moeda cumpre um papel fulcral¹⁰¹.

Ainda segundo este autor, será através da política monetária e da política orçamental e fiscal, que os estados podem desenvolver ou ajustar a procura agregada, alterando o equilíbrio do produto, designando este conjunto de medidas em simultâneo consoante o efeito desejado de *Policy Mix*, sem a sua utilização cairá o estado em questão num desequilíbrio inesperado, refere.

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE)¹⁰², demonstra a diferença dos custos de produção nos vários países. Na Alemanha devido ao conjunto de condições; melhor e mais ensino, a cultura produtiva, melhores condições de trabalho, um maior entrosamento com uma cultura de liderança empresarial, Estado da Arte, como outros fatores, a massa laboral consegue produzir mais 25% do que nos países da periferia europeia e, partindo desta premissa, estes países partiram logo com uma desvantagem comparativa¹⁰³, pois os seus custos de produção são mais elevados. A Alemanha, consegue manter a sua economia em crescimento devido a um maior entrosamento com a economia global, através da exportação de produtos diferenciados, onde estes mantêm uma vantagem comparativa.

A Globalização traz consigo uma deflação na economia; a Alemanha com a sua entrada no euro, começou um processo de terciarização da

¹⁰¹ Marques, Walter, *Política Monetária*, Publicações Europa América, 2º ed. 1986

¹⁰² <http://stats.oecd.org/Index.aspx?QueryName=427&QueryType=View&Lang=en> 01-06-2012

¹⁰³ Porter, Michael, *A Vantagem Comparativa das Nações*, Harvard Business School, Março/Abril de 1990.

O Que Esperar da Europa?

sua economia, passando a referir os seus produtos de “Made In Germany” para “Made By Germany”¹⁰⁴, exportando assim a deflação para os países recetores da produção alemã.

Essa estratégia proporcionou importante excedente comercial, em detrimento dos seus parceiros da zona do euro, para os quais a Alemanha acabou exportando sua deflação salarial. Porém, o país teve de arcar com o preço de um crescimento reduzido em razão de uma demanda interna deprimida e do crescimento preocupante do endividamento das famílias (68% do PIB), após o governo ter transferido para elas parte dos encargos pagos pelas empresas que se mudaram para o exterior.”¹⁰⁵

Ao transferirem a produção do seu território, para a periferia europeia, e posteriormente deslocalizarem, maioritariamente¹⁰⁶ para a Ásia, continuam a manter a liderança no processo, através do fabrico e comercialização de maquinaria¹⁰⁷ para esses mercados. Na Europa as medidas para a adaptação a esta evolução ainda não foram tomadas e como prova deste facto temos a falência do modelo da UE, já se vão levantando questões como; a saída de certos países da união monetária, do “Euro” nomeadamente Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha, ficando a questão no ar, acerca do impacto da saída de um país da zona Euro, para o próprio projeto “União Europeia”.

A Europa encontra-se num impasse tal que o seu destino se encontra ainda no segredo dos deuses porque falhando a economia europeia, poderá cair o projeto político. O modelo da avaliação da política económica dos países, através das agências de Rating, mostrou-se um ponto fraco facilmente explorável por qualquer adversário.

¹⁰⁴ <http://diplo.org.br/imprima2836> 29-09-2011

¹⁰⁵ Idem

¹⁰⁶ Esta deslocalização também para a América do Sul e Leste Europeu, onde os salários ainda são reduzidos.

¹⁰⁷ Por exemplo, teares e outros equipamentos necessários ao processo industrial.

" O declínio económico resultante leva à frustração, ao ressentimento e agitação doméstica ou até à guerra civil. O sofrimento humano e o tumulto fazem com que um país fique no ponto de se receber um governo autoritário ou subversão externa." ¹⁰⁸

5.4. Inteligência Económica

Este foi certamente o capitalismo, para comércio de longa distância exigiu um investimento pesado de capital na expectativa de grandes lucros, mas um capitalismo de livre mercado que claramente não era. O segredo de fazer lucros altos era assegurar monopólios de uma forma ou de outra, excluir concorrentes, e os mercados de controle em todas as formas possíveis. Já que o lucro foi feito a partir de negociação de produtos escassos em vez de racionalizar a produção, o impacto do capitalismo mercantil na sociedade era limitado. A maioria da população europeia poderia obter com seu trabalho diário capitalismo sem ser afetado pelas atividades destes donos do capital¹⁰⁹.

O Capitalismo veio trazer uma grande competição, cujos objetivos passam por ser o monopólio dos mercados, através da disputa dos mesmos. A economia acaba por determinar a soberania dos estados, a guerra continua mas mudam os meios. Com a Guerra Fria, marcada pela Dissuasão do armamento nuclear, cuja ação se passou nos bastidores e respetivas Operações Baseadas em Efeitos, centrada no profundo conhecimento do adversário através das informações, levando a uma contínua Guerra Psicológica e Guerra da Informações, com ações encobertas por todo o Mundo, surgiu uma nova era, a da

¹⁰⁸ Mathews, Jessica Tuchman, *Redefining Security*, Foreign Affairs Review (1989).

¹⁰⁹ Fulcher, James, *Capitalism, A Very Short Introduction*, Oxford University Press, 2004, pp. 4.

Inteligência¹¹⁰, caracterizada pela forma como a informação era tratada e disponibilizada nas organizações.

Com o término da Guerra Fria, marcada pela queda do muro de Berlim, os estados deixaram de investir tanto nas informações humanas (*humint – human intelligence*), por considerarem que já não existiam ameaças à Segurança Nacional, levando a que os antigos operacionais se empregassem em organizações privadas, trazendo consigo as suas metodologias para a arena privada, aumentando deste modo a competição entre as empresas, beneficiando claramente as que tinham mais *Know-how*, tal como as praticas implementadas nas suas organizações.

Esta contenda logo passa para os Estados, que começam a defender as suas economias através dos Serviços Secretos. Com a harmonização das economias e quase fim dos proteccionismos pela queda dos Blocos, aumenta a rivalidade entre as várias economias nacionais, no mercado Global, os EUA passam a fazer uso do antigo sistema de captura de informações contidas no espectro eletromagnético, implementada inicialmente na II Guerra, como forma a intercetar as comunicações alemãs encriptadas pela *Enigma*, aprimorado o sistema de *Sigint (Signal Intelligence)* na Guerra Fria, tanto pela necessidade de acompanhar a União Soviética, como pela própria evolução do Estado da Arte, o Projecto 11 ou P11, conhecido por *Echelon*, dirigido pela NSA¹¹¹, mas posicionado nos vários países da Estados Unidos, Reino Unido, Canadá e Austrália (UKUSA), antigas colónias inglesas, o império onde o sol não se punha, estes países beneficiavam da dispersão nos vários pontos do globo, para a disposição dos recetores de satélite.

O Japão em 1996 pela altura da edição do livro referido teria cerca de 13.000 operacionais nos seus interpostos comerciais (*sogo shosha*),

¹¹⁰ Kahaner, Larry, *Competitive Intelligence*, ed. Touchtone Books, New York, pp. 16.

¹¹¹ Agência de informações norte-americana, National Security Agency, NSA.

espalhados pelo mundo, que reuniam as informações e as enviam para o país, para serem processadas e distribuídas¹¹².

“Em 1995, o CDO era chefiado pelo delegado Mário José de Oliveira Santos. Lá foi feito o grampo – denunciado por ISTO É – que captou conversas entre o presidente FHC e seu assessor direto, o embaixador Júlio César Gomes dos Santos, além de diálogos sobre a licitação internacional do Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM). O bilionário negócio (US\$ 1,4 bi) acabou no colo da indústria americana Raytheon.”¹¹³ Estas ações não são exclusivas dos EUA; os japoneses têm escritórios por todo o mundo, onde recolhem informações que serão trabalhadas e disponibilizadas para as respetivas empresas nacionais; os alemães vão ao ponto de se servirem da informação da banca estatal para favorecerem as empresas nacionais¹¹⁴; os franceses trabalham ainda mais próximos das suas empresas, segundo uma doutrina de *Guerre économique*, tendo a DGSE¹¹⁵ para poderem tanger a espionagem industrial, segundo Larry Kahaner e Pierre Marion declarou ser vulgar este procedimento (temos como exemplo os franceses que foram apanhados a espiarem empresas norte-americanas como a IBM e a *Texas Instruments*, entre 1987 e 1989).

Não seria normal espiar os Estados Unidos em matéria política ou em assuntos militares, pois somos aliados, mas na competição econômica e tecnológica, somos concorrentes. Nós não somos aliados. ¹¹⁶ Outros países com estado da Arte menos desenvolvido, também adotam estas formas de obterem conhecimentos técnicos a custos inferiores sem terem de despender enormes custos de investigação. Está provado que essa tarefa foi atribuída aos serviços russos. A *Lei Federal n.º 5* da Federação Russa, relativa às informações sobre o estrangeiro,

¹¹² Op. Cit., *Competitive Intelligence*, pp. 17.

¹¹³ Weiller, Diniz, *A CIA continua no Brasil, Polícia e Segurança Pública*, http://www.policiaeseguranca.com.br/cia_brasil.htm 20-10-2011

¹¹⁴ Op. Cit., *Competitive Intelligence*, pp. 17.

¹¹⁵ Direction Générale de la Sécurité Extérieure, Direção Geral da Segurança Externa francesa.

¹¹⁶ Op. Cit., *Competitive Intelligence*, pp.17.

menciona expressamente a obtenção de informações económicas e técnico-científicas como missão dos serviços de informações.¹¹⁷

Com outros motivos estão outros Estados, (por exemplo Irão, Iraque, Síria, Líbia, Coreia do Norte, Índia e Paquistão) que procuram informações classificadas acerca das tecnologias militares¹¹⁸ dos países ocidentais.¹¹⁹

*O que permite que o general sábio, soberano e bom a atacar, conquistar e alcançar coisas além do alcance dos homens comuns é a presciência.*¹²⁰ O sucesso das organizações que se situam em determinados países, pode ser exponenciada pela forma como os seus Estados conseguem criar ou não, condições para o desenvolvimento dessas economias, aos vários níveis, energético, logístico, jurídico, demográfico e por fim mas com não menos importância a Segurança da Informação, através da pro-atividade dos serviços de Informações, que deverão defender estas organizações nacionais, das ações de outros Serviços de Informações estrangeiros, que por questões de favorecimento das organizações dos seus países, acabam por espiar as empresas estrangeiras.

*Estados de alta tecnologia, os Estados industriais altamente desenvolvidos podem também beneficiar da espionagem industrial. Obtendo informações sobre o desenvolvimento numa determinada área, podem adotar medidas próprias, no plano da economia externa ou da política de subsídios, que tornem a sua indústria mais concorrencial ou lhes permitam economizar subvenções. Outro aspeto importante pode consistir na obtenção de pormenores relativos a contratos de valor elevado*¹²¹. Na União Europeia a competição interna ao nível dos Estados, está a destruir a economia dos países da

¹¹⁷ Relatório final do Parlamento Europeu 2001 A5-0264/2001 PAR 1

¹¹⁸ No domínio nuclear químico e biológico.

¹¹⁹ Idem

¹²⁰ Op. Cit., Sun Tzu, *A Arte da Guerra*.

¹²¹ Op. Cit, Relatório da União Europeia, pp. 105

Luís Mira Pereira

periferia, que em vez de se tornarem mais colaborativas disputam os mercados entre si.

Começa a austeridade através do aumento de impostos, o desemprego aumenta, com a crise a escassez aumenta, pois os Estados, ao socorrerem a banca para evitar um colapso total da economia, injetaram-lhes capital, resultante dos impostos, para além das dívidas que estes Estados tiveram que contrair, através do aumento da dependência de capital alheio, através das ofertas de dívida pública.

Adquiridas pelos grupos ou indivíduos de capital, levam a que os interesses dos países sejam postos em causa pela especulação bolsista, com o objetivo único do lucro. A avaliação de risco passa pelas agências de Rating, cujos objetivos podem ser questionáveis na medida em que estas aquando da avaliação dos bancos, andavam a negociar os ativos tóxicos lhes davam nota máxima AAA, seria por incompetência? Ou não? Supondo meramente que não? Quem seriam os interessados numa crise desta dimensão?

Levantam-se assim questões, que não podendo ser respondidas por falta de informações, nos fazem pensar, e quando as populações apontam o dedo à classe política pela entrega dos interesses nacionais, estarão estes a agir em nome de outros interesses transnacionais?

As políticas de austeridade pioram as condições da economia, a crise torna-se global, a população em geral começa a passar dificuldades financeiras, numa época de “vacas magras”, começando a aumentar multidões de “Indignados”, que contestam a classe política, por estarem alheados das necessidades reais do povo, da inexistência de escolhas políticas devido a uma corporatização da classe dirigente, expondo-se algumas das situações irregulares, corrupção e outras que afetam a sociedade, em conjunto com uma politização da justiça, que faz passar incólumes os mesmos nos seus esquemas.

Em suma está a criar-se uma nova forma de estar nas populações, que também são mais letradas, daí a sua capacidade de análise ter aumentado, tal como a contestação em si. A classe média, estando a perder a sua capacidade financeira, empobrecendo, pode começar a colocar em causa o sistema, classe esta que, afastada da reivindicação social por questões culturais, tem vindo a acumular uma grande tensão. Tudo isto faz evoluir um efeito aglutinador em relação às populações, que se juntam em defesa dos seus interesses, através de uma *cidadania 2.0*¹²², estas multidões têm motivo, como têm *know how* pelo seu elevado nível académico. O risco ou nível de ameaça, passa pela existência de Anarco - sindicalistas nestes movimentos, herdeiros da ideologia de Trotsky, que poderão precipitar o “Quinta coluna”¹²³, a nível global.

Armando Marques Guedes, no seu livro “Ligações Perigosas”, designa estes grupos de “Republicanos Comunitaristas”, considerando este fenómeno; “ Trata-se de uma movimentação global cautelosa e sistematicamente avessa a quaisquer formas doutrinárias ou de controlo e coordenação central. Se o fazem por cautela extrema, para evitarem uma eventual “decapitação”, ou antes pelo temor interno de um desencadear de processos de “burocratização”.”¹²⁴, ainda segundo este autor referindo a revista britânica “*New Left Review*”, que intitula este movimento como “ *Movement of Movements*”.

¹²² Termo usado pela evolução da cidadania nas redes sociais, em que estas usam a segunda geração da *Internet ou 2.0*, para uma maior atividade política no meio Cibernético, evolução para a democracia participativa em contraposição com a atual democracia representativa.

¹²³ Termo, utilizado por Emílio Mota Vidal, General espanhol.

¹²⁴ Guedes, Armando Marques, *Ligações Perigosas, Conectividade, Coordenação e Aprendizagem em Redes Terroristas*, ed. Almedina, 2007, pp.. 35.

5.5. Os “novos” Meios

5.5.1. Sociedade do Conhecimento

O conceito de «sociedade da informação» detém um imenso potencial polarizador no domínio do desenvolvimento tecnológico e mobilizador no domínio da ação política.¹²⁵

O primeiro computador a válvulas, o ENIAC, foi construído em 1946, sendo que só mais tarde, com o aparecimento dos transístores, foi possível a sua massificação - tendo os vulgares computadores, fabricados pela IBM, adquirido o nome do conceito: “Personal Computer”. A intenção da IBM era levar um computador a cada pessoa, tornando se assim no “Computador Pessoal”. Se considerarmos que na Europa em 2001 existiam cerca de 61 computadores para cada 100 pessoas¹²⁶, poderemos constatar que este objetivo não era assim tão difícil de alcançar.

Com os avanços tecnológicos recentes, esta massificação da tecnologia veio trazer grandes mudanças: os atuais Smartphones¹²⁷, os frigoríficos que se ligam à internet com capacidade de controlarem as suas existências, fazendo ainda a encomenda na loja, o aumento do número de computadores na aplicação das várias indústrias,

¹²⁵ Barrulas, Maria Joaquina e Correia, Zita P., *Gestão da Informação e do Conhecimento, 10 anos de investigação do INETI*, Gabinete de Estudos a&b 2004, pp. 105.

¹²⁶ http://ec.europa.eu/publications/booklets/eu_glance/44/pt-1.pdf 20-09-2011

¹²⁷ Telemóveis de última geração, com capacidade de processamento próprio, podendo estes navegar na internet, com funções de GPS, correio eletrónico etc.

nomeadamente na indústria automóvel, com o aumento contínuo do número de computadores por veículo.

Mas se por um lado o homem construiu o computador, este tem vindo a moldar progressivamente a vida do homem, trazendo uma nova forma de estar mais racional, fruto da interação com homem-máquina. Deste modo, a gestão das expectativas do homem e a dimensão temporal alteraram-se de forma muito significativa, com os *timings* de concretização cada vez mais balizados pela velocidade do clique.

As relações sociais alteraram-se, com o individualismo do homem perante a máquina a ser contrabalançado por uma comunicação internacional, pelo entrosamento entre grupos com pontos em comum (como a língua¹²⁸, religião, ou mesmo conceito civilizacional), pelo crescente processo de globalização. As estruturas sofreram também grandes mudanças: avançou-se para uma produção mais flexível, em contraponto com uma antiga produção de massa, daí decorrendo alterações muito relevantes nas formas de organização social do trabalho¹²⁹.

A sociedade emergente passa a funcionar em rede, com repercussões evidentes ao nível da estrutura das organizações, do poder e da cultura. Uma nova *Era* surge, com a “Sociedade em Rede¹³⁰”, com a emergência de novos paradigmas de gestão do capital e da informação, que correm agora na grande rede Global. Certas áreas da sociedade ainda não evoluíram neste sentido, o que se traduz numa certa descontinuidade/desequilíbrio entre os diversos espaços, aumentando a dificuldade na governação. “... a presença na rede ou ausência da rede, e a dinâmica de cada rede em relações às outras, são fontes

¹²⁸ No Facebook, têm aumentado uma interação entre pessoas com interesses comuns, espaço onde a comunidade portuguesa e brasileira têm beneficiado, este meio aproxima comunidades e indivíduos. Onde também islâmicos interagem mais facilmente uns com os outros, criando se assim comunidades com interesses comuns.

¹²⁹ Op. Cit., *Gestão da Informação e do Conhecimento*, pp. 105.

¹³⁰ Castells, *Manuel, Sociedade em Rede*, ed. Paz e Terra 1996

críticas de dominação e mudança...”¹³¹, pelo que os desafios atuais se colocam ao nível da *Governance*.

“Neste novo sistema de gestão e produção, a força de trabalho opera numa empresa em rede como uma rede de tomadas de decisão e de implantação de tarefas em constante mudança. Logo, os postos de trabalho requerem não apenas a capacidade de utilizar tecnologias de informação e de processar informação, mas também a capacidade de aprender: a fonte da produtividade e da competitividade está na mão-de-obra capaz de se auto programar.”¹³² Na *Era da Informação*, todos os nódulos da Rede estão interligados e o indivíduo pode assumir um papel mais activo: num sistema que é mais aberto, as interações podem aumentar, de forma muito relevante e em variadíssimos domínios, com benefícios para o indivíduo. No entanto, este processo implica, em simultâneo, um acréscimo (de dimensões dificilmente mensuráveis) de ameaças, constatável no facto de “qualquer” jovem ou grupo mal-intencionado, desde que dotado de certas ferramentas informáticas e de “algum” know how, poder assumir a função de contendedor, contra um Estado, fazendo uso da metodologia de guerra assimétrica.

Outro tipo de ameaças evidencia-se quando os poderes económicos tentam controlar as informações, como recentemente aconteceu no Reino Unido, num processo que teve como epicentro o jornal *The News of The World* (do australiano magnate da comunicação Murdoch ¹³³), que acabou por ser encerrado. Aqui os poderes económicos competem com os Estados. Por outro lado, também se colocam na defesa dos valores democráticos, através de princípios da Subsidiariedade¹³⁴, pautados pela Teoria Social da Igreja, e também previstos no Tratado

¹³¹ Idem

¹³² Castells, Manuel e Himanen, Pekka, *A sociedade da informação e o Estado - Providencia, o modelo Finlandês*, Fundação Calouste Gulbenkian 2007

¹³³ http://www.washingtonmonthly.com/political-animal/2011_07/murdoch_media_scandal_intensif030784.php 06-10-2011

¹³⁴ http://europa.eu/lisbon_treaty/glance/democracy/index_pt.htm 06-10-2011

de Lisboa - princípios estes que pressupõem que as decisões na União Europeia se devem, tanto quanto possível, aproximar do cidadão¹³⁵.

5.5.2. Revolução 2.0

“No dia 17 de Dezembro de 2010, Muhammad Buazizi, um jovem tunisino desempregado que procurava, na capital, ganhar alguns trocados vendendo verduras produzidas no minúsculo pedaço de terra da habitação rural de sua família teve sua mercadoria tomada e foi espancado pelos guardas municipais que tentavam extorquir-lhe o pouco que tinha no bolso. Humilhado ao extremo, comprou gasolina e, ao atear fogo em si mesmo, transformou seu ato na centelha que iria inflamar a Tunísia e todo o mundo árabe.

A notícia de sua morte foi transmitida por meio da internet e começaram as demonstrações durante o fim-de-semana de 8 a 9 de Janeiro que culminariam com o colapso do governo do ditador presidente Zine Al-Abidine Ben Ali, que fugiu para a Arábia Saudita, após 23 anos de governo de força.”¹³⁶

Este capítulo carece, devido à sua actualidade, de algumas fontes, pelo que, na análise, há um especial pendor da observação directa e da pesquisa de páginas Web, numa perspectiva extrapolativa do fenómeno *per si* – procurando nunca esquecer o princípio da não inferência na observação do mesmo, tal qual numa perspectiva Kantiana, em que o *Númeno* ou coisa em si possa ser estudado sem que a perspectiva analítica seja posta em causa pelos filtros do interpretador.

¹³⁵ <http://www.tratadodelisboa.org/senhoreuropa/o-que-e-tratado/principio-da-subsidiariedade-e-proporcionalidade.html> 06-10-2011

¹³⁶ <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/06/oriente-medio-e-norte-da-africa-vivem-situacao-indefinida-apos-revoltas.html> 29-10-2011

Do mesmo modo, a análise prospetiva dos fenómenos sociais pode tropeçar numa dualidade ou mesmo multiplicidade de desfechos. A “Revolução 2.0”, como fenómeno global, cuja natureza passa por uma contestação transnacional e cuja não compreensão pode resultar na propagação de conflitos sociais à escala global. O estudo do fenómeno social, à semelhança do que sucedeu com outros, deverá ter um determinado impacto no mundo conhecido, sendo importante privilegiar uma abordagem prospetiva (sem que daí resulte qualquer espécie de futurologia, ou outro tipo de “vidência”), mas procurando através do estudo ou interpretação dos acontecimentos anteriores e atuais traçar cenários para o futuro.

No contexto português, podemos realçar como objeto específico, e merecedor de estudo atento, a “Geração à Rasca”, cuja proximidade poderá favorecer uma análise localizada, passível de ser extrapolada para outros fenómenos similares, pela utilização dos mesmos meios e vontades, aplicados noutros espaços geográficos, no mundo ocidental. Regista-se, a este nível uma confluência em formas de organização e comunicação, e na respectiva aplicação no espaço cibernético e, por fim, físico.

A crise pode assim evoluir numa escalada que poderá passar inicialmente pela persuasão, pela negociação, pela mediação (já com a existência de terceiros) e, por fim, pela coação, em que todas as partes querem impor pela força as suas vontades¹³⁷. Para Edgar Morin a crise é *um aumento da desordem e da incerteza no seio de um sistema (individual ou social)* ¹³⁸. Nesta crise poderemos ter vários desfechos, desde as convulsões sociais à própria evolução do modelo Democrático, para mais participativo.

A identificação dos actores conflituais pode-se tornar difusa: temos uma massa descontente, uma elite política desfasada da realidade, uma minoria política pró-ativa; surgem os Anarquistas e Anarco

¹³⁷ Pezarat, Pedro Correia, *Manual de Geopolítica e Geoestratégia* Vol II. pp. 44.

¹³⁸ Morin, Edgar, *O Paradigma Perdido*, pp. 138

Sindicalistas, tal como, potencialmente, elementos de outras áreas políticas dos extremos, não podendo deixar de ser salientado o risco de Operações Baseadas em Efeitos, cujos intervenientes (Estados ou poderes Erráticos) possam estar a influir neste fenómeno de forma encoberta, com um determinado objetivo ou fim. Para uma abordagem mais aprofundada e consequente desta matéria, esta investigação careceria de mais recursos e, em particular, de mais tempo.

O tema, apesar de o seu estudo estar no início, já está a merecer a devida atenção pela comunidade académica¹³⁹ brasileira, que se reuniu no Rio de Janeiro (entre 24 e 26 de Agosto de 2011) no 3º Seminário Internacional, intitulado Capitalismo Cognitivo. Este fenómeno aparece pelos impactos criados pelas novas tecnologias na sociedade Global, pela Sociedade da Informação e do Conhecimento. O termo *Revolução 2.0* deriva da evolução tecnológica da internet, que progrediu para um segundo nível, com a expansão da implementação das bandas largas, através das tecnologias: fibras óticas, ADSL¹⁴⁰ e Satélite.

O aumento da velocidade veio abrir as portas a um conjunto de novas aplicações, e à evolução de outras existentes, como as redes sociais, que passam a poder partilhar elementos multimédia, dando início ao fenómeno *Facebook*, *Twitter* e *Orkut*, entre outros. Estes têm trazido à população em geral mecanismos de comunicação, cujos interesses direcionam a sua utilização com sentidos comerciais ou pessoais, com o evidente desfasamento entre os valores e vontades da classe política e da classe dirigida. Assim, a contestação tem se dado neste meio, já considerado como o sexto meio de ação, em que temos: o aéreo, o marítimo, o terrestre, o espacial e, agora, o Mediático e o Cibernético¹⁴¹.

¹³⁹ http://www.ppgci.ufri.br/acontece/seminario_internacional/ 01-11-2011

¹⁴⁰ Asymmetric Digital Subscriber Line

¹⁴¹ Santos, Loureiro dos, *As Guerras Que já aí estão e as que nos Esperam Se Os Políticos Não Mudarem*, Ed. Europa América, pp. 17.

A ação estratégica passa a decorrer no domínio das guerras assimétricas, e respetivas estratégias indiretas, e da guerra no domínio das percepções. Esta nova *luta de classes* pode ter evoluído no sentido do civismo ou da democracia on-line, ou da mera desestabilização através da guerra da informação. Não focando o Ciberterrorismo ou mesmo a guerra Cibernética com a atenção que estas atividades merecem. Pela falta de espaço resultante das limitações impostas ao nível académico para as dissertações de mestrado de Bolonha e a necessidade de evitar uma dispersão, própria da paixão académica, simples ato de descobrir o saber. Seja como for, e ainda que de passagem, são temas que não podemos deixar de enunciar. Para Lèvy o meio cibernético é o *espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores*¹⁴².

As ligações de células em rede vêm tomar especial importância pela evolução tecnológica, e respectiva globalização dos meios de comunicação e informação; estas células interligam-se em esferas circulares¹⁴³ adquirindo dimensão, tal qual ondas de propagação resultantes de pedradas num charco, e essa evolução pode levar àquilo que Loureiro dos Santos designa por *Efeito Dominó*¹⁴⁴: *as ações dos atores políticos ou criminosos, de natureza estatal ou não estatal, (pessoas, grupos e estados), que se encontram em conflito para atingirem os seus objectivos, tiram partido desta situação de interligação intensa e permanente das diferentes células organizadas em rede.*¹⁴⁵

O valor material ao nível dos recursos empregues no decurso das operações passa a ter um impacto estratégico diretamente desproporcional nos impactos, e Loureiro dos Santos dá o exemplo do impacto negativo da aplicação de forças, sugerindo que a utilização de

¹⁴² Lévy, 1999, pp. 92

¹⁴³ Op. Cit., Santos, Loureiro dos, pp. 18.

¹⁴⁴ Idem

¹⁴⁵ Idem

armamento nuclear possa virar a opinião pública contra esses atores, da mesma forma que o mero uso de um caminhão cisterna com matéria orgânica pôde destruir um prédio em Oklahoma em 19 de Abril de 1995, ou um telemóvel de 15 ou 20€ pode ser utilizado para detonar qualquer engenho explosivo.

Com a anterior sociedade da “abundância”, o capital recorreu ao Marketing e à Publicidade, para potenciar hábitos de consumo das populações e o escoamento dos seus produtos. A oportunidade de comprar casa própria levou a que muitas famílias recorressem à banca, que, privilegiando o lucro a curto prazo, “empurrava” crédito sem analisar devidamente a taxa de esforço dessas famílias.

A falta de regulação veio trazer o caos ao sistema bancário, levando ao início da atual crise, que começa por envolver a banca norte-americana. Veja-se o caso Bernard Madoff¹⁴⁶, que no início dos anos 90 inicia uma fraude, no esquema de pirâmide financeira, no valor de 50 biliões de dólares americanos. Veja-se, ainda, a crise do *Subprime*, anunciada em Fevereiro de 2007, em que diversos bancos vendiam a outros o risco de incumprimento dos seus clientes, através de empréstimos hipotecários de alto risco, daí resultando abundantes ativos tóxicos que acabaram por levar à falência bastantes instituições bancárias (só em 2010, faliram 119¹⁴⁷ nos Estados Unidos).

Os grupos de interesse que influenciaram as medidas de desregulação da economia acabaram por enriquecer com a mesma. O enorme entrosamento entre a banca internacional transporta a sua falência para a banca europeia e, nesta sequência, a União Europeia apressa os Estados Membros a injetarem capital na banca, tentando fazer face ao risco de colapso total da economia.

¹⁴⁶ <http://www.estadao.com.br/noticias/economia,madoff-se-declara-culpado-de-fraude-nos-eua-e-volta-a-cadeia,337633,0.htm> 25-10-2011

¹⁴⁷ <http://economia.ig.com.br/mercados/nos+eua+119+bancos+ja+faliram+em+2010/n1237773440137.html> 24/10/2011

5.5.3. O Caso “Otpor”

Otpor é uma palavra sérvia que significa RESISTÊNCIA, usada para designar um movimento pró democrático, em Outubro de 1998, cuja emergência se deu no meio universitário daquele país. Tendo aquele movimento conseguido um grande impacto no aumento da resistência¹⁴⁸ ao regime de Slobodan Milosevic, *o descontentamento sérvio com a conjuntura foi mobilizado... , ... uma combinação complexa de greves, protestos, abaixo assinados, ações relâmpago nos media, e a publicação e coordenação policentrada e acéfala causaram uma obvia desorientação terminal nas hierarquias e sedes de poder político-militar sérvio*¹⁴⁹. Pelo exemplo de uma bem-sucedida ação disruptiva, passam a reproduzir-se associações juvenis na Geórgia (o *Kmara*) e na Ucrânia (o *Pora*).

Em 2000, alguns dos líderes do *Otpor* estiveram, a convite do *International Republican Institute*, no hotel Hilton de Budapeste, tal como a *National Endowment to Democracy* patrocinou o alojamento a outros alunos da universidade de Belgrado; estes eventos foram organizados pela *Open Society Institute*, organismo liderado por George Soros, antigo orientando de doutoramento de Karl Popper, filósofo defensor da Democracia Liberal.

¹⁴⁸ Guedes, Armando Marques, *Ligações Perigosas, Conectividade, Coordenação e Aprendizagem em Redes Terroristas*, ed. Almedina, 2007, pp. 42

¹⁴⁹ Op. Cit., *Ligações Perigosas*, pp. 42.

O interesse destes seminários dá-se pela presença de académicos e militares (cuja participação não pode ser descurada) salientando-se, neste contexto, a do Coronel Robert Herney, reputado especialista ao nível de metodologias de resistência não violenta¹⁵⁰, com experiência em diversos teatros de operações, desde a Birmânia a vários Estados da América Latina. Este coronel do exército norte-americano tinha como referência o reputado académico Gene Sharp¹⁵¹. Os meios de comunicação acabam por ter um papel imprescindível nestas acções de guerra de informação e simultaneamente psicológicas em rede, reconhecidas como *Netwar*¹⁵².

Estes grupos de jovens ativistas, agora espalhados por todo o planeta, servem-se do know-how atualizado, desde a sua implementação, na Jugoslávia. A disseminação destas metodologias passa utilização de *Blogues*, *Chatrooms*, através de reuniões para partilha de experiências e *Brainstorming*'s¹⁵³.

Temos vindo a assistir em alguns países¹⁵⁴ da União Europeia, algumas formas de conflito social, a “Geração á Rasca” que se deu em Portugal, no dia 12 de Março de 2011, Movimentos “Os Indignados” em 15 de Maio de 2011 em Espanha, a evolução do conflito para o 15 de Outubro de 2011 com a respectiva exportação do fenómeno para 951 cidades e 82 países¹⁵⁵, em Londres tentam ocupar a Bolsa¹⁵⁶.

A Revolução 2.0 é o resultado fenomenológico da discrepância entre dois pontos de vista antagónicos e conflituosos entre si, por um lado na Europa o poder político que se está a afastar das pessoas, caminhando no sentido dos poderes transnacionais, quando as pessoas procuram

¹⁵⁰ Idem pp. 43

¹⁵¹ Idem pp. 43

¹⁵² Idem pp. 36

¹⁵³ Idem pp. 44

¹⁵⁴ Portugal, Espanha, França, Grécia e Reino Unido.

¹⁵⁵ <http://br.noticias.yahoo.com/movimento-dos-indignados-acquire-dimens%C3%A3o-planet%C3%A1ria-142910102.html>

¹⁵⁶ <http://www.publico.pt/Mundo/indignados-querem-revolucao-na-city-de-londres-1518718>
29-10-2011

participar cada vez mais no processo de tomada de decisão, através da evolução da democracia, que até aqui representativa para uma democracia participativa. No atual modelo democrático a classe política, rendida aos interesses, pela entrega dos interesses públicos ao poder económico.

Se tivermos em conta que o norte de África sofreu uma mudança no plano governativo, através da mobilização das redes sociais e respectiva ação disruptiva e revolucionária, levaram á queda das instituições governativas cujas ditaduras entraram em falência, podendo o fenómeno ser exportado para muitos outros locais do globo, embora por ali a ação da Al Qaeda¹⁵⁷, ou outros grupos islâmicos, estejam ou possam estar em jogo.

“Em chinês e nos negócios, essas duas palavras são uma só. Num momento desfavorável, teremos sempre a chance de escolher: ou renascemos da crise ou nos afundamos nela.”¹⁵⁸

O conflito, ou não, poderá estar dependente da forma como os poderes, ou estruturas governativas agirem ou reagirem aos acontecimentos, pelo que uma pequena fagulha num dado acontecimento possa tomar dimensões globais.

O declínio do Euromundo pode acentuar ou inverter, pois estes movimentos podem ser a alavanca necessária ao rejuvenescimento da civilização, estes movimentos na sua génese contestam a corrupção tal como outras vicissitudes sociais e sua imputabilidade para com as classes dirigentes. O controlo das minorias anarquistas ou anarco-sindicalistas, devem pois merecer algumas atenções pela ameaça que podem causar, de subverterem os sistemas levando aos levantamentos das massas.

¹⁵⁷ <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,al-qaeda-e-sectarismo-ameacam-estabilidade-no-egito-dizem-analistas,662967,0.htm> 13-11-2011

¹⁵⁸ <http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=945> 13-11-2011

5.6. Governação Europeia

Como referido por Marques Bessa na sua análise das elites políticas, “... decisões globais, cuja fonte não é possível esconder, atribuindo-a ao todo social.”¹⁵⁹. Para este professor a relação entre dirigentes e dirigidos, pode ser condicionada pela forma como os dirigidos fazem valer os seus interesses pelo aspeto como se organizam, aceitando ou discutindo aquilo que lhes é imposto. Caso estes baixem os braços, surgem as tiranias e as explorações¹⁶⁰.

“Em grande parte da Europa, a autoridade está sendo transferida para as agências que são praticamente independentes do controlo popular, incluindo os bancos centrais, tribunais e comissões reguladoras.

Os Estados que no passado contavam com o funcionalismo público, responsável perante a população, agora aumentando a concorrência de mercado e os fornecedores do sector privado para esse fim. Uma expansão da União Europeia, é atribuição de um poder substancial sobre as instituições supranacionais, afastadas deles. Os desenvolvimentos levantam questões sobre o carácter e o futuro

¹⁵⁹ Bessa, António Marques, *Quem Governa?*- ISCSP 1993, pp.18

¹⁶⁰ Op. Cit., pp 607

*da democracia na Europa...*¹⁶¹ Para Peter A. Hall, na Europa, a classe dirigente encontra-se afastada da vontade do povo, através de uma democracia representativa, as classes dirigentes quando nas alturas das eleições prometem ao eleitorado o que estes querem ouvir, para posteriormente levarem a cabo agendas de quem os financiou.

Adriano Moreira afirmou no programa televisivo Prós e Contras no dia 19 de Maio de 2009 que “ *a roda vai andando mas o eixo, que a sustenta, não muda de posição. Referiu ainda a gravidade de se ter quebrado a confiança no sistema judicial, a confiança nos políticos, a confiança nas instituições. Que o sistema democrático é criado precisamente para garantir que a confiança exista, baseada na separação de poderes, no limite dos mandatos, no sufrágio eleitoral como forma de confirmação, ou não, da confiança em quem governa. Logo, a quebra generalizada da confiança leva a desconfiar da eficácia da organização democrática que a tal conduziu.* ”¹⁶²

Segundo Paulo Otero¹⁶³, a Europa por inferência dos totalitarismos passados, cujos grupos se afastaram da luta armada, adaptaram-se aos processos democráticos, mantendo ainda aspirações governativas. As suas metodologias passaram pela integração partidária, com o objetivo estratégico de mudarem por dentro os sistemas, incluindo junto do Parlamento Europeu¹⁶⁴. As democracias acabam por sofrer um revés, pelo empobrecimento dos intervenientes e seus objetivos.

Partindo das premissas de que, se os partidos controlam o acesso direto ou indireto aos órgãos de Estado, então controlam os cargos públicos, que serão entregues às clientelas partidárias *Jobs for The*

¹⁶¹ Hall , Peter A. *Governing Europe*, ed. Oxford 2003 pp. 1.

¹⁶² Programa de Televisão da RTP, *Prós e Contras*, 19 de Maio de 2009

¹⁶³ Otero, Paulo, *A Democracia Totalitária, do Estado Totalitário à Sociedade Totalitária*, ed. Principia, 2001

¹⁶⁴ Idem pag 149

*Boys*¹⁶⁵; então, se os recursos são escassos, outros indivíduos ficam afastados dos mesmos, facto este que para além de provocar os excluídos, poderá levar ao descrédito do modelo governativo, má afetação dos bens públicos e condicionamento da economia. Ainda este autor refere uma “Sovietização da Europa”, justificando assim através da partidarização dos Estados e por resquícios de totalitarismos passados, possam estar a ganhar terreno na União Europeia.

“... Aquilo que se revela mais preocupante consiste no facto de os partidos políticos terem o monopólio ou quase a exclusividade da apresentação de candidaturas às eleições por sufrágio direto de órgãos colegiais do Estado e demais entidades publicas territoriais e, por via deste mecanismo, controlarem o acesso direto ou indireto a todos os órgãos do Estado, sem esquecer aqui o possível assalto aos meios de comunicação social: *o Estado de partidos* permite em suma, que os partidos políticos se apoderem do Estado na sua totalidade.”¹⁶⁶

Vladimir Bukovsky¹⁶⁷, dissidente Soviético, acerca do Tratado de Lisboa, referiu num discurso em Bruxelas, em que diz temer, que a União Europeia esteja a caminho de se tornar uma outra União Soviética. Refere no seu livro¹⁶⁸ que a antiga União Soviética tinha um acordo com os partidos comunistas e Social - Democrata alemão¹⁶⁹.

A partir de 1985 eles mudaram completamente a sua visão. Os soviéticos chegaram a uma conclusão e a um acordo com os partidos de esquerda que se eles trabalhassem juntos poderiam subverter o

¹⁶⁵ Expressão utilizada em Portugal pela primeira vez “No Jobs for The Boys” pelo PM António Guterres, tentando refrear a sua massa partidária que se encontrava sedenta de cargos, pois estavam há 10 anos afastados do poder

¹⁶⁶ Op. Cit, *A Democracia Totalitária*, pp. 214.

¹⁶⁷ <http://www.brusselsjournal.com/node/865> 07-10-2011

¹⁶⁸ *The Soviet Roots of European Integration - Our Slogan is a World-wide Soviet Union - Anthem of the Comintern* 1938

¹⁶⁹ designado por *Ostpolitik* ou aproximação ao Leste, onde estes afirmavam a sua vontade de se aproximarem da Rússia.

Luís Mira Pereira

*projeto europeu e transformá-lo. Em vez de um mercado aberto que iriam transformá-lo num estado federal.*¹⁷⁰

*Hoje, tal como Luís XIV havia dito de si próprio, os partidos podem dizer entre si: «O Estado somos nós»*¹⁷¹, embora prestando estes vassalagem às grandes corporações que os controlam, sendo mantida assim a aparência de uma grande Democracia.

O sistema democrático na Europa difere dos Estados-membros, na medida em que cada país tem o seu modelo, temos Monarquias e Repúblicas, diferindo estas ainda entre si, embora todos estes Estados Nação tenham processos de legitimação eleitoral, baseados no sufrágio universal, quando na altura das eleições a classe política, como forma de ganharem ou manterem o poder e respetivos recursos¹⁷², prometem o que não podem dar, falham assim as promessas eleitorais, fazem aquilo que também prometeram aos financiadores¹⁷³, embora por vezes os interesses sejam antagónicos, um dos princípios da negociação é quebrado, não prometer aquilo que não se pode dar, o “ elo de Confiança” é violado.

Este facto leva à frustração, embora o povo no seu geral tenha uma memória curta, mas acaba por causar algum constrangimento e respetiva revolta interior, tensão que se acumula nos níveis coletivo (social) e psicológico (individual).

Rousseau, no seu “Contrato Social”¹⁷⁴ põe em causa o poder delegado, quando o representante só se serve dos representados, para seu benefício, escravizando o indivíduo que desta forma perde a sua liberdade, sem que a sua subsistência seja assegurada.

¹⁷⁰ Idem

¹⁷¹ Idem

¹⁷² Reconhecendo que os recursos são escassos, reter o poder significa o controlo dos recursos.

¹⁷³ Detentores do capital, que financiam as campanhas políticas, exigindo á posteriori benefícios pelo contributo.

¹⁷⁴ Rousseau, Jean-Jacques, *Contrato Social*, Biblioteca de Ciências Humanas

“Entregam-se os vassallos para que se lhes tomem os bens?”¹⁷⁵

Rousseau refere o povo como conjunto de indivíduos que fazem parte do agregado, individualmente estes assumem o nome de cidadãos, se forem participantes na autoridade governativa, caso não tenham tal prestação serão meros súbditos. Esta observação toma hoje especial pertinência pela atual racionalização política por parte dos súbditos. Derivando a cedência da liberdade natural, na liberdade convencional, o indivíduo cede a sua liberdade em troca de segurança e proteção do Estado. Mas a falha do contrato seria motivo para a anulação do mesmo, retomando o indivíduo ao seu estado primitivo.

O líder numa organização é o indivíduo que conduz o grupo numa determinada direção, através do seu exemplo¹⁷⁶. A Liderança é o poder de agregar pessoas, criando uma visão e fornecendo a motivação e as metas necessárias para o atingir. Está inserida em todas as áreas, desde a política, a religião no mundo empresarial e áreas sociais. A liderança é a relação entre líder e liderados através do poder de influência do líder.

Com a evolução da civilização houve alguns períodos, em que devido a alterações conjunturais e tecnológicas se pôde assistir a grandes mudanças civilizacionais; aquando da utilização do fogo, para o aquecimento, para cozinhar e para proteção dos animais; da invenção da roda que permitiu evoluir “logisticamente”; da agricultura que possibilitou a sedimentação; da revolução industrial, da era da Informação e atualmente segundo Mário Ceitil¹⁷⁷, perante a era das competências, e do Conhecimento¹⁷⁸.

A liderança, a motivação e a cultura compartilhada são três fatores que diferenciam as instituições: criar “Networks”¹⁷⁹, tornar as pessoas

¹⁷⁵ Idem pp. 14.

¹⁷⁶ Hunter, James.

¹⁷⁷ Ceitil, Mário, *Gestão de Competências*. Ed. Sílabo, Portugal, 2006

¹⁷⁸ Op. Cit., *Sociedade em Rede*.

¹⁷⁹ Networks - grupos de contacto, partilha de interesses comuns.

agentes de mudança, estimular interesses. O verdadeiro líder é aquele que entende as necessidades do grupo.

O líder é o “ministro”¹⁸⁰ da causa, da obra, do conjunto. A sua missão é direcionar, organizar e entusiasmar o grupo para juntos servirem uma causa maior como sendo a própria sobrevivência ou outros objetivos, no contexto onde estiver inserido. As organizações atualmente evoluíram numa linha sistêmica, tal como o corpo humano, estas acabam por ter uma relação grupo/indivíduo, inter-grupo até mesmo intra-grupo (departamentalização).

Tendo em conta a individualidade, o indivíduo inserido numa organização com todas as suas mais-valias, tal como todos os problemas que daí advêm. Por vezes conflitos derivados duma comunicação desadequada, ou mesmo de um excesso de competitividade ao invés de uma tão necessária cooperação. Tal como na relação intergrupar, quando nos debruçamos na departamentalização e todos os prejuízos causados por uma rivalidade interna exagerada ao invés de uma cooperação, e consecutiva maximização dos benefícios para todo o grupo. A divisão da nossa sociedade em classes profissionais acaba por aumentar a competição entre si, que *in extremis* acaba por ser contraproducente.

Com a Globalização temos assistido a uma rivalização que deixa de ser local para ser continental; a sobrevivência é fator fundamental, as sinergias são imprescindíveis, o direcionamento das forças e das vontades passa a ser fator decisório na possibilidade de sucesso das organizações tal como dos Estados. Estas passam a ser dinâmicas, flexíveis e a gestão é participada. O Gestor deixou de ocupar a cúpula das organizações a pirâmide inverteu-se.

¹⁸⁰ Ministro, na sua génese do grego, aquele que serve.

5.7 EuroCorp inc.

O processo de tomada de decisões na União Europeia segundo referido num filme a não perder “*The Brussel Business*” que saiu em 2012, neste documentário poderemos observar a forma como a estrutura de Lobby na UE consegue inferir neste processo.

As corporações estão organizadas em torno de clubes como o atesta o escritor Daniel Estulin clube Bilderberg, espaço onde os multimilionários de encontram para definirem uma agenda que os favoreça. Como exemplo temos o milionário da mass média português Francisco Balsemão membro permanente deste grupo

5.7. O Declínio do Ocidente

O mundo Ocidental encontra-se neste momento num processo de decadência, aos mais variados níveis, ético/moral, demográfico e

económico, próprio da sua evolução civilizacional, marca esta das antigas civilizações caídas, os desvios ao nível da sexualidade, o cultivo das políticas de morte através dos subsídios pós aborto, que só em Portugal os custos anuais ascendem a 100M €, nos processos abortivos e respetivos subsídios¹⁸¹, tal como a falta de políticas pró natalidade têm vindo a contribuir para um declínio da natalidade. Segundo Ignacio Ramonet ¹⁸², a Europa mantém-se refém de uma tirania do Pensamento Único, a falta de alternativas e o cultivo dos “YES SIR”, expressão utilizada para com as pessoas submissas à hierarquia, ou ainda pelo simples facto de manterem os seus empregos, muitas vezes com um conjunto de competências potenciais recalcadas ou com falta das mesmas; esta sociedade pela sua submissão acaba por beneficiá-las, promovendo-as.

O espírito crítico, fator imprescindível à dialética evolutiva, acaba assim por deixar de existir, pela falta de intervenientes ou silenciamento totalitário; este fenómeno pode levar a duas possíveis consequências, a uma possível estagnação ou à ostracização dos elementos que critiquem o poder, reforçando-o.

O Euromundo, na sua extrema dependência de recursos naturais, com uma crise económica, resulta de um modelo desadequado e vulnerável à cobiça e avaréza, condições resultantes da falta de valores Humanos Universais. Os seus antigos valores que lhes deram a hegemonia no passado foram incorporadas na civilização pelas doutrinas Judaico-Cristãs, servindo ainda como elemento disciplinador social, pelo receio de uma penalização ou recompensa no momento do encontro final com S. Pedro, na partida para uma nova dimensão.

Com o anúncio da morte de Deus por Nietzsche, estes princípios e valores perderam o seu sentido, trazendo este Euromundo para uma zona cinzenta ou “um limbo”, onde o hedonismo e o bem-estar

¹⁸¹ <http://www1.ionline.pt/conteudo/103837-custos-com-abortos-podem-ascender-aos-100-milhoes-euros> 10-11-2011

¹⁸² Ignacio Ramonet, *O Pensamento Único e os novos Senhores do Mundo*.

amolecem os músculos e relaxam a Alma, baixando a atenção e levando a um desadequamento cultural face aos desafios. Com este sistema linfático a Europa não consegue identificar os seus vírus. Leo Strauss afirma que “ a crise do Ocidente consiste no facto de o Ocidente ter perdido a confiança no seu destino.”

5.8. Laicismo, Cristianismo ou Islamismo

A indigenização e o renascimento da religião são fenómenos globais. No entanto, têm sido mais evidentes na firmeza cultural e nos desafios ao Ocidente que têm vindo da Ásia e do Islão. Estas têm sido as civilizações mais dinâmicas do último quartel do século XX. O desafio islâmico é manifesto no ressurgimento cultural, social e político do Islão no mundo muçulmano e na concomitante rejeição dos valores e instituições ocidentais. O desafio asiático, manifesto em todas as civilizações do Extremo Oriente - cínica, japonesa, budista e muçulmana - acentua as suas diferenças culturais em relação ao Ocidente e, por vezes, as suas afinidades, que frequentemente são identificadas com o confucionismo. ¹⁸³

Poderá a Europa prescindir do cristianismo enfraquecendo-o, em nome de um laicismo integrante?

“Após o final da confrontação ideológico este-oeste, o movimento islamita (denominado pelas mais variadas expressões – revivalismo, fundamentalismo, integrista) ganhou uma posição política que não detinha até então. Esta situação não se deveu, apenas, à maior atenção dos meios de comunicação social sobre o fenómeno, mas igualmente porque ressurgiu como alternativa ao fracasso do modelo do nacionalismo-socialismo, no mundo muçulmano.”¹⁸⁴

¹⁸³ Op. Cit., o choque das civilizações, pp. 119.

¹⁸⁴ http://www.luso-arabe.org/pt/artigos/islamismo_politica_religiao.html

A laicização segundo Samuel Huntington está a sofrer um revés, pois com a incerteza que as pessoas estão a viver, a falta de valores trazida pela extrema competitividade reforçada pelo neoliberalismo, leva-as de volta para as suas origens, voltam-se para as suas culturas ancestrais e respetivas religiões, para se encontrarem num mundo descaracterizado; veja-se o caso do revivalismo Islâmico.

Atualmente, estes povos islâmicos estão mais unidos pela religião, pela identificação dos mesmos, não pelo seu nascimento num dado espaço geográfico mas antes por uma identidade coletiva essencialmente cultural e religiosa. Estes reconhecem-se no Islão, uma entidade transnacional. Nos conflitos atuais no Iraque e Afeganistão estiveram muitos Guerreiros do Islão (*Mujahedins*) de outros países, que se juntaram para lutar contra os invasores do Ocidente. O estudo deste fenómeno de cariz político religioso tem a sua extrema importância se tivermos em conta o ressurgimento e respetiva expansão do Islão; O processo da globalização poderá passar pela evolução de regiões ou áreas civilizacionais e religiosas¹⁸⁵, segundo este autor.

Caso o Islão aumente o seu poder de influência na Europa, também pela destruição das sedes de poder da cristandade, o que acontecerá com os Cristãos? Serão perseguidos?

Tudo aponta para que sim na medida em que a comunidade cristã é perseguida nas terras do Islão, embora mesquitas rivais também possam ser atacadas¹⁸⁶, tal se deve á existência de grupos radicais dentro do Islão.

Para responder a esta pergunta será interessante entender as condicionantes tidas pelo Islão em relação a outras religiões, o crime de abandono do Islão para estes é um crime designado por *apostasia* no

¹⁸⁵ Op. Cit., *o choque das civilizações*.

¹⁸⁶ Disputas entre Xiitas e Sunitas.

Irão, sendo condenados os seus faltosos à pena de morte por enforcamento.

“A ideia de que a Europa alargada terá deixado de ter uma identidade civilizacional e religiosa própria foi particularmente bem difundida e sustentada por Jérôme Monod, conselheiro do ex-presidente Jacques Chirac, e em particular pelo *think tank* a que Monod preside, a fundação para a Inovação Política.”¹⁸⁷

Franck Débié, ideólogo desta fundação, escreveu num relatório relacionado com a candidatura a Turquia à UE que “A Europa não têm identidade, nem deve de ter!”¹⁸⁸ Este ideólogo vai mais longe afirmando que é necessário construir << um *conjunto político livre de qualquer forma de identidade racial, étnica, religiosa ou civilizacional*>>¹⁸⁹

O Multiculturalismo tem sido mote por parte de alguns políticos designadamente; Jacques Chirac, Gehrard Shroeder, Tony Blair e Silvio Berlusconi, que na Cimeira Europeia de 2004 afirmaram que a Europa não era um “clube cristão”¹⁹⁰.

6. O Ventre Mole da Europa

¹⁸⁷ Valle, Alexandre del, *A Islamização da Europa*, ed. Civilização, 2010 pp. 36.

¹⁸⁸ Op. Cit., pp. 37.

¹⁸⁹ Idem

¹⁹⁰ Idem

Esta expressão, “*Ventre Mole da Europa*”, resulta de um discurso proferido por Winston Churchill, primeiro ministro do Reino Unido a 11 de Novembro 1942, a respeito da zona mediterrânica, em que profere:

“We make this wide encircling movement in the Mediterranean, having for its primary object the recovery of the command of that vital sea, but also having for its object the exposure of the underbelly of the Axis, especially Italy, to heavy attack.”

Este político compreende o valor geopolítico do Mediterrâneo, caracterizando assim deste modo o mar. Geograficamente, segundo Pezarat Correia¹⁹¹, o “Mediterrâneo é o centro de uma região que envolve as suas várias margens, tornando-se mais uma zona de união do que uma zona de separação”, pelo facto de que na própria África, o Sahara seja a verdadeira fronteira, os Berberes sempre estiveram mais próximos dos outros povos mediterrânicos do que dos africanos, devido a uma maior comunicabilidade expressa pela comunicação marítima. A ligação entre os três continentes (a Europa, a Ásia e a África) dá-se naquele mar.

Tal como a ligação entre os mares interiores tenha sempre levado ao conflito pela proximidade destes devido às suas passagens cerceias, com os estreitos, ilhas, penínsulas, o seu domínio sempre figurou um prémio apetecível. Esta fragmentação significava a dispersão de poder pelo domínio de posições estratégicas, através do respetivo controlo, trazendo vantagens comparativas, para quem as detivesse.

Ao longo dos tempos acabaram por levar ao confronto dos mais variados atores. Esta bigorna, criadora de titãs, berço de várias civilizações, impulsionadas pela sua extrema interligação e competição, pela disputa entre os espaços terrestres e marítimos, cuja detenção significaria o acesso aos continentes por ele abrangidos, a luta era constante, o controlo da charneira, poderia significar a capacidade de

¹⁹¹ Correia, Pedro de Pezarat, *Manual de Geopolítica e Geoestratégia, Vol II- Análise Geoestratégica de um mundo em Conflito*, ed. Andaimos do Mundo 2004, pp. 147.

domínio, sobre os três continentes ou o Velho Mundo, cujo interesse Geoestratégico lhe conferem uma posição central, na Ilha do Mundo de Mackinder. Este espaço sempre foi disputado com o objetivo de unir todas as margens sob a mesma *bandeira*, Alexandre o Grande, Aníbal o Cartaginês, o império Romano (tornando-o num *Mare Nostrum*), posteriormente no Califado de Damasco e por fim pelo império Otomano¹⁹².

“ A importância Geoestratégica do mar Mediterrâneo para a Europa é uma evidência desde a Antiguidade. Meio privilegiado de comunicação, porta de entrada para África e para a Ásia, o Mediterrâneo tem sido um espaço de intercâmbio propício ao desenvolvimento civilizacional, embora nem sempre através de métodos pacíficos e consensuais.”¹⁹³

No século passado, com o consecutivo aumento das necessidades energéticas, nomeadamente dos combustíveis fósseis, cuja escassez poria em causa o modelo económico, pela sua força motriz. Recursos estes em grande abundância no Norte de África, no Próximo e no Médio Oriente, fizeram com que este espaço aumentasse o seu valor Geopolítico, levando na altura da Guerra Fria a uma corrida entre as duas principais potências, a URSS e os Estados Unidos com seus países satélites, pelo controlo ou influência daquelas regiões.

Este espaço é marcado pela interação entre as civilizações Ortodoxa, Europeia e Islâmica, e respetivas religiões, Cristianismo Ortodoxo, Cristianismo Católico e os vários Protestantes e por fim o Islamismo.

O problema só se coloca com a evolução que temos vindo a assistir pela criação de uma comunidade islâmica global contemporânea, em que estes povos por vezes ex-colonizados, pelo Ocidente, conhecem o seu apogeu no período do Califado de Damasco.

¹⁹² Op. Cit., pp. 151.

¹⁹³ Rato, Helena, *Os Países do Magrebe e a cooperação da União Europeia*, ed. INA pp. 9.

Luís Mira Pereira



Posteriormente, com o império Otomano.



Os seus períodos áureos foram de grande riqueza sócio cultural, mas com a hecatombe daqueles impérios, em datas diferentes o Califado de Damasco entre 661 e 750 DC e o Império Otomano entre 1690 e a Primeira Guerra Mundial em 1917, que com a sua aliança com a Alemanha acabou por cair.

A estrutura nuclear de poder no Islão está nas famílias e nas tribos, passando para um nível superior quando na existência de lideranças, veja se o caso de *Al Saladin*¹⁹⁴, conhecido no Ocidente por Saladino¹⁹⁵, muçulmano curdo, consegue unir as tribos árabes, criando um “império” que incluía a atual Síria e o Egípto. Este Sultão venceu os cruzados europeus, tendo destruído o reino cristão de Jerusalém. Sempre que um império caiu, o poder foi passado para tribos reforçando-as e dispersando o poder.

A dinâmica do poder neste espaço islâmico, passa por expansões e retrações, conforme as conjunturas, nível de coesão, liderança política, estado da arte, poder económico e militar assim o condicionem, podendo as conjunturas favoráveis levar a linhas centrípetas, com a respetiva ascensão de impérios, como com a evolução num sentido oposto levar a um conjunto de forças dispersoras, com as suas linhas centrífugas, retrocedendo o poder às suas origens.

6.1 Primavera Árabe

¹⁹⁴ <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/biography/Saladin.html> 15-11-2011

¹⁹⁵ Nascido em 1138 tendo falecido em 4 de Março de 1193.

*Tudo começou em Dezembro de 2010, na Tunísia, quando um jovem ateou fogo ao próprio corpo após a polícia fechar sua fonte de renda, uma banca de frutas e verduras. O caso, potencializado por denúncias de corrupção do governo, deflagrou uma onda de levantes populares contra o desemprego, a pobreza e a inflação galopante. Em 14 de Janeiro, o presidente Zine Al-Abidine Ben Ali (no poder desde 1987) deixou o país.*¹⁹⁶

Atualmente temos vindo a assistir a um fenómeno conhecido por “Primavera Árabe”¹⁹⁷, Situação iniciada no Norte de África, tendo tido o seu começo na Tunísia, pela imolação de um homem que face à corrupção no seu país e falta de oportunidades. Tendo levado à queda do regime, espalhando-se para outros locais; o Egipto, levando à queda do regime encabeçado pelo presidente Mubarak; uma guerra civil na Líbia também fazendo cair o coronel Kadhafi, levando à sua morte¹⁹⁸.

Os conflitos propagaram-se pela Argélia, Bahrein, República do Djibuti, Iraque, Jordânia, Síria, Omã e Iémen. O conflito ainda assumiu uma forma de protesto a um nível menor nos países Kuwait, Mauritânia, Líbano, Arábia Saudita, Marrocos, Sahara Ocidental e Sudão. Estes restantes confrontos ainda não levaram à queda destes Estados à data atual, possivelmente por adequação ao nível da contra insurgência por parte dos mesmos, ou por falta de vontade ou de meios por parte dos protestantes.

Seria interessante analisar estes factos, tal como as metodologias empregues no processo de insurreição considerando as operações como *Netwar*¹⁹⁹ ou operações centradas em rede, com um Mix de ações concertadas, com greves, comícios manifestações e fazendo

¹⁹⁶ <http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/conflitos-norte-africa-orientado-medio-libia-egito-kadafi-mubarak-623671.shtml> 15-11-2011

¹⁹⁷ http://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%81rabe 15-11-2011

¹⁹⁸ <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2051361/GADDAFI-DEAD-VIDEO-Dictator-begs-life-summary-execution.html> 15-11-2011

¹⁹⁹ Op. Cit., *Ligações Perigosas*, pp. 36.

recurso dos vários meios de comunicação²⁰⁰, com o foco nas percepções, através das operações psicológicas.

As convulsões sociais no Egito segundo o jornal brasileiro o Estadão²⁰¹, os intervenientes estratégicos terão sido o Hezbollah, o Hamas, a Irmandade Muçulmana²⁰² e também a Al Qaeda, tal como toda a massa popular indiferenciada, movida pela insatisfação.

"O Egito já vinha sofrendo infiltrações de grupos militantes como o Hezbollah e o Hamas, e também de grupo terroristas como a Al Qaeda. Este último objetiva tão-somente o caos e matanças para enfraquecer o governo egípcio".²⁰³

Este excerto retirado da notícia original, surgiu antes da queda do governo egípcio a 6 de Janeiro de 2011 e o governo caiu a 11 de Fevereiro²⁰⁴. Aqui podemos ver o emprego da metodologia subversiva aplicada no terreno.

6.2. Ligações controversas

²⁰⁰ http://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%81rabe 15-11-2011

²⁰¹ <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,al-qaeda-e-sectarismo-ameacam-estabilidade-no-egito-dizem-analistas,662967,0.htm> 06-01-2011

²⁰² <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,14822422,00.html> 15-11-2011

²⁰³ Idem

²⁰⁴ *Euronews, Os Egípcios Celebram a Queda do Regime,* <http://pt.euronews.net/2011/02/11/os-egipcios-celebram-a-queda-do-regime/> 10-11-2011

O bolchevismo combina as características da Revolução Francesa com as da atividade do Islão. O Islão e o bolchevismo têm uma finalidade prática, social e material cujo único objetivo é estender o seu domínio pelo mundo ²⁰⁵.

A IV Internacional a partir do Congresso de 1951 optou pela estratégia de infiltração de elementos nos partidos; Comunistas, Sociais - Democratas, Socialistas e Nacionalistas - anti imperialistas. Esta tática, que ficou conhecida, foi defendida como uma forma de aproximar as sessões da IV, ao movimento real de massas, além de um prognóstico de que os chamados Estados Operários burocratizados (URSS e Leste Europeu) e o Estalinismo, iriam levar "inevitavelmente" a uma guerra contra o imperialismo norte-americano, retomando assim o caráter revolucionário que haviam perdido a partir da política do "socialismo num só país".

Del Valle defende que a Europa se encontra sob um processo estratégico, com o objetivo de Islamização, através de um conjunto de alianças entre vários intervenientes passam pela extrema-direita (Castanhos 206), Extrema-esquerda (Vermelhos) e grupos islâmicos (Verdes) organizados, em que a extrema-direita é influenciada pelas teses islamófilas de René Guénon tal como pelas teorias islamo nazis de Singrid Hunke que levou Hitler a afirmar no seu testamento que "os povos regidos pelo Islão estarão sempre próximos de nós" (...) o que terá levado este grupo na Guerra Fria a aproximar-se do Islão, trocando o atlantismo por um terceiro mundismo, evoluindo num sentido de antiamericanismo e anti sionismo²⁰⁷, a ligação entre o Islão e o social nacionalismo já vinha da antiga aliança entre o Grande Mufti de Jerusalém e Hitler na Segunda Guerra.

A extrema-esquerda tem a sua aliança com o Islão através do projeto terceiro-mundista e revolucionário da Tricontinental, conferência esta

²⁰⁵ Op. Cit. Del Valle pag. 109.

²⁰⁶ Atribuição de Del Valle acerca dos totalitarismos.

²⁰⁷ Op. Cit. Del Valle, pp. 110

ocorrida em Cuba em 1966 com o propósito de unir em torno da URSS as forças revolucionárias marxistas de todos os quadrantes tal como os movimentos de libertação Islâmicos²⁰⁸. A materialização desta aliança deu-se nos campos de treino palestinos do Líbano onde foram preparados os voluntários designadamente os marxistas *famélicos da terra*, irão formar os islâmicos do movimento Amal e os revolucionários iranianos.²⁰⁹

“O Islamismo não é um simples fundamentalismo religioso, é também, e sobretudo, um totalitarismo revolucionário subversivo”²¹⁰

“Dentro e fora do Egito, existe a preocupação de que a Irmandade Muçulmana, que é bastante organizada, bem fundada e mantém uma estrutura celular – juntamente com pontos de vista decididamente reacionários acerca de questões de cariz social e uma forte tendência antissemita – possa assenhorear-se da revolução do Egito e impor a ordem islamita”²¹¹

*“Kadhafi disse aos governos imperialistas repetidas vezes durante os confrontos que ele poderia continuar garantindo os interesses do imperialismo em relação ao petróleo, continuar combatendo o terrorismo da Al Qaeda em colaboração com as potências imperialistas e continuar colaborando com uma polícia avançada da União Europeia para impedir que os imigrantes ilegais da África chegassem à Europa.”*²¹²

6.3. As Interações Espaciais

²⁰⁸ Op. Cit. Del Valle, pp. 120

²⁰⁹ Idem

²¹⁰ Op. Cit. Del Valle., pag. 118

²¹¹ <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2011/feb/02/who-is-behind-egyptian-protests> 10-11-2011

²¹² http://www.rupturafer.org/index.php?option=com_content&view=article&id=211:abaixo-a-intervencao-imperialista-no-orient-medio-e-norte-da-africa-abaixo-kadafi-e-todas-as-ditaduras-arabes-viva-a-revolucao-arabe&catid=106:medio-orient&Itemid=546 10-11-2011

Luís Mira Pereira

O Mediterrâneo no plano geográfico, em que se dividem os dois espaços, com condições diferenciadas, do lado Norte na Europa o solo tem mais qualidade, mais pluviosidade, o que propiciou uma agricultura mais sustentável, melhores pastos. No lado Sul temos uma faixa costeira influenciada pela humidade do mar Mediterrâneo a Norte e do Oceano Atlântico a Oeste, esta faixa pela sua Humidade é fértil, a amplitude térmica é maior no Norte de Africa, o clima é mais marcado pela sua proximidade com os trópicos, após essa faixa temos o deserto do Sahara.

Estes povos berberes e árabes não apenas aspiraram como chegaram a dominar a Península Ibérica, excetuando as Astúrias designando-a por *Al-Andalus*, tendo estes habitado este espaço geográfico a partir de 711dc, até à dinastia *Nasrida* do reino de Granada em 1492 DC, tendo somente largado o território ou sido assimilados e cristianizados, pelo seu enfraquecimento tal como por uma ação militar concertada e apoiada pelo poder papal, através da união da cristandade, com os Cruzados²¹³.



Este ideal do Al Andaluz, ainda se mantém no imaginário coletivo islâmico, pelo que representou historicamente, para o Islão, tanto pelo elevado nível económico como pelo cultural.

²¹³ <http://www.historiandomundo.com.br/arabe/arabe-iberica.htm> 15-11-2011

O Que Esperar da Europa?

Num vídeo promocional da Al Qaeda²¹⁴, Aymán al Zawahiri, presumivelmente o atual líder da organização terrorista, apela às suas células terroristas sediadas na Península Ibérica e Magrebe que expulsem os franceses e espanhóis do Magrebe para poderem avançar para *Al Andaluz*, que é efetivamente o sul da Península Ibérica. No programa “Grande Reportagem “da SIC a 06 de Janeiro de 2011 | 18h 30 acerca da Irmandade Muçulmana referem que esta organização nasceu no Egito e posteriormente se alastrou a outros países árabes, “é um dos sérios candidatos à conquista do poder nos países que têm sido varridos por ondas de protesto no Médio Oriente”.

Segundo Carla Mondim²¹⁵ 61% dos muçulmanos inquiridos acerca do ataque á Torres Gémeas em Nova Iorque 11/09, consideraram mau o acontecimento e 39% acharam o contrário, ainda esta autora refere “as evidências mostraram que as redes terroristas tinham sede nas mesquitas existentes na Europa, servindo-se destas para recolha de financiamentos e obtenção de informações.

6.4. A Eurábia

Os líderes iranianos têm detetado a confusão total, fraqueza e incompetência por parte da Casa Branca e terem descoberto as suas

²¹⁴ <http://www.youtube.com/watch?v=pGkXfBrVzcg&feature=related> 16-11-2011

²¹⁵ Na revista da GNR Pela Lei e Pela Grei, ano XXIII nº89 pp.67

*atividades. Agentes iranianos, que há muito tempo se tinham infiltrado na região, estão ajudando a incitar rebeliões em Bahrain, Iêmen, Jordânia, Arábia Saudita, Kuwait, Egito e outros países do Oriente Médio. Como eu revelei recentemente, há um documentário em segredo, "A Vinda está sobre nós", que será distribuído em breve no Oriente Médio entre a população muçulmana, que está chamando para a unificação dos árabes, o derrube de governos apoiados pelos EUA, e prometendo a destruição de Israel e a morte dos EUA."*²¹⁶

Alexandre del Valle considera a Eurábia como uma atitude psicológica coletiva²¹⁷, como fenómeno mobilizador e transformador sócio cultural com propósitos geopolíticos claros. Contesta a visão de Samuel Huntington, que defendia no seu livro o "Confronto das Civilizações", de que as zonas ou áreas civilizacionais se iriam manter unidas, dando origem a uma criação de blocos económico/civilizacionais do tipo; ASEAN, APEC, CARICOM, UE, MERCOSUL e NAFTA, competindo entre si.

Para este Professor, está a ser criada uma Eurábia, um projeto de índole estratégica no território europeu, argumentando que esta Eurábia é um fenómeno dualista que se prende a um sintoma e uma ideologia, que passam por uma atitude coletiva dos que se submeteram por questões económicas e mero medo a um totalitarismo islâmico, dando como exemplos a Organização da Conferencia Islâmica, a Liga Islâmica Mundial, a liga dos Estados Árabes²¹⁸, como outros, projetos e movimentos fundamentalistas com pretensões hegemónicas.

Designa ainda esta ação como "Totalitarismo Verde". O seu sentido, aos olhos do Islão, é messiânico, como veem a Europa demograficamente e psicologicamente enfraquecida, devem libertá-la.

²¹⁶ http://www.americanthinker.com/2011/04/iran_nukes_and_chinas_inroads.html 17-11-2011

²¹⁷ Op. Cit., Del Valle pp. 21

²¹⁸ Idem

Tal como totalmente dependente destes, pelo seu fornecimento de hidrocarbonetos²¹⁹.

Para reforçar esta ideia, este autor fala-nos da “*Dimitude*” cuja expressão traduzida do árabe *ahl al dhimma*, que significa *Gentes do Pacto ou Gentes de Proteção*²²⁰, como gentes com estatuto de inferioridade, e que se devem sujeitar, os não islâmicos nas terras do Islão. Mas que no mundo ocidental, cujas elites europeias e respetivos decisores políticos, que pela falta de visão geopolítica se estão a transformar, por consequência levando a Europa para uma situação de *Dimitude*.

O *Soft Power* europeu segundo Raymond Aron no seu livro, “*Plaidoyer pour L’Europe Decadente*”, tem pecado por uma pretensa multiculturalidade, e como resultado disso existem vários problemas que poderão levar a reações, arrastando aos problemas que temos vindo a assistir, falta de integração e conflitos entre as comunidades islâmicas na Europa, o referendo que na Suíça proibiu a construção de minarettes²²¹, neste caso o problema seja outro, dos 18 % de emigrantes que eles têm, 65% são turcos. Como na cultura islâmica não existe abertura para um processo de miscelização com outras religiões, neste momento estão a aproveitar o modernismo Ocidental para se modernizarem, mas mantendo sempre a sua cultura e religião; nesta fase estes povos estão em grande evolução demográfica também na Europa, beneficiando da segurança social, através de subsídios e abonos, tal como o contraponto trazido pelo decréscimo e envelhecimento da população nativa.

Colocando a situação nesta conjuntura, poderemos prever uma islamização europeia. A comunidade Islâmica com Ayatollah Khomeini ganharam um novo objetivo unificador, a criação de um Califado, a

²¹⁹ Idem pp. 22

²²⁰ Idem

²²¹ Jornal Estadão, *Suíça Proíbe Construção de Minarettes e é Criticada no exterior*, <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,suica-proibe-construcao-de-minarettes-e-e-criticada-no-exterior,474312,0.htm> 05-11-2011

Irmandade Muçulmana devido às suas organizações, analisaram o problema tal como segundo Alexandre del Valle poderão começar a desenvolver estratégias com vista a atingir esses resultados.

Seja qual o nome que se queira dar ao levante que começou na Tunísia e se espalhou pelos países árabes, o importante é notar que são os jovens e os desempregados que estão levando às praças públicas, o seu desagrado com o destino que tem sido dado a seus países. Este é um traço comum a todos os levantes.

Outro traço importante é que os ditadores responsáveis pelos países árabes onde ocorreram levantes e outros onde ainda o levante ocorrerá, são responsáveis pelos males políticos, culturais e sociais de seus respetivos países.

Esses governantes têm traços comuns: acumularam riquezas e provocaram a miséria de seus povos”²²²

A Revolução 2.0 começa aqui neste espaço geográfico, a ter um impacto marcante na sua geografia política, onde as antigas ditaduras apoiadas pelo Ocidente, que serviam de escudo ou zona tampão contra os extremismos. A queda desta “barreira” pode aproximar o extremismo islâmico das fronteiras da Europa, se tivermos em conta o apelo feito pelo sucessor de Bin Laden²²³ a que os seus operacionais na Europa e Magrebe expulsem os franceses e espanhóis do Magrebe para poderem conquistar de seguida o Sul de Espanha.

Os ataques perpetrados pela Al Qaeda na Europa²²⁴ por células terroristas de elementos extremistas islâmicos, infiltrados neste espaço geográfico, a 11 de Março de 2005, “dos 500 mil marroquinos

²²² <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/06/oriente-medio-e-norte-da-africa-vivem-situacao-indefinida-apos-revoltas.html> 29-10-2011

²²³ <http://www.youtube.com/watch?v=pGkXfBrVzcg&feature=related> 16-11-2011

²²⁴ <http://www.publico.pt/Mundo/11-de-marco-espanha-mergulha-na-memoria-dos-que-morreram-1217878> 16-11-2011

residentes em Espanha, 20 por cento estão ilegais²²⁵, a permeabilidade entre o Magrebe e o Sul da Europa, dificultam o controlo de entradas no espaço Europeu, a simples utilização de pequenas embarcações de pesca, permitem que clandestinos possam permutar de continente muito facilmente. A infiltração de elementos operacionais poder-se á dar de uma forma muito simples tal como o transporte de ADM (Armas de Destruição Maciça).

Será importante refletir no impacto que terá a queda destes regimes, marcados pelo facto de terem um estatuto especial de proximidade com a União Europeia, e terem regimes laicos, numa fronteira extremamente permeável, ponto de ligação entre as antigas culturas e religiões Islâmica, Cristã e Cristã Ortodoxa.

“Esta deriva anti identitária e abstrata de construção e de construção europeia visava fazer evoluir o projeto pan-europeu inicial, ancorado no mundo livre e na OTAN, e limitado à parte ocidental da Europa, para uma entidade geopolítica intermédia entre o terceiro mundo e o sul da Europa, de um lado, e os Estados Unidos, do outro. Em suma, um continente eurasiático universalista e multicultural, que se esforça cada vez mais por se demarcar, pelo menos para aparecer como neutra junto das nações revanchistas...”²²⁶

7. Respostas da União Europeia

7.1. Política Europeia de Segurança e Defesa, PESD

²²⁵ <http://www.publico.pt/Mundo/11-de-marco-espanha-mergulha-na-memoria-dos-que-morreram-1217878> 16-11-2011

²²⁶ Op. Cit., Del Valle pag. 37 e 38.

Em 1950-51 com o sucesso negocial do plano Schuman, surgiu a necessidade de face a ameaças, provenientes da intensificação da Guerra Fria e começo da guerra na Coreia, a criação de um exército europeu. O assunto foi discutido na Assembleia parlamentar do Conselho da Europa²²⁷, sem grande sucesso pelo facto de este organismo ter um papel meramente consultivo.

Os EUA reforçaram a necessidade da criação de forças de segurança, como reforço à Aliança Atlântica, embora os franceses tivessem sempre mostrado algumas reservas, pois tinham grande parte das suas forças no teatro de operações da Indochina, a Alemanha ainda não se encontrava perfeitamente democratizada, o que poderia comprometer a segurança francesa.

Jean Monnet, numa carta dirigida a René Pleven presidente do governo francês em 3 de Setembro de 1950 entre outros pontos, defendia a possibilidade da criação de 3 conjuntos de estados no Euromundo, Estados Unidos, Império Britânico e a Europa continental Oeste²²⁸, contribuindo assim para a manutenção da paz, desenvolvendo uma segurança externa.

Num encontro de rotina Franco – Britânico, na vila de St. Malo, surgiu uma declaração com o mesmo nome da localidade francesa, o encontro contou com o presidente francês Jacques Chirac e com o primeiro-ministro inglês Tony Blair. Este encontro durou 2 dias, e aconteceu a 3 e 4 de Dezembro de 1998, tendo saído a vontade conjunta de criarem uma política de segurança coletiva europeia de nome *Política Europeia de Segurança e Defesa*, tendo ficado referida a necessidade patente o compromisso de criarem capacidade de ação autónoma da OTAN,

²²⁷ Silva, António Martins da, *História da Unificação Europeia, a Integração Comunitária (1945-2010)*, Imprensa da Universidade de Coimbra 2010 pp. 68

²²⁸ Idem pp. 69

embora ficasse claro a conformidade com os compromissos dos estados europeus com a Aliança Atlântica.²²⁹

A Inglaterra, que até esta data se mantivera mais contida ou euro cética pelo facto de querer manter as relações atlânticas com os EUA, tentou inclusive adotar a função de “construtor de pontes” entre os 2 continentes, mas com o fim da Guerra Fria e a mudança de paradigmas nas relações de poder mundiais, surgimento de novos tipos de conflitos, já em continente europeu o conflito nos Balcãs, se tal não fosse contido poderia alastrar, contagiando toda aquela área contígua.

A França que tinha sido um dos membros iniciais da OTAN em 1949, abandona em 1966 as responsabilidades militares do projeto, mantendo ainda ligação, na ótica de membro observador, após o que já tinha anunciado aos EUA, num memorando em 1958.

Segundo o Prof. Adriano Moreira, as razões apontadas foram, entre outras menores, a recusa de ver a França "autenticamente implicada numa guerra"²³⁰, pois o Tratado da Aliança, encarava a agressão comum, a que fosse levada a efeito contra qualquer aliados, aí a França estaria escudada pelo Tratado, a partir do momento em que este país passa a deter a Bomba Atômica, deixa de necessitar dessa segurança, retomando a política de independência estratégica.

No outro lado do Atlântico, a iniciativa da criação de uma política de defesa comum na União Europeia causou algum incómodo, levando a secretaria de estado Madeleine Albright a expressar as suas preocupações acerca da iniciativa de Tony Blair e Jacques Chirac, pelo facto de que a Nato pudesse passar para segundo plano, entretanto também surgiram alguns receios na Europa de que com a iniciativa

²²⁹ <http://pfp.ethz.ch> Partnership for Peace, curso de E-learning PESP.

²³⁰ Moreira, Adriano, *A França e a Nato*, Diário de Notícias, http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1127541
09/09/2011

Franco Britânica, os EUA perdessem o interesse pela defesa europeia, inclusivamente a boicotassem.

Em 1992, na conferência com o nome da localidade onde esta se deu, Maastricht os líderes europeus estabeleceram o objetivo estratégico de criar a política comum²³¹ (TUE), Política Externa e Segurança Comum (PESC) e respetiva Política Europeia de Segurança e Defesa Comuns (PESD). No Conselho Europeu de Colónia os objetivos de St. Malo foram adotados, e em 2000 a Política Europeia de Segurança e Defesa é incorporada na estrutura da União Europeia.²³² Com estas mudanças, a União Europeia passa a poder agir militarmente, independentemente dos EUA, embora colaborativamente²³³.

No plano da Segurança, existe a capacidade operacional para missões internacionais de 5000 elementos policiais e 200 oficiais especialistas, com um nível de prontidão de 30 dias.

Em 2010 seria a data prevista para a criação de uma força de *Gendarmerie*²³⁴, que poderia ser utilizada na gestão de crises, na Segurança e Defesa. Em Helsínquia 1999, no conselho europeu, foi decidida a criação de uma Força de Reação Rápida, que deveria estar operacional logo em 2003, até 15 brigadas, com o número de 60.000 elementos, rotativos perfazendo 180.000 homens, com capacidades próprias aos níveis de C2²³⁵, Informações, Logística, tal como outros meios necessários à aplicação dos meios no terreno²³⁶.

O nível de prontidão desta força militar deveria de estar nos 60 dias, necessitando de terem capacidade para subsistirem em acções militares com a duração de 1 ano. Ao nível da aplicação de tropas

²³¹ Tratado da União Europeia

²³² Idem, Partnership for Peace, curso de E-learning PESD

²³³ “Colaborativamente”, sentido este reforçado pela grande dependência dos EUA.

²³⁴ Do modelo francófono, dualista, em que a Força detêm as funções policiais e militares, conforme a necessidade, como o caso da Guarda Nacional Republicana.

²³⁵ Sigla para Comando e Controlo

²³⁶ Força Aérea, Marinha e Exército.

voluntárias, seriam os 100.000 elementos, com o contributo também de 400 aeronaves de combate, tal como ao nível naval, de 100 vasos de guerra. Estas forças armadas teriam de ter a capacidade logística, para se deslocarem para teatros de operações a 6000km da Europa, para transportar tal volume de tropas, a União Europeia encomendou as aeronaves Airbus A400M, equipamentos estes com enorme potencial tático e estratégico.²³⁷

A PESD passa assim a agir ao nível da segurança (Plano Interno) e defesa (Plano Externo), tanto em missões humanitárias, “Peacekeeping” e “Peacemaking²³⁸”, como na defesa coletiva do espaço europeu, embora neste último ponto, questões se levantem, designadamente ao nível da articulação, entre os vetores geopolíticos de cada Estado em si, se considerarmos que a geopolítica define, ou deveria de definir, a política externa dos Estados-Nação. Para Clausewitz a guerra é a continuação da política por outros meios²³⁹, sendo o poder Militar uma ferramenta ao serviço da política externa dos Estados, então temos de concordar que estes Estados estarão sempre em acordo entre si, em relação à ação militar.

“A declaração (PESC) traduz geralmente uma linha política, mas não é juridicamente vinculativa”²⁴⁰ Por este motivo, os Estados agem segundo decisões políticas, à medida dos seus interesses, ou dos interesses impostos pela diplomacia de Estados terceiros.

Supondo a intervenção de um ou vários países membros da União Europeia (sem o acordo do todo), no âmbito de operações militares externas, podemos levantar várias questões; tal Estado ou Estados Membros coligados ao avançarem para uma ação militar preventiva, se o país em questão tiver capacidade para retaliar, e atacasse por exemplo um desses países, como seria? Seria considerada agressão

²³⁷ Idem, Partnership for Peace, curso de E-learning PESD

²³⁸ Missões de Manutenção da Paz e Missões de apaziguamento respetivamente

²³⁹ Clausewitz, *Da Guerra*, ed. Europa América, pp. 39

²⁴⁰ [Http://www.mne.gov.pt/mne/pt/infopolitica/ue/pesc/](http://www.mne.gov.pt/mne/pt/infopolitica/ue/pesc/) 28-09-2011

ao espaço europeu? Levaria a uma ação concertada por parte de todos países membros?

Estas questões dão-se pela incerteza do modelo europeu em si, pois este ainda se encontra em construção, não existe uma Geopolítica e respetiva Política Externa comum. Cada Estado aplica a sua própria política externa, à medida dos seus interesses pessoais. Estas questões colocar-se-ão, até que o projeto Europeu evolua para outro patamar político, em que a passagem para uma Federação ou Confederação exija como contrapartida a cedência de soberania dos Estados.

7.2. Os atores Táticos da União europeia

A defesa da União Europeia, passa pela Aliança Atlântica onde a OTAN²⁴¹ funciona como modelo de defesa colaborativa entre vários Estados aliados, com conceito de *Smart Defense* em que os seus membros partilham o esforço na sua defesa coletiva. Em complemento, surge a PESA como modelo similar mas formado pelos Estados-membros da UE, com uma filosofia defensiva similar à OTAN, a defesa colaborativa *Pooling and sharing*²⁴², onde os Estados partilham recursos e serviços. Todos os Estados-membros participam militarmente, embora nos foquemos nos três Estados-membros, Alemanha que se quer assumir como estado diretor, a França e o Reino Unido, pelo seu peso económico na UE, será de frisar que tanto a França como o Reino Unido são *potências nucleares*.

Quanto à Alemanha²⁴³, a maior economia europeia e quinta ao nível mundial, a valer \$2.94 trilhões de dólares²⁴⁴ (2010), apesar da sua

²⁴¹ Organização do Tratado do Atlântico Norte.

²⁴² http://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/docs/mailing/file971.PDF 25-12-2011

²⁴³ <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gm.html> 25-12-2011

²⁴⁴ Americanos

O Que Esperar da Europa?

pujança económica, as suas forças armadas foram condicionadas pelos *Países Aliados* devido a imposições no pós II Guerra. Neste momento encontram-se em grande reformulação, através de um plano que irá passar este serviço de obrigatório para voluntário, reduzindo os seus efetivo num terço. Este país em 2005 investiu 1.5% do seu GDP²⁴⁵ na sua defesa.

A França, com um GDP de \$2.583 triliões de dólares em 2010, com serviço militar obrigatório de 1 ano, mas voluntário dos 17 aos 40 anos de idade²⁴⁶. Será de referir que o investimento na defesa em 2005 foi de 2,6% do seu GDP.

O Reino Unido, este Estado-membro assume-se como uma praça financeira internacional, apresenta-se como a terceira economia europeia com um GDP²⁴⁷ \$ 2.247 triliões de dólares (2010)²⁴⁸, com um investimento na defesa de 2.4% do GDP (2005).

²⁴⁵ *Gross Domestic Product*, ou Produto Interno Bruto.

²⁴⁶ <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/fr.html> 25-12-2011

²⁴⁷ Official Exchange rate

²⁴⁸ Cia FactBook, Reino Unido, <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/uk.html> 25-12-2011

7.3. Europa na Cena Internacional

Saber qual o papel da Rússia²⁴⁹ neste projeto é importante, pois esta potência poderá ter um papel dominante no jogo de estruturação do motor energético da Europa. Na sua política externa os russos têm-se afirmado pró ocidentais, mas não deixam de salientar a sua posição hegemónica regional. O que os separou da restante Europa no passado passou por uma divisão de índole ideológica (Marxismo-Leninismo) que parece ter "colapsado" com a queda da URSS. Será que caiu mesmo? Que sucedeu à sua nomenclatura? É reconhecido que atualmente a Rússia é gerida por uma oligarquia política "descendente" da velha guarda que permaneceu em seus postos até ao momento de abolir a URSS e passar a *nova fase*. Os russos são definitivamente europeus e poderão ter um papel predominante nesta Eurásia, tendo teóricos para essa finalidade que os chineses imitam.

Poderá este poder continental, inerente ao Heartland, ser um contraponto com o poder marítimo-continental Norte-americano? Ou uma evolução estratégica marcada pela cooperação, viabilizando uma Europa equilibrada e consciente?

Segundo Brzezinski, quem dominar o Leste da Europa domina o *Heartland* e consecutivamente a Ilha do Mundo e assim o Mundo. Segundo ele só poderiam ser os EUA, devido ao facto de só estes deterem os quatro poderes necessários à prossecução do mesmo feito: 1.º Militar, 2.º Económico, 3.º Tecnológico, 4.º Cultural (*Softpower*)²⁵⁰. Na altura em que o escreveu detinha a função de "National Security Advisor" na Administração Carter como tal devemos depreender que seria a posição do *Foreign Affairs* Norte-americano. Atualmente os USA

²⁴⁹ <http://www.diariodarussia.com.br/internacional/noticias/2011/11/03/russia-se-dispoe-a-prestar-ajuda-financeira-a-europa/> 11/4/2011

²⁵⁰ Brzezinski, *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives* (New York: Basic Books, 1997)

ainda detêm a hegemonia como poder essencialmente militar e tecnológico, pelo domínio das rotas marítimas e pelo patrulhamento do mar.

Embora possamos verificar que o conceito de potência hegemónica possa ficar em causa com a afronta dos poderes erráticos de grupos terroristas Islâmicos, o *Hardpower* que sustenta a sua potência e projeção bem como o *Softpower* que o acompanha, dão-lhe ainda muitos anos de vida para lá das profecias da morte do Império. Todos os processos nas relações internacionais são de uma grande volatilidade, pois são percursos dinâmicos, mesmo que se encontrem relações de força de longa duração.

Numa entrevista à *Euronews*, no dia 4 de Novembro de 2011 o presidente russo Dmitri Medvedev, com o título: “A situação na Síria não deve ser idealizada”, afirma entre outras coisas que não concorda com os excessos praticados pelo governo sírio na forma como coagem os manifestantes, mas do outro lado também os excessos existem, pelo que adverte que no grupo de manifestantes existam elementos da *Al Qaeda*, tal como elementos que não têm como objetivo a futura implantação de uma Democracia do tipo Ocidental, tendo ainda afirmado que já advertiu ambos os lados, pois considera a Rússia uma grande amiga da Síria com vários interesses em comum; tanto políticos, como económicos, acreditando num multiculturalismo e respetiva harmonização das comunidades.²⁵¹ Entretanto, a Rússia já em 2009 reavaliara a sua posição na região, através da reformulação da sua base naval na Síria.

“A Marinha da Rússia expandirá e modernizará seu local de manutenção naval perto de Tartus em Síria para apoiar operações da anti pirataria na costa somaliana, de acordo com uma fonte da marinha.

²⁵¹<http://pt.euronews.net/2011/09/08/dmitri-medvedev-a-situacao-na-siria-nao-deve-ser-idealizada/> 11/4/2011

Luís Mira Pereira

Aproximadamente 50 pessoais navais e três embarcações são ancorados atualmente no local de Tartus, que pode acomodar até uma dúzia de navios de guerra. Dois barcos de reboque da frota do Mar Negro entregarão uma embarcação nova a Tartus, disse a fonte, citada por Ria Novosti.²⁵²

Com este discurso, Medvedev marcou a sua posição, face aos vários adversários, ao colocar-se ao lado do regime sírio, reforçando assim a sua posição na Síria.

O Ventre Mole da Europa é um espaço de grande valor geoestratégico para qualquer ator com fins hegemônicos, na medida em que o seu controlo significa recursos energéticos tal como acesso ao coração do mundo, o *Heartland* de Mackinder, deter esse controlo significa deter o controlo do mundo.

*No dia 30 de janeiro de 2003, justamente no período em que as relações entre França e Estados Unidos estavam tensas, oito países europeus - entre os quais, os que se beneficiaram da primeira ampliação da OTAN (Polónia, República Tcheca e Hungria) - divulgaram uma "carta aberta" em apoio aos Estados Unidos. Em 5 de fevereiro, dez países da Europa central e oriental (Letónia, Lituânia, Estónia, Eslováquia, Eslovênia, Bulgária, Romênia, Albânia, Croácia e Macedónia) fizeram o mesmo: todos eles são candidatos à entrada na OTAN. Nenhum dos signatários ignora que a "Convocação dos Dez" foi imaginada por um habilidoso lobista norte-americano, Bruce Jackson, assessor do Pentágono. Resumindo, treze futuros membros da União Europeia manifestaram sua preferência pelos Estados Unidos, refletindo dessa maneira a influência adquirida por Washington na Europa central e oriental durante a última década.*²⁵³

²⁵² <http://port.pravda.ru/russa/20-07-2009/27537-basetartus-0/> 11/4/2011

²⁵³ <http://diplomatieque.uol.com.br/acervo.php?id=1025&tipo=acervo&PHPSESSID=ynookxhp>
29-11-2011

O Que Esperar da Europa?

Escreve Brzezinski, um geopolítico que teve responsabilidades na administração Carter e agora com influência na política externa de Barack Obama²⁵⁴: *A última década do século XX testemunhou uma mudança tectônica nos assuntos mundiais. Pela primeira vez, um poder não Eurasiático emergiu não apenas como o árbitro chave das relações de poder da Europa, mas também como o poder supremo do mundo. A derrota e o colapso da União Soviética foi o passo final na ascensão rápida de um poder do Hemisfério Ocidental, os Estados Unidos, como o único e, de fato, e o primeiro poder verdadeiramente global. A Eurásia, no entanto, mantém a sua importância geopolítica.*²⁵⁵ A necessidade do controlo do Heartland ou da Ilha Mundial colocam em cima do “tabuleiro” questões como: 1- Identificar os actores estratégicos, 2- Compreender as vontades, capacidades e objectivos dos actores estratégicos; e, 3- localizar a posição da Europa nesse *grande jogo*, conforme a análise feita por Brzezinski²⁵⁶.

Será de todo interessante acompanhar a atual crise na Síria, pois esta apresenta-se como parte do problema geopolítico, espaço onde a disputa pelo controlo do mediterrâneo e África possa estar em causa, o controlo ou tentativa daquela região pelos EUA e aliados pode desencadear uma reação por parte da Rússia e outros não-alinhados, que querem manter uma relação privilegiada com o atual governo sírio. Atualmente já enviaram helicópteros de combate para a Síria. A antiga disputa pelo controlo do "Heartland" de Mackinder pode estar em causa. Os russos acusam os EUA de fornecerem armas aos rebeldes²⁵⁷, Hillary Clinton retalia dizendo que os russos têm vindo a fornecer armas ao governo sírio. Este conflito tem vindo a ganhar dimensão com o abatimento de uma aeronave turca a 24 de Junho de

²⁵⁴

http://www.economist.com/blogs/democracyinamerica/2007/03/a_new_brain_for_barack_obama 26-06-2012

²⁵⁵ Brzezinski, *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives* (New York: Basic Books, 1997)

²⁵⁶ Idem

²⁵⁷ <http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2012/06/13/russia-acusa-eua-de-fornecerem-armas-aos-rebeldes-sirios> 26-06-2012

2012²⁵⁸. Considerar que o ataque ao avião turco possa ser um ataque a um membro da NATO á luz do tratado de defesa conjunta, pode levar a uma ação concertada por parte de todos os seus membros, levando desta forma a um novo conflito aberto, onde os desfechos possíveis podem ser imprevisíveis.

Resta saber até que ponto a Rússia estará disposta a ceder uma posição geoestratégia imprescindível?

Não podemos esquecer que a Rússia tem recursos e está numa fase de reformulação das suas forças armadas. Ao contrário do Ocidente que se encontra com graves problemas económicos.

De acordo com a perspetiva Realista a relação de forças no espaço, só faz sentido essencialmente o estudo da política externa das grandes potências, que acabam por condicionar a acção dos pequenos Estados. Para conseguirmos calcular trajectórias ao nível das relações internacionais atuais, temos de entender o pensamento no *Inner circle* da política externa norte-americana, pelo facto destes deterem o maior poder militar convencional, tal como um grande *Softpower* ou poder suave²⁵⁹, onde aparece Hollywood e um sistema diplomático de qualidade. Desde os Neoconservadores (Unipolarismo), aos Neo Realistas (Multilateralismo), apenas variando a forma como estes defendem a conquista global²⁶⁰, se por *Hardpower* (Neoconservadores) ou por *Softpower* (Neo Realistas).

²⁵⁸<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5856412-EI294,00-Turquia+acusa+Siria+de+abater+aviao+em+aguas+internacionais.html> 26-06-2012

²⁵⁹ Nye, Jr. Joseph S., *O Futuro do Poder*, ed. Circulo de Leitores, pp 14, 2012.

²⁶⁰ Dugin, Aleksandr, *Teoria do Mundo Multipolar*, Instituto de Altos Estudos em Geopolítica e Ciências Auxiliares, 2012.

O Que Esperar da Europa?

Esta “nova conquista” somente comparável com a conquista do Oeste americano leva a que a Federação Russa adote uma estratégia reativa, dando um novo sentido á Guerra Fria, através de campanhas encobertas, com recurso a metodologias ao nível da guerra da informação e estratégias de subversão.

Do jornal russo Pravda no dia 9 de Novembro de 2012 ²⁶¹ “saiu” um artigo com um titulo sugestivo *Rússia faria da Grécia um país próspero daqui a um ano*. Este falhanço da EU tem levado a que os Estados Membros mais “fracos” estejam expostos a interesses externos, se os russos resolverem a situação grega assistiremos a um aumento das influências russas neste espaço de grande valor estratégico, pelo que possamos no futuro assistir a uma disputa pela influência naquele local.

Será interessante verificar o renascimento do Marxismo, de Neo marxismo tal como comunidades de pensadores Eurasiáticos, espalhados pelo mundo, comungando da doutrina do académico russo Bolchevique conservador Dugin.

²⁶¹ <http://port.pravda.ru/russa/09-11-2012/33958-faria-0/> 22-01-2013

Conclusões

Questões centrais

A União Europeia tem uma geopolítica?

A esta pergunta de partida temos de responder negativamente, pois a geopolítica, na UE, só existe na visão de alguns Estados-membros, os quais privilegiam as suas realidades e interesses próprios, o que por si só comporta um imenso potencial de contradições, pois os interesses podem ser antagónicos.

Na questão da geopolítica e seus actores “na” e “para a” Europa temos, na atualidade, com a sua visão própria, os alemães, os italianos, os franceses e os ingleses²⁶². Externamente, serão os Estados Unidos, com um interesse hegemónico ou de manutenção do *Status Quo*; os russos, que se reposicionam como ator regional; e a China, ou “terra do meio”, com uma visão própria, procurando assumir o papel do EUA.

Será que os interesses geopolíticos nacionais dos Estados-Membros se sobrepõem aos interesses geopolíticos comunitários?

Esta é uma matéria com várias e muito diversas questões, que importa pensar e repensar no contexto do espaço europeu, pelos desafios que levanta – parecendo evidente que muito do futuro da Europa, como modelo ou espaço comum, se joga nas respostas que, a este nível, se forem encontrando. Ou melhor, nas políticas e metodologias de intervenção que, a este nível forem aplicadas.

Assim, parece claro que nenhum modelo geopolítico para a Europa terá sucesso se se limitar a uma hegemonização, à imposição de qualquer “lei do mais forte”, sem ter em conta a diversidade e, em suma, a

²⁶² Bessa, António Marques, *Para Pensar uma Estratégia, O Diabo*, 9-02- 2010, http://jornalodiabo.blogspot.com/2010/02/fogo-amigo-por-antonio-marques-bessa_09.html
07-12-2011

O Que Esperar da Europa?

liberdade e identidade de cada Estado Membro. De igual modo, é igualmente claro, a nosso ver, que apenas haverá espaço para um efetivo projeto europeu, com condições de desenvolvimento e sucesso quando os vários Estados se libertarem de egoísmos e assumirem o seu lugar no Todo. Onde os novos desafios da sociedade contemporânea se sobrepõem, muitas das questões têm um carácter transnacional, e exigem esforços de concertação que há décadas atrás seriam inimagináveis e, aparentemente, dispensáveis.

Neste contexto, considera-se indispensável encontrar uma relação entre os Estados, criar um projeto comum, alicerçado numa visão única e coesa, resultado de um conjunto de estudos de cariz geopolítico e sua aplicação de índole estratégica. Deve manter sempre como elemento agregador a pertença europeia dos seus povos, tal como da sua livre escolha. E os direitos e independência de cada Estado e a adoção de estratégias comuns de resposta solidária a questões comuns, devem ser preservados, pois pela queda de alguns Estados pode ditar a queda do seu projeto. A estas estratégias comuns podemos dar o nome de geopolítica para o espaço europeu. Com o objetivo de definir uma política externa comum.

A Europa vale a Pena?

A esta pergunta poderemos responder de várias formas, consoante as convicções de cada um, pelos seus filtros, fruto de influências adotadas por terceiros, pelos mais variados canais, influências partidárias, diretas ou indiretas, com recursos aos mais variados meios. Pessoalmente, acredito num projeto europeu, no qual os cidadãos tenham uma palavra a dizer, através de uma maior participação, mote próprio das democracias participativas, viradas para um maior entrosamento e inclusão dos seus povos. Espaço este com uma língua oficial comum.

A sobrevivência destes povos passa pela necessidade de mudar o atual modelo económico, baseado na competição entre os Estados Nação e seus povos. Numa perspetiva da teoria dos jogos, poderemos observar a desvantagem de uma competição por contraposição a uma colaboração entre os seus intervenientes. Situação esta somente possível pela aplicação da *disciplina* estratégica neste espaço. A definição dos objetivos deverá ser ditada pela disciplina geopolítica, através da criação de um organismo responsável por uma geopolítica comum e pela respetiva política externa.

O mundo que nós conhecemos passa hoje por uma grande evolução e, simultaneamente, por uma grande incerteza, resultante de uma mudança paradigmática, com a “superação” de um modelo de sociedade matematicamente perceptível, mecanicista, em que tudo funcionava por uma lógica analógica. Hoje tudo é digital e, para complicar a nossa “equação”, descobriram-se os efeitos quânticos, os comportamentos deixam de ser lineares. Levando-nos ao princípio da incerteza de Heisenberg.²⁶³

Nas sociedades modernas criou-se, devido ao liberalismo extremo importado dos Estados Unidos da América, um conceito de extrema competição, o que levou a uma diminuição de cooperação entre as pessoas. Valorizou-se a posse por assimilação da cultura Protestante do *May Flower*; O “Ter” é valorizado, ao invés do “Ser” e da aprendizagem e valorização pessoal através do “Saber”.

A disputa social aumenta, a classe media (tal como tradicionalmente entendida no “modelo europeu”), sofre um revés de um empobrecimento que se torna global, em prol do aumento de milionários e pobres; o mundo em que vamos vivendo perde um sentido de equidade e justiça, em nome da dita conglomeração do poder económico, situação “dita” para a defesa dos interesses dos Estados. A

²⁶³ Consiste num enunciado da mecânica quântica, formulado inicialmente em 1927 por Werner Heisenberg, impondo restrições à precisão com que se podem efetuar medidas simultâneas de uma classe de pares de observáveis

O Que Esperar da Europa?

resolução do problema poderá passar pela integração social, por políticas que promovam a coesão e mobilidade social.

Neste contexto, importa promover e desenvolver um “sistema doutrinador de Estado”, apostando na formação da classe política e na incorporação de princípios e valores nesta classe e em toda a estrutura europeia, tendo a cidadania como axioma central da integração total. Neste contexto, parece da maior relevância a criação de uma *Escola de Geopolítica Europeia* onde pudessem ser desenvolvidos princípios e modelos (numa palavra, “doutrina”) de intervenção geopolítica e estratégica, pensando o espaço europeu como um todo, princípios que a classe política pudesse absorver e, posteriormente, aplicar.

Na China, a fórmula que está a ser seguida passa pela incorporação dos princípios de Confúcio, na classe política em particular, tal como na população em geral, como forma de recriar uma "Alma" ao seu povo. Perdida esta anteriormente na Revolução Cultural. Na Europa está se a destruir o Cristianismo em nome de uma integração com os povos vizinhos "Islâmicos".

No caso europeu existe um conjunto de fatores que permitem uma reafectação dos recursos, de forma a serem criados projetos integradores, em que todos podem sobreviver sem o recurso a atividades e comportamentos marginais. A liderança é necessária para englobar projetos comuns de qualidade, pois o tempo está a passar e, caso não se retifique a trajetória, as convulsões sociais podem assumir uma ameaça interna, como servir de estímulo ao recrudescimento de grupos revolucionários internos, com ligações a grupos internacionais, nomeadamente a *Al Qaeda*.

A atuação subversiva desenvolvida por estes grupos será de índole ideológica, tendo em conta a descridibilização atual face ao Poder político, e uma globalização que tem vindo a aumentar as diferenças sociais. Levar as pessoas a temer uma insegurança crescente,

demonstrando a incapacidade do Poder dominante em manter a segurança, conseguindo apoio popular e, inclusive, simpatia.

O desafio da União Europeia coloca-se na tradição de guerra entre os Estados-nação europeus, pelo que “reunir entre si num único aquilo que é diferente”, carece de uma grande capacidade de liderança ou de uma visão estratégica em que todos ganhem.

A guerra económica veio para ficar, num mundo cada vez mais competitivo, embora a questão de uma ameaça externa ao *projeto europeu* possa estar em causa, por um *ataque concertado* aos Estados-membros com uma economia mais débil.

Com o ressurgimento da Alemanha enquanto ator regional, na pós-reunificação, esta começa a reassumir o seu papel enquanto *Estado Diretor*²⁶⁴, estando os *outros* Estados da UE na sua rota de colisão, consegue agora pela economia o que não conseguiu pelas armas²⁶⁵. Com este ressurgimento alemão, apoiado pela França e suportado pela Rússia através de um emaranhado de ligações cruzadas de cariz estratégico-energético, onde ficam os EUA?

Esta guerra económica que a Europa está a viver terá sido protagonizada por um ou vários atores estratégicos? Quem ou quais? E quais os seus objetivos estratégicos? Qual terá sido a evolução da *Ostpolitik*? Serão estas, em particular, as perguntas que perduram no fim deste trabalho académico, podendo ser estudadas num próximo ciclo.

²⁶⁴ Termo utilizado por Haushoffer.

²⁶⁵ Op. Cit. *As Guerras que já aí Estão e as Que nos Esperam*, pp. 252 a 259.

Bibliografia

LIVROS

A

Abreu, Francisco, *Fundamentos de Estratégia Militar e Empresarial*, edições Silabo.

B

Barrulas Maria Joaquina e **Correia** Zita P., *Gestão da Informação e do Conhecimento, 10 anos de investigação do INETI, Pag. 105, Gabinete de Estudos a&b 2004*

Baycroft, Timothy e Taylor, Peter J., *Political Geography*

Bessa, António Marques, *Quem Governa?*- ISCSP 1993.

Bessa, António Marques, *O Olhar de Leviathan. Uma Introdução à Política Externa dos Estados Modernos*, ed. ISCSP Lisboa.

Bessa, António Marques, *Introdução á Etologia*, Ed. Templo, Lisboa, S.D.

Bessa, António Marques **Bessa** e **Dias**, Carlos Manuel Mendes, *O Salto do Tigre, Geopolítica Aplicada, Ed. Prefacio, 2007*

Benzine, Rachid, *Os Novos Pensadores do Islão*, Ed. Tribuna da Historia, Lisboa, 2005

Brzezinski, *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives* (New York: Basic Books, 1997)

C

Cassels, Alan, *Ideology and International Relations in the Modern World*, Londres, Routledge, 1996.

Castells, Manuel, *Sociedade em Rede*, 1996.

Castells Manuel e **Himanen** Pekka, *A sociedade da informação e o Estado - Providencia, o modelo Finlandês, Fundação Calouste Gulbenkian 2007*

Ceítíl, Mário, *Gestão de Competências, Edições Sílabo, Portugal, 2006*

Chauprade, Aymeric, *Géopolitique, Constantes et Changements dans l'histoire, 3 Edition*, Collège Interarmé de Deffense

Correia, Pedro de Pesarat, *Manual de Geopolítica e Geoestratégia, Vol II- Análise Geoestratégica de um mundo em Conflito*, ed. Andaimos do Mundo, 2004.

Cox Kevin R., *Political Geography*, Blackwell Publishing, Padstow – Reino Unido, 2002.

D

- David**, Isabel, *Do Federalismo à Federação ou a Inconciliabilidade entre Pensamento e Ação*, ISCSP; Lisboa, 2008.
- Duverger**, Maurice, *A Europa dos Cidadãos*, Lisboa, Edições Asa, 1994
- Dedman**, Martin J., *The Origins and Development of the European Union 1945-95*, London, Routledge, 1996.
- Defarges Philippe Moreau**, *Introdução à Geopolítica*, Gradiva, Lisboa, 2003.
- Del Valle Dussoy** Gérard, *Quelle Géopolitique au XXI Siècle*, Editions Complexe, Bruxelas, 2001.
- Dix**, Arthur, *Geografia Política*, Editorial Labor, S.A., Barcelona, 1929.
- DREYFUS**, François; *O Tempo das Revoluções 1787-1870*, Publicações Dom Quixote
- Dugin**, Aleksandr, *Teoria do Mundo Multipolar*, Instituto de Altos Estudos em Geopolítica e Ciências Auxiliares, 2012

F

- Ferreira**, José Medeiros, *A Nova Era Europeia*, Lisboa, Editorial Notícias, 1999.
- Fontaine**, Pascal, *A Construção Europeia de 1945 aos Nossos Dias*, Viseu, Gradiva, 1998.
- Fulcher**, James, *CAPITALISM, A Very Short Introduction*, Oxford University Press, 2004,

G

- Guedes**, Armando Marques, *Ligações Perigosas, Conectividade, Coordenação e Aprendizagem em Redes Terroristas*, ed. Almedina, 2007.
- Guérivière**, Jean de la, *Viagem ao interior da Eurocracia*, Porto, Campo de Letras, 1994.
- Griffith**, Samuel B., *A Arte da Guerra*, ed. Taschen, 2007
- Gonçalves**, Manuel, *As Organizações da Europa, Sintra, Editor Pedro Ferreira, 1997. SP-UTL, 1998.*

H

- Hall**, Peter A., *Governing Europe*, ed. Oxford 2003.
- Huntington**, Samuel P., *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*, Lisboa, Gradiva, 1999.

J

- Jeffries**, William W., *Geography and National Power*, United States Naval Institute, Annapolis, 1967.

K

Kahaner, Larry, *Competitive Intelligence*, ed. Touchtone Books, 1996.

L

Liddell, Hart, B.H., *The Classic Book on Military Strategy*, ed. Meridian, Second edition, 1967.

M

Maltez, José Adelino, “*Das Teias da Geopolítica ao Novo Mundo da Globalização*”, *As Relações Transatlânticas* (colóquio), ISC

Martins, Adriano Moreira, *A Europa em Formação*, Lisboa, Edição da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1979.

Marques, Walter, *Política Monetária*, Publicações Europa América, 2º ed. 1986

Medeiros de, Eduardo Raposo, *Blocos Regionais de Integração no Mundo*, ISCSP, 1998

Migué, Jean-Luc, *Federalismo e Comércio Livre*, Lisboa, Editorial Presença, 1994.

Moreira, Adriano, *Informações e Segurança*, Ed. Prefacio, 2004.

Mondim, Carla, *Pela Lei e Pela Grei*, ed. GNR, nº 89, 2003.

N

Neto, João Pereira, “*A Evolução e Tendências Recentes das Hipóteses Geopolíticas*”, *Estudos Geopolíticos e Sociais*,

Nye, Jr. Joseph S., *O Futuro do Poder*, ed. Circulo de Leitores, pp 14, 2012.

Nogueira, Fernando, *Defesa-Nacional Intervenções*, ‘*A Europa das Comunidades*’, Lisboa, Edição do Ministério da Defesa Nacional, s.d.

O

Otero, Paulo, *A Democracia Totalitária*, do vol.I, ISCSPU, Lisboa, 1968. *Estado Totalitário á Sociedade Totalitária*, ed. Principia, 2001

O’TUATHAIL, Gearóid – “*Thinking critically about geopolitics*”, em “*The geopolitics reader*”, Ed. Routledge, London, 1998

P

Proudhon, P. J., *Do Princípio de Federação*, Lisboa, Edição da Nova Livraria Internacional, 1874

-
- Pezarat**, Correia, Pedro, *Manual de Geopolítica e Geoestratégia Vol. 2*, 2010.
- Parker** Geoffrey, *Western Geopolitical Thought In The Twentieth Century*, St. Martin's Press, Grã-Bretanha, 1985.
- Peack**, James Foreman-, *A History of World Economy, International Economic Relations since 1850*, ed Harvester Weatsheaf, second edition.
- Políbio**, F. A. Valente de Almeida, *O Poder do Pequeno Estado – Enquadramento Geopolítico da Hierarquia das Potências*, ISCSP-UTL, Lisboa, 1990.
- Políbio**, F. A. Valente de Almeida, *Ensaios de Geopolítica*, ISCSP, Lisboa 1994.
- Porter**, Michael, *A Vantagem Comparativa das Nações*, Harvard Business School, Março/Abril de 1990.
- Pinto**, Maria do Céu, “Infiéis na Terra do Islão”: Os Estados Unidos, o Médio Oriente, Ed. FCG e FCT, Coimbra, 2003.

W

- Wolkmer**, Antônio Carlos, *Fundamentos da História do Direito*, ed. Del Rey, Belo Horizonte, 2006.

R

- Ramonet**, Ignacio, *O Pensamento Único e os novos Senhores do Mundo*, 1995.
- Rato** Helena, *Os Países do Magrebe e a cooperação da União Europeia*, INA, Lisboa, 1998.
- Raymond**, Aron, *L'Europe Decadent*, Editora Robert Laffont
- Raymond**, Aron, *Paix et Guerre entre les Nations*, Calmann-Lévy, Paris, 1984.
- Santos**, A. P. Ribeiro dos, *As Metamorfoses do Estado*, Almedina, Coimbra, 2005.
- Russ**, Jacqueline, *A Aventura do Pensamento Europeu- Uma História das Ideias Ocidentais*, Lisboa, Terramar, 1997

S

- Santos** dos, Loureiro, *As Guerras Que já aí estão e as que nos Esperam Se Os Políticos Não Mudarem*, Ed. Europa América, 2009.
- Sá**, Luís, *Soberania e Integração na CEE*, Lisboa, Editorial Caminho, 1987.
- Santos**, José A. Loureiro dos, *Reflexões sobre Estratégica – Temas de Segurança e Defesa*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2000.
- Sande**, Paulo, *O Sistema Político da União Europeia*, Cascais, Principia/Centro de Informação Europeia Jacques Delors, 2000.

Saraiva, Maria Francisca, *Governance, um Caminho para a Segurança Cooperativa*, Lisboa, UTL-ISCSP, 2001.

Sidjanski, Dusan, *O Futuro Federalista da Europa*, Lisboa, Gradiva, 1996

Silva, António Ribeiro, *Teoria Geral da Estratégia*, ed. Almedina, Coimbra, 2009.

Silva de, António Martins, *História da Unificação Europeia, a Integração Comunitária (1945-2010)*, Imprensa da Universidade de Coimbra 2010

Sondermann, Fred A., William C. Olson e David S. McLellan, *The Theory and Practice of International Relations*, Prentice-Hall, EUA, 1983.

Staniforth Maxwell, Marco Aurélio, *Meditações* Edição da Penguin Books,

Stobart, J. C. *A Grandeza que Foi Roma*, ed. Pinguim, 1912.

T

Touraine, Marisol, *Le Bouleversement du Monde. Géopolitique di XXI^e siècle*, Editions du Seuil, Paris, 1995.

Z

Zimmerman, Joseph F., *The Neglected Dimension of Federalism – Interstate Relations*, London, Praeger, 1996.

The Soviet Roots of European Integration - Our Slogan is a World-wide Soviet Union -Anthem of the Comintern 1938

Outros

Estudos de Conjuntura Internacional, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000.

A Crise das Fronteiras, Lisboa, Edições Cosmos, 1997.

Géopolitique de l'Europe, Editions Nathan 2 edition

Outras fontes

Relatório final do Parlamento Europeu 2001 A5-0264/2001 PAR 1

Programa de Televisão da RTP, Prós e Contras, 19 de Maio de 2009

Fontes da internet

http://cpwfbfp.pbworks.com/f/Keynote-Climatechange_BRSHARMA_.pdf 17-05-2011

<http://pt.mondediplo.com/spip.php?article141> 17-05-2010.

http://www.policiaeseguranca.com.br/cia_brasil.htm 20-10-2011

<http://www.brusselsjournal.com/node/865> 07-10-2011

<http://www1.ionline.pt/conteudo/103837-custos-com-abortos-podem-ascender-aos-100-milhoes-euros> 10-11-2011.

http://www.luso-arabe.org/pt/artigos/islamismo_politica_religiao.html

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=244> 07-11-2011

<http://www.historiadomundo.com.br/turca/mapa-do-imperio-otomano.htm> 07-11-2011

<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/biography/Saladin.html> 15-11-2011

<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/conflitos-norte-africa-orientemedio-libia-egito-kadafi-mubarak-623671.shtml> 15-11-2011

http://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%81rabe 15-11-2011

<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2051361/GADDAFI-DEAD-VIDEO-Dictator-begs-life-summary-execution.html> 15-11-2011

<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,al-qaeda-e-sectarismo-ameacam-estabilidade-no-egito-dizem-analistas,662967,0.htm> 06-01-2011

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,14822422,00.html> 15-11-2011

<http://pt.euronews.net/2011/02/11/os-egipcios-celebram-a-queda-do-regime/>

<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2011/feb/02/who-is-behind-egyptian-protests> 10-11-2011

http://www.rupturafer.org/index.php?option=com_content&view=article&id=211:abaixo-a-intervencao-imperialista-no-orientemedio-e-norte-da-africa-abaixo-kadafi-e-todas-as-ditaduras-arabes-viva-a-revolucao-arabe&catid=106:orientemedio&Itemid=546 10-11-2011

<http://www.historiadomundo.com.br/arabe/arabe-iberica.htm> 15-11-2011

http://www.libanoshow.com/home/cultura_arabe/iberica.htm 15-11-2011

<http://www.youtube.com/watch?v=pGkXfBrVzcg&feature=related> 16-11-2011

-
- http://www.americanthinker.com/2011/04/iran_nukes_and_chinas_inroads.html 17-11-2011
- <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,суica-proibe-construcao-de-minaretes-e-e-criticada-no-externo,474312,0.htm> 05-11-2011
- <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/06/oriente-medio-e-norte-da-africa-vivem-situacao-indefinida-apos-revoltas.html> 29-10-2011
- <http://www.publico.pt/Mundo/11-de-marco-espanha-mergulha-na-memoria-dos-que-morreram-1217878> 16-11-2011
- <http://www.publico.pt/Mundo/11-de-marco-espanha-mergulha-na-memoria-dos-que-morreram-1217878> 16-11-2011
- http://ec.europa.eu/publications/booklets/eu_glance/44/pt-1.pdf 20-09-2011
- http://www.washingtonmonthly.com/political-animal/2011_07/murdoch_media_scandal_intensif030784.php 06-10-2011
- http://europa.eu/pt/libros_treaty/glance/democracy/index_pt.htm 06-10-2011
- <http://www.tratadodelisboa.org/senhoreuropa/o-que-e-tratado/principio-da-subsidiariedade-e-proporcionalidade.html> 06-10-2011
- <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/06/oriente-medio-e-norte-da-africa-vivem-situacao-indefinida-apos-revoltas.html> 29-10-2011
- http://www.ppgci.ufrj.br/acoincete/seminario_internacional/ 01-11-2011
- <http://www.estadao.com.br/noticias/economia,madoff-se-declara-culpado-de-fraude-nos-eua-e-volta-a-cadeia,337633,0.htm> 25-10-2011
- <http://economia.ig.com.br/mercados/nos+eua+119+banco+ja+faliram+em+2010/n1237773440137.html> 24/10/2011
- <http://br.noticias.yahoo.com/movimento-dos-indignados-adquire-dimens%C3%A3o-planet%C3%A1ria-142910102.html> 24/10/2011
- <http://www.publico.pt/Mundo/indignados-querem-revolucao-na-city-de-londres-1518718> 29-10-2011
- <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,al-qaeda-e-sectarismo-ameacam-estabilidade-no-egito-dizem-analistas,662967,0.htm> 13-11-2011
- <http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=945> 13-11-2011
- <http://pfp.ethz.ch> Partnership for Peace, curso de E-learning PESD.
- http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1127541 09/09/2011
- <http://www.mne.gov.pt/mne/pt/infopolitica/ue/pesc/> 28-09-2011
- http://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/docs/mailling/file971.PDF 25-12-2011
- <http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gm.html> 25-12-2011
- <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/fr.html> 25-12-2011
- Cia FactBook, Reino Unido, <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/uk.html> 25-12-2011

<http://www.diariodarussia.com.br/internacional/noticias/2011/11/03/russia-se-dispoe-a-prestar-ajuda-financeira-a-europa/> 11/4/2011
<http://pt.euronews.net/2011/09/08/dmitri-medvedev-a-situacao-na-siria-nao-deve-ser-idealizada/> 11/4/2011
<http://port.pravda.ru/russa/20-07-2009/27537-basetartus-0/> 11/4/2011
<http://diplomatie.uol.com.br/acervo.php?id=1025&tipo=acervo&PHPSESSID=ynookxhp> 29-11-2011
http://jornalodiabo.blogspot.com/2010/02/fogo-amigo-por-antonio-marques-bessa_09.html 07-12-2011
<http://aeiou.expresso.pt/grecia-ameaca-sair-da-zona-euro=f647407> 22-09-2011
<http://aeiou.expresso.pt/alemanha-oculta-5-bilhoes-de-divida=f675957#ixzz1Yns8VBna> 23-09-2011
<http://www.portugues.rfi.fr/node/61355> 27-12-2011
<http://stats.oecd.org/Index.aspx?QueryName=427&QueryType=View&Lang=en>
01/06/2012

Revistas

Foreign Affairs.

Instituto Português da Conjuntura Estratégica, volumes; I, II, IX, XIII, XV, XVII, XVIII.

Estudos Políticos e sociais, ISCSP 2001

Conferencias

CIWA, Competitive Intelligence/ Academia Militar

“Ciberespaço: contributos para uma Estratégia da Informação Nacional” 04 Junho 2008

“Dinâmicas de Negociação em Organizações Internacionais” 17 a 19 Junho 2008

“Building Network-Enabled Communities” 15-17 Julho 2008

“Operações Baseadas em Efeitos” 08 Outubro 2008

“Complexidade e Agilidade em Comando e Controlo” 03 Março 2009

ISCSP, *Intelligence Studies* 2008

Orientadas pelo Professor Pedro Borges Graça

"Intelligence Studies nas RI" Prof Doutor Pedro Borges Graça

"A minha passagem pelas Informações e Segurança" Cor. Silva Ramos

"Tendências actuais da espionagem Económica" Prof Doutor António Rebelo de Sousa

"A importância da Atividade Operacional nos Serv. Informação" Cmd Pedro Serradas

"Criptografia Quântica, a criptografia do XXI?" Prof DR Yasser Omar

"As Informações em Portugal após o 25 de Abril" Prof DR Ladeiro Monteiro

"A Exploração Operacional da Intel na Marinha" Cmd. Luis Sousa Pereira

"A Informação e as Informações" Gen. Renato Marques Pinto